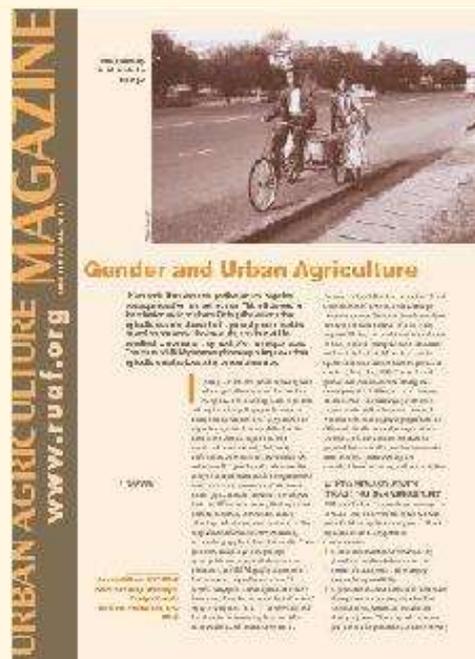


Gênero e agricultura urbana



Sumário

- 2 Apresentação
- 7 Editorial: Dimensão de gênero e agricultura urbana
- 15 Gênero, agricultura urbana e política - um testemunho
- 17 A questão do gênero na agricultura urbana na Grande Gaborone, Botsuana
- 22 Agricultura urbana em Rosário: oportunidade para a igualdade de gênero
- 25 Nossa realidade diária: hortas domésticas urbanas orgânicas em Lima, Peru
- 29 Quando as mulheres decidiram cultivar suas hortas
- 31 Gênero na horticultura em áreas irrigadas urbanas em Gana
- 37 As mulheres na agricultura urbana na África Ocidental
- 41 Gênero, água e agricultura urbana
- 45 Capacitando as mulheres para acessarem mercados na periferia urbana
- 52 Mulheres e agricultura periurbana na zona de "Niayes", no Senegal
- 57 Mulheres na agricultura periurbana senegalesa: o caso de Touba Peycouck
- 61 Dimensão de gênero da agricultura urbana comercial em Lagos, Nigéria
- 65 Integração de gênero nas políticas municipais: agricultura urbana em Port Harcourt, Nigéria
- 68 Criação urbana de animais e gênero em Adis Abeba, Etiópia
- 72 Análise de gênero da agricultura urbana em Kampala, Uganda
- 76 Gênero e acesso à terra para agricultura urbana em Kampala, Uganda
- 81 Agricultura urbana e periurbana na Namíbia
- 85 Perspectivas de gênero na agricultura periurbana no Nepal
- 89 Mulheres piscicultoras nas periferias de Kolkata
- 91 Agricultura urbana, organização familiar e autonomia feminina ao sul da cidade do México
- 95 Livros de interesse
- 97 Sítios de interesse
- 99 Eventos de interesse

Apresentação

Editorial: Dimensão de gênero e agricultura urbana

Joanna Wilbers, Alice J. Hovorka e René van Veenhuizen

Gênero, agricultura urbana e política - um testemunho

Shingirayi Mushamba

Como um grupo de mulheres organizadas conseguiu que o prefeito de Marondera, no Zimbábue, solicitasse ao autor que identificasse áreas na cidade para a prática da agricultura, e como as conseqüências foram bem além do que todos imaginavam.

A questão do gênero na agricultura urbana na Grande Gaborone, Botsuana

Alice J. Hovorka

A agricultura urbana na Grande Gaborone tem um caráter predominantemente comercial, pois a maior parte da produção é vendida nos mercados da cidade. Ela não emergiu como uma resposta às condições de carência dos pobres da cidade, mas antes como uma conseqüência planejada de um ambiente político e econômico favorável. Três dimensões fundamentais da agricultura urbana na Grande Gaborone a tornam um interessante caso a ser estudado e muito rico em aspectos que levam a novas percepções sobre as relações de gênero: ela é predominantemente comercial; ela é reconhecida formalmente; e dela participam homens e mulheres em quantidades praticamente iguais. Esse artigo oferece uma visão geral das conclusões de pesquisas realizadas na Grande Gaborone.

Agricultura urbana em Rosário: oportunidade para a igualdade de gênero

Gunther Merzthal

Esse artigo é um resumo adaptado de uma pesquisa-diagnóstico sobre os papéis e funções das mulheres na agricultura comunitária na cidade de Rosário. O estudo foi realizado em outubro de 2003 por representantes dos setores de emprego, mulheres, e agricultura urbana do Departamento de Promoção Social da Prefeitura de Rosário e da ONG Rima.

Nossa realidade diária: hortas domésticas urbanas orgânicas em Lima, Peru

Tasso Hetterschijt

Lima é conhecida historicamente como a Cidade Jardim. Entretanto, a julgar pela atual falta de áreas verdes, é até difícil imaginar como ela ganhou essa fama. Cultivar a terra no deserto peruano, com uma precipitação anual de 25mm é muito difícil. As pessoas desenvolveram uma série de estratégias para irrigar suas colheitas, usando as águas do rio Rimac e água encanada. Conseqüentemente, a agricultura urbana tem muitas faces em Lima. Os meios de vida dos agricultores urbanos são muito dinâmicos, e as atividades desenvolvidas pelos diferentes membros da família mudam rapidamente. O processo de urbanização e a redução da população rural no Peru avançaram dramaticamente nos últimos 60 anos. Hoje, quase ¾ da população peruana vive em áreas urbanas e periurbanas. Como resultado, os recursos e serviços que as cidades devem oferecer a seus moradores, como saúde, educação, emprego, acesso a comida e à água saudável, saneamento etc., estão sendo crescentemente super-demandados e à beira da ruptura. A agricultura urbana cresceu rapidamente nas últimas décadas na região metropolitana de Lima, trazida principalmente pelos migrantes. Esse contexto levou a Associação por Recursos para o Desenvolvimento a promover o plantio de hortas comunitárias, na região sul da cidade como um meio de combater a fome e a nutrição insuficiente. O trabalho da ARD focaliza o aspecto “gênero em desenvolvimento”, através do qual é feito um esforço para analisar os papéis e as necessidades dos homens e das mulheres de modo a fortalecer essas últimas.

Quando as mulheres decidiram cultivar suas hortas em Lima

Marta de Olarte

Gênero na horticultura em áreas irrigadas urbanas em Gana

Emmanuel Obuobie, Pay Drechsel, George Danso e Liqa Raschid-Sally

Como em muitas cidades dos países da África Ocidental, os homens dominam na agricultura praticada em espaços abertos urbanos de Gana, principalmente na produção irrigada em grandes áreas livres. A natureza pesada de muitas tarefas típicas da produção agrícola, como a limpeza do terreno e o revolvimento da terra, é a principal razão dada pelos agricultores (tanto homens quanto mulheres) para explicar por que os homens dominam nas atividades desse setor da economia informal das cidades ganenses. Verificou-se que as mulheres dominam o setor da comercialização dos produtos da agricultura urbana, e isso é em parte devido à tradição do país, no qual o comércio é em geral trabalho de mulher, mas também por que as mulheres ganenses percebem a venda de alimentos como mais lucrativa e menos arriscada do que a produção agrícola.

As mulheres na agricultura urbana na África Ocidental

Angelika Kessler, Friedhelm Streiffeler e Emmanuel Obuobie

Tradicionalmente, em muitas sociedades da África Ocidental, as mulheres cultivam hortaliças nativas em volta de suas casas. Entretanto, nos países de colonização francesa dessa mesma região, as hortaliças típicas do clima temperado da Europa foram introduzidas nos países durante a era colonial, e os prisioneiros e soldados franceses (todos homens) eram obrigados a plantá-las. Esse artigo descreve os resultados de dois estudos na África Ocidental, focando na produção de hortaliças nativas praticada pelas mulheres.

Gênero, água e agricultura urbana

Felicity Chancellor

A pobreza urbana é um problema crescente. Cerca de 70% dos pobres do mundo são mulheres, muitas das quais viúvas ou mães solteiras, com a responsabilidade de alimentarem seus filhos e anciões. A produção de alimentos em pequena escala como parte de um conjunto de oportunidades é vital para a sobrevivência dos mais pobres e portanto especialmente das mulheres pobres das cidades. O clima social, cultural e econômico da cidade molda os modos pelos quais homens e mulheres podem usar a agricultura urbana e se beneficiar dela. Os dois estudos referidos neste artigo fornecem uma análise de gênero rudimentar como base para se discutir como a agricultura urbana beneficia de fato as pessoas mais envolvidas nela.

Capacitando as mulheres para acessarem mercados na periferia urbana

Sangeetha Purushothaman, M.S. Subhas e Mitali Nagrecha

Na periferia das cidades costumam ocorrer grandes mudanças nos meios de vida e no uso da terra. A expansão das cidades, estimulada pela globalização e privatização, vem colocando riscos crescentes para os meios de vida existentes bem como oportunidades para o surgimento de novos meios de vida voltados para os empregos e mercados urbanos. Os tomadores de decisões nos órgãos governamentais urbanos e rurais e nas agências de desenvolvimento precisam reconhecer essas mudanças que já estão ocorrendo, e responder de modo a garantir que elas produzam oportunidades para novas formas de sustento para os pobres periurbanos e rurais. Este artigo discute algumas práticas recentes que abrem muitas e amplas possibilidades para os pobres e para as mulheres.

Mulheres e agricultura periurbana na zona de "Niayes", no Senegal

Maty Ba Diao

A zona periurbana dos Niayes, no Senegal, tem uma longa tradição de horticultura comercial e produção de frutas e flores em combinação com a criação de animais em pequena escala, voltadas para os mercados urbanos e também para o auto-consumo. Poucas pesquisas foram feitas sobre as questões de gênero na agricultura do Senegal. Neste artigo, o papel das mulheres na agricultura periurbana nos Niayes do Senegal é descrito, baseado em estudos de caso, indicando-se as limitações e as necessidades a serem atendidas em futuras pesquisas.

Mulheres na agricultura periurbana senegalesa: o caso de Touba Peycouck

Nathan C. McClintock

No Senegal, a agricultura urbana cresceu rapidamente em resposta à natureza frágil da segurança alimentar nas cidades e para atender as necessidades de uma população urbana em rápida expansão. O acesso inadequado à terra, a insegurança quanto à posse da terra, e a carência de água e de estrume tornam a agricultura urbana cada vez mais difícil, particularmente para as mulheres cujo acesso à terra e ao capital é ainda mais limitada por uma série de fatores socioeconômicos.

Dimensão de gênero da agricultura urbana comercial em Lagos, Nigéria

A alta taxa de pobreza entre os lares urbanos, as responsabilidades de prover o pão familiar recaindo cada vez mais sobre as mulheres, e o potencial da agricultura urbana para ajudar a melhorar a segurança alimentar dos pobres são os fenômenos que tornaram essa prática uma atividade crucial hoje em Lagos. Entretanto, o acesso inadequado à terra, a falta de implementos adequados e a carência de água para irrigação, entre outros problemas, continuam sendo obstáculos para o uso de práticas agrícolas mais eficientes. As mulheres tendem a ser mais severamente afetadas por esses problemas e, conseqüentemente, elas predominam nas atividades agrícolas urbanas menos lucrativas. Infelizmente, as iniciativas esperadas para reduzir as disparidades de gênero nos processos de produção comercial de alimentos, aumentar os lucros das mulheres e estimular que elas poupem e invistam, permanecem na fase inicial. Esse documento analisa criticamente a peculiaridade dos desafios de gênero na produção urbana de alimentos em Lagos, e oferece algumas considerações na área de políticas públicas.

Integração de gênero nas políticas municipais: agricultura urbana em Port Harcourt, Nigéria

Yomi Oruwari e Margaret Jev

A integração da dimensão de gênero nas intervenções do planejamento melhora os programas e as políticas públicas, especialmente aquelas voltadas para os pobres das áreas urbanas. O planejamento do uso da terra urbana e o envolvimento do aspecto do gênero são questões importantes na Nigéria, atualmente, ligadas à utilização efetiva das terras urbanas. Dentro e ao redor da cidade de Port Harcourt, as áreas até há pouco agrícolas estão sendo substituídas por atividades de desenvolvimento tipicamente urbanas ou industriais, especialmente empreendimentos imobiliários e exploração de óleo mineral (?). Nesse processo, a inabilidade dos planejadores urbanos em atender as crescentes necessidades dos produtores urbanos, especialmente das mulheres que produzem hortaliças frescas e frutas perecíveis, é visível e precisa ser revertida.

Criação urbana de animais e gênero em Adis Abeba, Etiópia

Azage Tegegne

A produção urbana de animais desempenha um papel substancial na segurança alimentar dos moradores das cidades. Mesmo assim, os criadores urbanos de animais recebem pouca atenção em termos de políticas favoráveis ou de apoios institucionais e técnicos que atendam suas necessidades. Na Etiópia, as mulheres são responsáveis pela produção de 70% dos alimentos de origem animal. O processamento do

leite e as atividades de comercialização são trabalhos feitos principalmente por mulheres, enquanto que a compra e a venda dos animais é uma responsabilidade tipicamente masculina. As mulheres trazem sua importante contribuição para a segurança alimentar por meio das longas horas que gastam cuidando dos animais e processando e vendendo os seus produtos.

Análise de gênero da agricultura urbana em Kampala, Uganda

Grace Nabulo, George Nasinyama, Diana Lee-Smith e Donald Cole

Esse artigo descreve uma pesquisa com 250 agricultores que produzem alimentos em antigos lixões e em alagados que recebem águas servidas na periferia de Kampala. Os questionários foram desenvolvidos com a ajuda das diretrizes do IDRC sobre métodos de análise de gênero. O estudo busca descrever a distribuição das atividades e dos recursos, benefícios e riscos da agricultura urbana conforme o gênero. Ele mostra que o principal benefício motivador da agricultura urbana em Kampala é a alimentação e que as mulheres sofrem mais com a falta de segurança com relação ao acesso e à posse da terra do que os homens. As mulheres costumam ser empurradas para cultivarem as terras mais contaminadas, tornando-as - e suas famílias - mais vulneráveis aos riscos à saúde associados às práticas agrícolas urbanas em solos contaminados e usando água poluída.

Gênero e acesso à terra para agricultura urbana em Kampala, Uganda

Juliet Kiguli e Lillian N. Kiguli

A agricultura urbana está se tornando uma fonte cada vez mais importante de renda e de alimentos para a população urbana de Uganda. As mulheres têm pouco acesso à terra, como também acontece com os jovens migrantes pobres e marginalizados. Não existe um marco legal nem político que proteja os produtores urbanos e especialmente as mulheres. Apesar de alguns obstáculos culturais, Uganda adaptou ações afirmativas para melhorar as relações de gênero. Pressões e promoção nos níveis individual e organizacional são importantes para melhorar o acesso à terra e ao microcrédito.

Agricultura urbana e periurbana na Namíbia

S.J. Dima e A.A. Ogunmokun

Na Namíbia, a urbanização alcançou níveis explosivos desde a independência, em 1990, paralelamente à migração em massa das populações rurais para as áreas urbanas em busca de emprego. Sendo o país mais seco da África, a base agrícola da Namíbia é fraca. A maior parte das hortaliças e frutas vendidas nos centros urbanos da Namíbia é importada da África do Sul. Apesar dessas desvantagens, atividades intensivas de agricultura urbana, tanto com fins comerciais quanto de auto-consumo, são praticadas nos quintais, nas áreas livres maiores, e ao longo dos rios. Existe pouca informação disponível sobre essa atividade. Um estudo foi então conduzido para coletar, sintetizar e analisar toda a informação disponível sobre duas municipalidades na Namíbia: Windhoek e Oshakati.

Perspectivas de gênero na agricultura periurbana no Nepal

Kanhaiya Sapkota

A agricultura periurbana é praticada tradicionalmente no Nepal. Enquanto que a agricultura rural é predominantemente orientada para a subsistência, a agricultura dentro e ao redor das cidades é antes voltada para o mercado urbano. No Nepal não existem políticas regulando a agricultura periurbana. Manahara, a área mais baixa do distrito de Bhaktapur, localizado no vale do Kathmandu, é bem típica. Adequada para plantios em qualquer época do ano, a terra é cultivada principalmente para a produção intensiva de hortaliças. Localizada perto dos maiores centros urbanos, é a maior fonte de hortaliças perecíveis para a população da cidade, e os produtores têm fácil acesso a insumos.

Mulheres piscicultoras nas periferias de Kolkata

Madhumita Mukherjee, Rajarshi Banerjee, Arindam Datta, Soma Sen e Basundhara Chatterjee

As áreas alagadas a leste de Kolkata são reconhecidas como um ecossistema altamente produtivo e gerador de renda e emprego. Ele ajuda a limpar o meio ambiente da cidade e age como um agente catalítico para transformar os resíduos orgânicos urbanos em proteínas, na "AquaZone", com a produção de hortaliças, frutas, mudas etc. Ali, as mulheres de Bengala participam ativamente em várias atividades geradoras de renda para suas famílias. O projeto descrito nesse artigo foi implementado para desenvolver uma maior compreensão das tendências em desenvolvimento da piscicultura e suas implicações para a comunidade de piscicultores periurbanos de Kolkata. Um segundo objetivo foi investigar uma estratégia correta para fortalecer a participação efetiva das mulheres. O estudo foi feito em três sistemas periurbanos diferentes.

Agricultura urbana, organização familiar e autonomia feminina ao sul da cidade do México

Fernando Neira Orjuela

Este artigo é o resumo de uma tese de doutorado desenvolvida em San Luis Tlaxiátemalco, uma cidade na região de Xochimilco, na zona sul da Cidade do México, com uma população de 12.553 habitantes. Muitas microempresas agrícolas têm se formado na região para produzir hortaliças em estufas. Isso já se provou ser uma estratégia válida para as famílias dos produtores gerarem renda, e também serviu para aumentar a capacidade de decidir e a liberdade de movimentos das mulheres, **desenvolvendo a sua autonomia.**

Editorial

Gênero e Agricultura Urbana

Joanna Wilbers - ETC RUAF

Alice Hovorka - Departamento de Geografia,

Universidade de Guelph, Canadá

René van Veenhuizen - ETC RUAF

Fotos: Azage Tegegne

A agricultura urbana pode ter efeitos positivos e/ou negativos para homens e mulheres, dependendo da situação e de várias condições. As informações sobre a agricultura urbana demonstram que ela geralmente tem impacto positivo na segurança alimentar das famílias, beneficiando portanto as mulheres - já que na maior parte das vezes são elas as responsáveis por alimentar seus familiares. Esta edição da Revista de Agricultura Urbana analisa esse aspecto mais de perto, explorando como a agricultura urbana se relaciona com as dinâmicas de gênero existentes nas várias sociedades.

Inicialmente, o foco das pessoas que trabalham na promoção da agricultura urbana estava na necessidade de maior reconhecimento dessa atividade e sua inclusão na agenda de políticas públicas dos governos. Agora, depois que muitas municipalidades já reconheceram a sua importância, a atenção mudou para a integração da agricultura urbana no desenvolvimento municipal, com a consciência de que muitos interessados diferentes estão envolvidos nessa questão, e de que é necessário considerar a questão de gênero nas análises e implementações. Independentemente de serem os homens ou as mulheres quem predomina na agricultura urbana - nesta edição fica claro que isso varia de país para país - é importante focar a pesquisa, as políticas e o planejamento das ações tanto neles quanto nelas, e enfatizar as diferenças entre eles e elas, reconhecendo sua diversidade inerente. Essas percepções orientadas pela dimensão do gênero vão ajudar a formulação de intervenções apropriadas e relevantes. Sendo assim, esta edição da Revista vai tentar encontrar respostas para questões como “se as mulheres se engajam na agricultura urbana mais do que os homens, isso melhora ou piora sua situação? Por que? (ou por que não?)”, e “se a melhoria da situação é tão necessária, como pode ser obtida por homens e mulheres?”.

A questão do gênero pode ser definida como a construção dos papéis e relações sócio-culturais entre homens e mulheres. A análise de gênero envolve o exame desses papéis e responsabilidades, sua distribuição entre homens e mulheres, e o status social com relação às percepções culturais locais de masculinidade e feminilidade que delineiam o acesso às oportunidades e aos recursos em um contexto específico (Hovorka, 1998). A noção de gênero tem sido aceita ao longo das atividades de desenvolvimento, mas nem sempre ela é compreendida do mesmo modo. Um foco nas relações de poder entre homens e mulheres, por exemplo, é muito significativo para as variadas situações que se apresentam na agricultura urbana.



Produtores periurbanos de leite vendem seu produto aos moradores da cidade

A dimensão do gênero, portanto, deve ser utilizada como uma ferramenta analítica essencial para revelar as complexidades das atividades agrícolas nas cidades.

Por que homens e mulheres se engajam na agricultura urbana?

Em todo o mundo, milhões de moradores urbanos encontraram meios para produzir alimentos nas vilas e cidades sem qualquer apoio ou reconhecimento oficial. A agricultura urbana tem muitas características positivas, pois ela:

- melhora a segurança alimentar, já que seus produtos são menos sujeitos às flutuações de preço no mercado, ajudando assim as mulheres que são, na maioria das vezes, as responsáveis pela alimentação de suas famílias.
- gera rendas adicionais, com as vendas dos excedentes e com a economia de dinheiro na compra de alimentos, que pode então ser gasto em outras necessidades. Esta vantagem ajuda as mulheres a terem mais independência, mas também atrai os homens, principalmente os jovens migrantes, como nos casos da Nigéria, Uganda e Gana.
- motiva os homens e as mulheres a irem além dos cultivos de subsistência e se engajarem em empreendimentos profissionais relacionados com a produção, o processamento e a comercialização de alimentos em pequena escala ou outros microempreendimentos lucrativos ligados à agricultura urbana.
- pode ser praticada em combinação com outras tarefas e perto de casa, o que é especialmente importante para as mulheres.
- exige apenas pouco capital, tecnologia e insumos, estando portanto ao alcance das famílias pobres, dos jovens migrantes e das mulheres com poucos recursos e educação (ver os casos de Uganda e Nigéria).
- Ela estimula as práticas agrícolas e culinárias tradicionais e nativas.

O engajamento dos lares urbanos na agricultura pode ser dividido geralmente em dois cenários. No primeiro cenário, famílias se mudam da área rural para a urbana trazendo seu conhecimento das práticas rurais, ou simplesmente continuam a cultivar em suas terras de sempre, enquanto que a cidade mais próxima vai se expandindo e transforma em urbano o ambiente até então rural. No segundo cenário, famílias urbanas já há muito estabelecidas em cidades se envolvem com a agricultura por escolha ou necessidade. Os artigos sobre o Nepal e a Índia (Kolkata) descrevem o primeiro tipo de situação e como os papéis dos homens e mulheres produtores vêm mudando conforme as famílias mudam do ambiente rural para o urbano. É importante compreender exatamente o que ocorre e como essas mudanças surgem. Os artigos sobre a Argentina e o Peru descrevem como famílias há muito urbanizadas passam a se dedicar à agricultura e como seus homens e mulheres adotam diferentes papéis. Em ambos os casos, o trabalho das mulheres na agricultura urbana é sempre bem exigente, mas nem por isso o peso das demais tarefas e responsabilidades domésticas delas diminuiu.

Palacios (2003), concordando com Moser, sugere a diferenciação entre necessidades/interesses práticos e estratégicos. As necessidades ou interesses práticos são aqueles imediatamente relacionados com inadequações nas condições básicas de vida, como por exemplo conseguir comida, água, cuidados com a saúde e rendimentos.

Satisfazer essas necessidades não implica em mudanças nas relações de gênero.

Já as necessidades ou interesses estratégicos estão relacionados com a divisão do trabalho, do poder e do controle entre os dois sexos, e podem incluir questões como direitos legais, erradicação da violência doméstica e igualdade dos salários. Ao satisfazer suas necessidades estratégicas, as mulheres melhoram suas condições e alcançam maior equidade, trazendo mudanças nos papéis até então existentes, ou seja, mudanças na dimensão do gênero. As necessidades práticas e estratégicas estão naturalmente inter-relacionadas, e o envolvimento na agricultura urbana pode contribuir para satisfazer as necessidades em ambos os níveis.

Existe uma noção geral de que mais mulheres do que homens trabalham na agricultura urbana, embora esta edição mostre que esse não é o caso em muitos países (como na África Ocidental). O predomínio das agricultoras urbanas mulheres em outras partes da África é explicado muitas vezes pelo fato de que as mulheres ainda assumem a principal responsabilidade pela alimentação e o bem estar de suas famílias. As mulheres também tendem a ter menor nível educacional do que os homens, e portanto mais dificuldade para conseguir um emprego no mercado formal (Hovorka, 2003). Homens e mulheres podem diferir fortemente em suas preferências e prioridades com relação a seus principais papéis e responsabilidades, por exemplo, com relação às finalidades de sua produção (para consumo ou para venda), locais preferidos para instalar seus plantios (mulheres com crianças pequenas preferem lotes mais perto de suas casas), modo preferido de produção (um só cultivo ou vários paralelamente), etc.

Especialmente as mulheres casadas e as crianças se beneficiam muito ao se envolverem com a agricultura urbana. É uma atividade que pode ser praticada perto de casa, com pouco dinheiro, e que se combina bem com as principais responsabilidades das mulheres. As mulheres casadas podem ter ainda outras razões para se engajarem na agricultura urbana, além de apenas melhorar a dieta familiar. Por exemplo, a agricultura urbana está dentro dos limites culturalmente aceitáveis como iniciativa condizente com as mulheres, que, ao terem acesso a fontes de renda próprias, têm fortalecidas as suas posições nos conflitos domésticos. Por cultivarem sua própria comida, as mulheres basicamente tendem a focar na economia familiar propiciada pela redução das compras de alimentos, mas por várias razões muitas delas podem preferir se tornarem ativas em outro setor informal urbano - como na comercialização, para evitarem os riscos das operações agrícolas (como em Gana), ou focar mais na geração de renda (por exemplo, se os produtos não são considerados seguros para o consumo da família, como em Uganda). Claramente, essas considerações variam conforme o local e a época, e dependem do contexto específico.

As seguintes questões podem ser consideradas como muito importantes quando se analisam as relações de gênero e a agricultura urbana.

Acesso e controle dos recursos

Aqui, duas questões relacionadas podem ser percebidas: o acesso aos recursos produtivos, incluindo terra, crédito, mão-de-obra e informação (e o controle sobre eles), e o acesso aos benefícios da produção (e também o seu controle). A segunda questão será menos abordada nesta edição da Revista de Agricultura Urbana.

Embora tanto os homens quanto as mulheres enfrentem limitações com relação ao acesso à terra, as mulheres estão em mais desvantagem ainda, por que elas tradicionalmente têm menos acesso à terra e menos controle sobre ela do que os homens. Os homens tendem a ter o direito de escolher primeiro qualquer área de terra livre, o que deixa às mulheres apenas as terras de pior qualidade (como em Uganda e Nigéria), ou cuja posse é menos firme, e que estão localizadas mais longe de suas casas. O tempo e o esforço físico envolvidos nas viagens é então considerável, e um obstáculo para muitas mulheres - principalmente as mais velhas ou as com crianças pequenas.

Cultivar lotes inseguros e distantes também aumenta os riscos para as mulheres agricultoras (como apontado na Índia e na Nigéria). Portanto é importante reconhecer que aumentar o acesso à terra desse modo não resolve o problema do acesso desigual às terras urbanas entre mulheres e homens (Hovorka, 1998).

Existem vários fatores externos que podem ter forte efeito nas relações de gênero na agricultura urbana. O acesso desigual à terra, à mão-de-obra, à informação etc., entre homens e mulheres, é altamente influenciado por estruturas ou processos no nível macro. As condições socioeconômicas estão na raiz do envolvimento (ou do não envolvimento) na agricultura urbana; por exemplo, as normas sociais e culturais, o nível de desemprego, ou o risco que as mulheres aceitam correr em diferentes situações econômicas (como na África Ocidental). Visões culturais determinam os papéis que as mulheres e os homens devem ter e quais responsabilidades dentro do lar que elas e eles têm, ou devem ter. Esse fato é bem evidenciado no artigo sobre Gana. O efeito de costumes herdados e das leis e normas que regem os direitos à terra é quase sempre desfavorável para as mulheres. Frequentemente as tradições, mais do que as leis, impedem as mulheres de herdarem e controlarem a terra e os animais em bases iguais às que beneficiam os homens, mas essas situações estão mudando com a urbanização, e as mulheres vão assumindo papéis mais variados, como no Nepal e na Índia. A esse respeito, a expressão “contratos de gênero”, introduzida por Lee-Smith (1997), pode ser definida como diferentes conjuntos de regras sociais que mascaram os acordos invisíveis que governam homens e mulheres no que podem ou não podem fazer, e que são encontrados em qualquer sociedade.

Outros fatores são as políticas locais e nacionais, o sistema educativo, os fatores ambientais e as organizações voluntárias, como as ONGs e as organizações de base comunitária.

É importante olhar de perto as relações de poder influenciadas pelo gênero nos arranjos legais, e verificar a força e a segurança na posse da terra com relação aos dois sexos. As mulheres muitas vezes têm direitos de uso renovável (podem, por exemplo, colher as folhas de certas árvores), enquanto que os homens têm direitos de uso consumptivo (podem colher as próprias árvores). Os recursos podem ser divididos em diferentes categorias, e as mulheres e os homens podem ter diferentes graus de controle sobre cada uma dessas categorias.

Além das diferenças de gênero no acesso aos recursos produtivos dentro das famílias, podemos também encontrar diferenças baseadas no gênero entre chefes-de-família homens e mulheres. Frequentemente, a mulher chefe-de-família tende a possuir recursos de pior qualidade que resultam em produção menor (como em Uganda e Etiópia). Outra desvantagem importante para as mulheres chefes-de-família é o fato de que as mulheres agricultoras tendem a limitar seu tempo de trabalho nas práticas agrícolas devido a seu compromisso prioritário com as tarefas domésticas e familiares. Outra desvantagem ainda é a educação mais limitada, que significa menos oportunidade de emprego no mercado de trabalho formal e não agrícola.

As mulheres, mais do que os homens, enfrentam a falta de insumos, de capital de giro e de acesso ao conhecimento (via internet, rádio, televisão, livros, magazines) e às redes interpessoais (por exemplo: serviços de extensão, fornecedores do setor privado, consultores, vizinhos, professores/mentores, amigos, parentes). Os homens e as mulheres também diferem com relação a seus conhecimentos sobre, por exemplo, como cultivar certas safras e criar certos animais, aplicar certas práticas culturais e usar certas tecnologias. Informações limitadas sobre os insumos e tecnologias modernas também podem ser resultado do acesso mais limitado a cursos de treinamento oferecidos por instituições governamentais ou organizações não governamentais.

Também é importante notar o fato de que as mulheres se beneficiam menos dos serviços de pesquisa e extensão, que falham em considerar as diferenças relacionadas com a dimensão do gênero ligadas aos métodos de cultivo, escolha das espécies cultivadas, uso de composto, estrume ou adubo químico, etc.

Tomada de decisões

O controle dos recursos e o poder de tomar decisões estão relacionados de perto, mas são questões diferentes. O papel e o poder de negociar das mulheres nas tomadas de decisões devem ser considerados dentro da família agricultora e dentro da comunidade. O poder das mulheres de tomar decisões dentro das comunidades pode ser altamente influenciado pelo nível de organização que elas apresentem, agindo em grupo. Essas ações em grupo podem ser vistas como mecanismos cooperativos pelos quais as mulheres conseguem se unir para dispor de recursos, talentos, informações, tempo e energia (como na Argentina e no Senegal). A força das redes sociais e dos esforços cooperativos das mulheres é percebida como aspecto prioritário nas estratégias de desenvolvimento bem-sucedidas, no setor da agricultura urbana (Hovorka, 2003). As mulheres agricultoras podem participar na governança, na formulação de políticas e em grupos comunitários, ligando o ativismo social às questões de segurança alimentar urbana (ver o texto sobre o Zimbábue e os artigos sobre o Senegal e a Argentina). As atividades produtivas também podem ajudar a fortalecer a posição das mulheres dentro de suas famílias. Por exemplo, em Kampala, a agricultura representa um meio de auto-suficiência econômica.

Divisão de tarefas

A maior parte dos artigos incluídos nesta edição descreve e analisa as diferentes tarefas que os homens e as mulheres desempenham em suas famílias e nas atividades da agricultura urbana. Essa divisão de tarefas está sujeita a circunstâncias específicas para cada contexto.

Em toda cidade, a divisão de tarefas entre homens e mulheres pode depender do grupo cultural ao qual eles pertencem e ao status socioeconômico de suas famílias ou dos produtos que cultivam. Entretanto, existem similaridades óbvias. As atividades mais árduas são desempenhadas pelos homens (ver o caso de Gana), que normalmente estão mais ativamente engajados nos cultivos irrigados durante a época seca, enquanto que as mulheres estão mais envolvidas nos cultivos da época chuvosa. Em alguns casos, entretanto, como no caso do Nepal, não existe tabu contra homens e mulheres fazerem os mesmos trabalhos, a despeito dessa divisão de tarefas. Esse caso, como o do Peru, mostra mudanças nessas tarefas devidas à urbanização ou ao próprio envolvimento, ombro-a-ombro, de homens e mulheres na agricultura urbana.

As mulheres têm muitas tarefas domésticas pelas quais continuam responsáveis mesmo quando assumem tarefas produtivas na agricultura (como na Argentina) ou conseguem um emprego formal ou informal fora do lar. Frequentemente várias atividades ligadas à agricultura urbana ficam sob responsabilidade de mulheres. Também existe uma diferença na divisão de responsabilidades com relação a certas tarefas (cultivos comerciais e criação de animais maiores versus cultivos para auto-consumo e animais menores), e quando as mulheres não estão envolvidas na produção agrícola, podem predominar na comercialização dos produtos (como em Gana). O tempo é um recurso limitado, e uma estratégia efetiva para as mulheres pode ser aumentar a produção doméstica de frutas e hortaliças, não apenas para o auto-consumo da família, mas também para vender. A resposta das agricultoras às oportunidades de cultivar mais comida ou plantas para vender vai depender de quanto elas possam influenciar as decisões na família sobre os cultivos a serem realizados, a finalidade (consumo ou venda), e a distribuição dos benefícios dentro da família.

Além disso, muitas vezes as mulheres agricultoras não apenas mantêm seus papéis reprodutivos e produtivos, mas também participam na governança local e política comunitária, participando de grupos e ligando o ativismo social às questões alimentares (como em Touba Peycouck, Senegal, e em Rosário, Argentina). Independentemente da divisão de certas tarefas dentro de casa, é importante compreender que as questões de gênero também vão além do nível doméstico e têm portanto conseqüências que alcançam longe.



Produção urbana de leite

Integrando as questões de gênero

Integrar a dimensão de gênero na promoção da agricultura urbana requer um esforço combinado unindo pesquisadores, praticantes e formuladores de decisões para fortalecer as ligações entre pesquisa, programação e iniciativas de planejamento e formulação de políticas ligadas à agricultura urbana. Criar uma base sólida para integrar a dimensão do gênero na agricultura urbana requer pesquisas que explorem as questões conceituais e forneçam evidências empíricas dos diferenciais entre homens e mulheres, e freqüentemente de experiências de discriminação envolvendo o cultivo de alimentos e a criação de animais.

A análise de gênero fornece um ponto de partida para tais pesquisas. Isso envolve um processo de coleta de dados diferenciados por sexo, e uma interpretação dos resultados sensível a esta dimensão. Hovorka (2001) descreve esse processo assim:

“Primeiramente, os pesquisadores devem coletar informações relacionadas às diferentes experiências e necessidades, aos interesses e ao acesso a oportunidades e recursos tanto por parte dos homens quanto das mulheres, de modo a se estabelecer um quadro preciso do contexto local. Essa fase da pesquisa objetiva responder as perguntas “quem”, “o quê”, “quando”, “onde” e “como” funcionam os sistemas de agricultura urbana com relação às dinâmicas de gênero.

Depois, os pesquisadores devem perguntar por que tais dinâmicas ocorrem. Não é suficiente documentar as diferenças; os pesquisadores devem examinar mais a fundo e encontrar os fatores que criam e influenciam os diferenciais nas oportunidades e limitações que afetam homens e mulheres nos níveis local, regional e global.

Este último estágio é particularmente importante, por que ele permite aos pesquisadores revelarem as relações e estruturas de poder ocultas que criam os desequilíbrios e inequidades entre homens e mulheres” (Hovorka, 2001).”

Fica claro, neste número da Revista de Agricultura Urbana, que mais pesquisas e discussões, com homens e mulheres, serão necessárias para compreendermos melhor esses processos.

O desenvolvimento e implementação de métodos apropriados para a agricultura urbana são passos fundamentais para a integração da análise de gênero. A metodologia de gênero desenvolvida com ajuda do programa “Cidades alimentando pessoas” (Cities Feeding People), do IDRC (Hovorka, 1998), foi um passo importante. Esse relatório destaca questões e ferramentas de gênero bem específicas, e foi distribuído a pesquisadores e formuladores de projetos focados na agricultura urbana em todo o mundo.

O RUAF organizou uma discussão sobre tecnologias apropriadas para a agricultura urbana, em 2001/2002, incluindo questões de gênero, que foi divulgada na edição no. 5 da Revista de Agricultura Urbana. A organização de um encontro com especialistas em questões de gênero, a ser realizado ainda neste ano, é uma continuação desses esforços (ver texto abaixo). Certamente, o compromisso de incluir a análise de gênero nas pesquisas em agricultura urbana vai bem além da disponibilidade de diretrizes e instrumentos adequados. Infelizmente é difícil medir o grau em que essas ferramentas metodológicas já foram incorporadas e/ou adaptadas às pesquisas e aos projetos de desenvolvimento.

Atividades do RUAF relacionadas com a questão do gênero

Para fornecer a seus parceiros na rede RUAF informações e orientação para a identificação de estratégias que melhor integrem as questões de gênero em suas atividades, e para "gender mainstream" (?), o RUAF criou um Grupo Consultivo sobre Gênero. Esse grupo é formado por pessoas com especialidade ou experiência nas questões de gênero e agricultura em contextos urbanos. Além disso, três documentos para discussão foram preparados. O primeiro deles discute questões fundamentais relacionadas à dimensão do gênero na agricultura urbana, e oferece um quadro para ajudar a analisar tais questões. O segundo texto discute estratégias específicas de "gender mainstream" para os parceiros do RUAF. E o terceiro documento descreve uma série de técnicas que podem ser de utilidade na análise e planejamento sensíveis ao aspecto do gênero. Além disso, os parceiros do RUAF estão atualmente escrevendo estudos de caso relacionados às questões de gênero que serão úteis como insumo para o encontro de especialistas do tema a ser realizado em setembro de 2004.

As pesquisas teóricas e práticas sobre as questões de gênero na agricultura urbana fornecem uma base mais sólida para iniciativas de planejamento, programas e políticas. As pesquisas podem revelar as inequidades entre homens e mulheres, identificar os mecanismos que freqüentemente mantêm as mulheres em desvantagem, e avaliar o significado da agricultura urbana na vida cotidiana das pessoas. As pesquisas também fornecem uma base para apoiar iniciativas para, por exemplo, identificar as necessidades práticas e estratégicas dos homens e mulheres e incluí-las na formulação de planos e ações ligados à agricultura urbana. Os grupos de mulheres e suas práticas coletivas relacionadas com a agricultura urbana devem ser promovidos e envolvidos nos processos comunitários de modo que elas sejam reconhecidas como atores sociais e políticos importantes, e convertendo a agricultura urbana em uma preocupação de todos os cidadãos.

Idealmente, o planejamento ligado à agricultura urbana deveria incluir as questões de gênero - e especificamente as questões das mulheres - em dois pontos: primeiro, ajudando as mulheres a lidarem com suas circunstâncias atuais, imediatas, muitas vezes marginalizantes; e depois ajudando-as a conseguirem mudanças positivas e estruturais em suas vidas (Hovorka, 2004).

O tipo e a escala da intervenção (seja ela através de um programa, planejamento ou política), devem basear-se em uma compreensão sólida do contexto local e dos fatores estruturais que delineiam as oportunidades e limitações que afetam os produtores individuais.

Intervenções de curto prazo e localizadas podem envolver pequenas linhas de crédito ou serviços de extensão, enquanto que as intervenções de longo prazo e institucionais podem exigir mudanças mais substanciais no marco legal, na política fundiária e de uso do solo e nas normas sociais que freqüentemente marginalizam as mulheres em relação aos homens (Hovorka, 2004).

É importante reconhecer que os projetos de agricultura urbana e as políticas com ela relacionadas podem ter impactos diferentes em homens e mulheres, dependendo do grau em que o aspecto do gênero foi considerado durante o planejamento e a implementação.

Também é necessário reconhecer as desigualdades estruturais de gênero, que se manifestam na própria dinâmica da agricultura urbana. Essas questões exigem uma agenda emancipatória para promover a equidade de gênero. Integrar as questões de gênero no planejamento, políticas e programas ligados à agricultura urbana requer portanto que se inclua a emancipação (ou a transformação) como um objetivo inerente.

Para resumir, priorizar as questões de gênero requer uma combinação de esforços em várias escalas de análises e intervenções. A análise e os métodos ligados às questões de gênero são necessários na elaboração de diagnósticos e para explorar experiências, estruturas e processos associados à agricultura urbana. Mais pesquisas devem orientar as iniciativas tecnológicas e políticas adequadas. A integração da agricultura urbana na programação, planejamento e desenvolvimento de políticas requer uma compreensão sólida das questões e dinâmicas de gênero mais básicas. Esta edição especial da Revista de Agricultura Urbana fornece um passo a mais na discussão sobre “gender mainstreaming” (?).

A defesa e a promoção da agricultura urbana como uma estratégia de desenvolvimento devem necessariamente considerar as mulheres, em muitos contextos, como agentes de intervenção, mas se deve ter cuidado para considerar adequadamente o modo como esforços potencialmente bem-sucedidos podem alterar as circunstâncias atuais. É importante analisar os benefícios da agricultura urbana para os lares, especialmente para as mulheres, comparando-a com alternativas econômicas e outras oportunidades sociais que podem se tornar disponíveis através de outras iniciativas. Promover a agricultura urbana como uma estratégia de desenvolvimento viável sem entender realmente as complexidades dos sistemas existentes e vigentes pode tornar-se perigoso. (?)

Referências

- Hovorka, Alice J. 1998. Gender Resources for Development Research and Programming in Urban Agriculture. Cities Feeding People Series, Report No.26. Ottawa, Canada: IDRC.
- Hovorka, Alice J. 2001. Gender considerations for urban agriculture research. Urban Agriculture Magazine 5.
- Hovorka, Alice J. 2003. Gender and Urban Agriculture. In the Bibliography on Urban Agriculture, RUAF. www.ruaf.org
- Hovorka, Alice J. 2004. Urban agriculture: addressing practical and strategic gender needs. Unpublished manuscript (under peer review).
- Palacios, P. (2002) Why and how should a gender perspective be included in participatory processes in urban agriculture. In: Latin American Training Course on Urban Agriculture, Session 2, Proceedings. Quito: PGU-LAC.
- Lee-Smith, D. (1997) "My house is my husband" A Kenyan study of women's access to land and housing. Thesis 8. Department of Architecture and Development Studies, School of Architecture, Lund Institute of Technology, Lund University, Sweden.

Gênero, agricultura urbana e política – um testemunho

Shingirayi Mushamba - smushamba@mdpafrica.org.zw

Em 1997 eu estava trabalhando como planejador municipal na cidade de Marondera, no Zimbábue. Uma manhã, fui chamado de repente ao gabinete do Prefeito. Quando lá cheguei, não pude encontrar uma cadeira para sentar, pois a sala estava lotada de mulheres, e tive de ficar de pé escutando as instruções do Prefeito. Ele me disse que, por causa de uma apresentação sobre agricultura em áreas urbanas que eu havia feito à Câmara dos Vereadores, e por causa de meu trabalho profissional como planejador urbano, ele tinha uma tarefa urgente para mim. Ele então me apresentou às mulheres na sala. Elas eram integrantes da Liga de Mulheres de ZANU PF e tinham solicitado ao Prefeito que reservasse algumas áreas livres da cidade onde elas pudessem cultivar milho, sua principal fonte de amido, e outros alimentos.

Para mim, esse era um grupo diferente de demandantes, diferente daqueles com que eu estava acostumado a negociar. Como planejador, eu freqüentemente estava reunido com empresários de transportes, incorporadores imobiliários, engenheiros civis e empresários em busca de terras para desenvolver. Agora, eu estava tratando com um grupo de mulheres organizado politicamente que requisitava terra para praticar a agricultura dentro da cidade!

Em meu escritório, eu recolhi um mapa da cidade, e junto com um outro técnico de planejamento fomos circular por Marondera para identificar áreas nos subúrbios que pudessem ser indicadas para uso agrícola. Na época ainda não chamávamos essa atividade de agricultura urbana, mas apenas de agricultura, ou produção agrícola. Em poucos dias a nossa pesquisa estava terminada, e nós apresentamos nosso relatório ao Prefeito.



Criação urbana de frangos. Foto: Alice Hovorka

O relatório mostrava várias áreas assinaladas no mapa, indicando o número (provisório) de lotes que podiam ser implantados em cada uma delas, com seus tamanhos em metros quadrados.

O prefeito foi reeleito para um segundo mandato de quatro anos, em 2000. No final desse segundo mandato, em novembro de 2003, eu convidei o Prefeito para visitar o meu novo escritório, para o qual eu havia me mudado em 1999. Eu o convidei para lhe agradecer e desejar boa-sorte, pois havíamos trabalhado juntos muito bem. Ele me contou que quando me pediu para eu procurar terras para as mulheres cultivarem, estava agindo só “pro-forma”, por motivos políticos. Ele não tinha idéia de que iria alcançar uma população muito maior, ao disponibilizar algumas terras para aquele grupo de mulheres plantar. Nem imaginava que aquelas mulheres iriam ter grande importância em sua reeleição. Só depois, ele disse, percebeu que a agricultura urbana era uma parte importante da economia da cidade, e que trabalhando com as mulheres ele tinha capacitado as famílias a alimentarem a si mesmas.

Para mim, a instrução para encontrar terras para disponibilizar para o grupo de mulheres foi o começo de meu interesse na relação entre gênero e agricultura.

Quando eu viajei para Dar es Salaam, Tanzânia, em 2000, visitei os locais cultivados pelo projeto de promoção de hortas urbanas. Lá eu vi jovens homens e mulheres usando regadores para irrigar umas hortaliças que eles chamam de “mchicha”. De volta ao Zimbábue, eu investiguei a distribuição de papéis e responsabilidades na agricultura urbana e percebi que a maioria dos lotes era cuidada por mulheres mais velhas. Os homens se envolvem mais na hora de revolver o solo e de carregar a produção em carrinhos para vender. As mulheres fazem a maior parte do plantio, capina, adubação, irrigação, colheita e venda nos mercados.

A partir de 2001, eu comecei a trabalhar com grupos de agricultura urbana como o projeto Musikavanhu, em Harare e percebi que mais de 90% dos participantes dos grupos de agricultura urbana no Zimbábue eram mulheres.

Olhando de volta para aquela cena no gabinete do Prefeito, eu compreendi que as mulheres usaram sua presença numérica para negociar com ele, e foram ouvidas. Elas também usaram sua influência como integrantes da Liga de Mulheres de ZANU PF em sua vantagem, aumentando suas chances de acesso a recursos e apoio públicos.

Na verdade, a agricultura urbana é um setor no qual as mulheres predominam, e, no meu ponto de vista, ela lhes fornece uma oportunidade importante para fortalecer sua presença na família e na comunidade.

A questão do gênero na agricultura urbana na Grande Gaborone, Botsuana

Alice J. Hovorka - ahovorka@uoguelph.ca

Departamento de Geografia

Universidade de Guelph, Canadá

Três aspectos da agricultura urbana na Grande Gaborone fazem dela um caso interessante e enriquecedor para o estudo das questões de gênero: ela é predominantemente comercial, é reconhecida formalmente, e o número de mulheres que nela participa é praticamente igual ao de homens.

A agricultura urbana na Grande Gaborone tem um caráter predominantemente comercial, sendo a maior parte da produção vendida nos mercados urbanos. Ela não surgiu como uma resposta improvisada às difíceis condições econômicas na cidade, mas como uma reação a um ambiente econômico e político favorável, com assistência financeira governamental para os empreendedores locais, bem como por responder às tendências implícitas da urbanização (Hovorka, em revisão).



As mulheres participam igualmente na agricultura urbana comercial em Gaborone. Foto: Alice Hovorka

Cerca de 115 empresas agrícolas comerciais operam na Grande Gaborone, variando em tamanho e tipo de produção. As pessoas envolvidas com este setor econômico urbano trabalham exclusivamente com a finalidade de gerar renda. Vários estudos anteriores confirmaram isso (Molefi, 2001; Matsila, 1999; Mosha, 1999; Byerley, 1996).

Quase todas as operações de agricultura urbana na Grande Gaborone são formalmente reconhecidas, muitas delas iniciadas com investimentos governamentais, e se diferenciam assim de muitos outros contextos africanos, onde a atividade permanece informal. Setenta e quatro por cento dessas operações são registradas como companhias, com marcas comerciais próprias, de acordo com a Política de Assistência Financeira, e operam formalmente em áreas dentro ou na periferia da cidade. Os outros empreendimentos operam informalmente, mas priorizam igualmente a finalidade comercial, antes do que a mera subsistência.

Um número aproximadamente igual de homens e mulheres participa desse setor econômico urbano, com 44% dos empreendimentos de propriedade de homens, e operados por eles, e 47% de propriedade de mulheres, e operados por elas, enquanto que 9% das empresas são de propriedade de casais, e operadas por ambos os cônjuges. Essa é uma importante dimensão, já que em outros contextos africanos as mulheres são relegadas muitas vezes à agricultura de subsistência, enquanto que os homens dominam nas formas comerciais da atividade. Essas três dimensões orientaram o autor para realizar uma pesquisa inicial das relações da agricultura urbana com as dinâmicas de gênero, na Grande Gaborone, Botsuana.

Esse artigo fornece uma visão geral das conclusões tiradas desse estudo, conforme detalhado por Hovorka (2003). Os trabalhos de campo para o estudo foram realizados entre outubro de 2000 e setembro de 2001, na Grande Gaborone, que inclui a cidade de Gaborone e outras cidades incluídas em sua área metropolitana: Tlokweng, Mogoditshane, Mmopane, Gabane e Metsemotlhabe. Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com os proprietários de 109 (de um universo total de 114) empreendimentos agrícolas urbanos, 33% dos quais estão localizados dentro da própria cidade.

O acesso a esses empreendimentos foi facilitado pelos registros oficiais do Ministério da Agricultura, Registro de Empresas, Diretoria de Terras Tribais, e Departamento de Terras, bem como por meio de informantes, fornecedores e distribuidores privados, veterinários, organizações de agricultores, e observações pessoais.

O principal foco da pesquisa foi a relação entre gênero e níveis de produtividade desses sistemas de agricultura urbana comercial. Os participantes responderam a questões relativas a seus rendimentos líquidos, ao faturamento bruto, à quantidade de alimentos produzidos, bem como informaram algumas variáveis socioeconômicas, de localização e ambientais que afetavam seus empreendimentos. A análise dos dados combinou métodos quantitativos e qualitativos para dar à pesquisa significado tanto estatístico quanto conceitual.

Principais constatações

A pesquisa revelou que homens e mulheres em número praticamente igual se envolveram com a agricultura urbana e a vêem como uma oportunidade para o progresso econômico e/ou social. Ao mesmo tempo, entretanto, a discriminação de gênero e a inequidade prejudicam esse setor econômico urbano e reduzem sua contribuição potencial para a diversificação econômica local e para a segurança alimentar.

Esse número equivalente de homens e mulheres participando da agricultura urbana pode ser atribuído a dois fatores. Primeiro, a entrada das mulheres na produção agrícola comercial na Grande Gaborone foi facilitada em parte pela Política de Assistência Financeira, que dá prioridade especial às mulheres que solicitam empréstimos para desenvolver seus negócios.

Entre 1995 e 2000, dezessete empréstimos foram fornecidos a mulheres (e apenas onze a homens) que, sem essa ajuda, não poderiam ter ingressado na atividade. Segundo, e talvez mais importante, a análise revela que tanto homens quanto mulheres percebem esse setor como acessível a eles (e elas) e eficaz para superar a exclusão. Em outras palavras, a agricultura urbana comercial não é vista como um reino exclusivamente masculino ou feminino. Não é surpreendente portanto que as motivações de cada pessoa, para entrar nesse setor, sejam muito variadas e complexas, mas não especificamente influenciadas por questões de gênero (Hovorka, In Review b).

Homens e mulheres indicaram igualmente uma série de motivações econômicas para seu ingresso na agricultura urbana, incluindo os que dependem exclusivamente de seus cultivos para sobreviver, os que têm na atividade uma complementação de renda, e até aqueles restritos à produção para a subsistência. Homens e mulheres também indicaram várias motivações sócio-culturais, incluindo a melhora do status social, a preservação de costumes culturais por meio da conservação de práticas agrícolas tradicionais, o aumento da auto-estima, a colaboração na oferta local de alimentos e no desenvolvimento nacional. Essas motivações econômicas ou sócio-culturais são influenciadas também pelas redes familiares, de amigos, de vizinhos, dos fornecedores privados, e pelos canais governamentais que freqüentemente estimulam empresários a implementarem operações agrícolas.

Apesar de o acesso à atividade ser igualmente aberto a homens e mulheres, ainda assim a agricultura comercial na Grande Gaborone é claramente influenciada pela dimensão do gênero. Os homens geram níveis mais elevados de renda e contribuem com maiores quantidades de alimentos, e mais valiosos, para o mercado urbano do que as mulheres.

As diferenças de gênero nos níveis de produtividade brotam dos diferentes status socioeconômicos e das disparidades de renda entre os produtores homens e mulheres. Os homens alcançam níveis médio e alto de rendimento, enquanto que as mulheres se concentram nos níveis mais baixos. Tais disparidades de renda estão ligadas ao fato de que os homens freqüentemente têm nível de educação mais elevado, têm emprego em tempo integral além de sua atividade agrícola, e vivem em famílias com mais de um membro gerando renda.

As diferenças socioeconômicas de gênero têm um impacto maior no acesso das mulheres aos recursos produtivos, incluindo capital, terra e mão-de-obra, e as empresas informais são mais tipicamente operadas por mulheres do que por homens. Essas discrepâncias têm impacto na distribuição especial das empresas de homens e de mulheres na paisagem urbana, refletindo a forte correlação entre níveis de capital e capacidade para comprar terras para a produção agrícola. Os homens estão localizados em áreas de produção agrícola maiores, mais caras, e localizadas tanto em áreas tribais, como em lotes arrendados, ou onde a posse é gratuita. As mulheres mais comumente ocupam terras tribais que não precisam pagar, e muitas vezes cultivam os seus quintais domésticos.

A análise revelou que as mulheres operam em escala menor – mas com maior intensidade, e dentro de certos sub-setores agrícolas (especialmente na produção de frango) enquanto que os homens participam mais amplamente em termos de escala e de variedade de produtos agrícolas. A análise de gênero ao longo das faixas de renda revelou que as mulheres de baixa renda operam com muita eficiência os seus sistemas de criação de frango, contando apenas com seus próprios recursos (por exemplo, redes sociais locais e equipamentos feitos em casa) para sustentar a produção em pequena escala, e seu rendimento mostra-se consistentemente maior do que o obtido por quem tem níveis de renda mais altos e opera em maior escala.

Porém seus esforços são prejudicados pelo zoneamento urbano, já que os lotes são relativamente pequenos (em média 4.000 m², comparada à média de 4,8 ha dos terrenos cultivados por quem tem renda média), e sua habilidade para acumular bastante capital para adquirir lotes maiores é limitada. Os homens e as mulheres de renda menor operam independentemente, e tendem a ser limitados pela falta de serviços de extensão e de apoio relacionados a insumos, incluindo treinamento e informações sobre produção comercial e técnicas de gerenciamento de negócios.

Mulheres de renda média em muitos casos enfrentam um problema em dobro, por que não têm o capital adequado para as operações diárias da empresa apesar de terem comprado a terra e os equipamentos fixos com ajuda do Programa de Assistência Financeira. Os poucos homens e mulheres de alta renda que se dedicam à agricultura urbana contam com seus próprios recursos, e têm muitas opções para operarem sistemas de grande escala e mais diversificados.

Implicações e direções futuras

A segregação e a inequidade de gênero associadas à agricultura urbana comercial na Grande Gaborone são prejudiciais não apenas para as estratégias de sobrevivência das famílias, mas também para o funcionamento do próprio setor e da nação como um todo.

Homens e mulheres vêem igualmente a agricultura urbana empresarial como um meio de alcançar um padrão de vida melhor, social e economicamente. Infelizmente, as oportunidades das mulheres dentro do setor são geralmente mais limitadas do que as oferecidas aos homens.

No nível setorial, essa inequidade tem profundos impactos na variedade e na quantidade de alimentos produzidos para o mercado urbano.

Não apenas as mulheres são limitadas em sua capacidade de produzir quantidades substanciais de alimentos para o mercado urbano, como ainda são marginalizadas a sub-setores menos valorizados.

O sub-setor “broiler” já está alcançando seu ponto de saturação no Botsuana, e é duvidoso se o mercado poderá aceitar novas expansões das empresas já existentes além do surgimento de novas iniciativas.

Essa saturação sugere que o futuro das mulheres agricultoras, que predominam na produção “broiler”, está ficando incerto.

Finalmente, a segregação e a inequidade de gênero nesse setor econômico urbano ameaça minar os esforços do governo para diversificar a economia pelo estímulo às microempresas locais e para melhorar a produção local de alimentos.

A contribuição potencial da agricultura urbana comercial para a diversificação econômica e para a segurança alimentar está sendo sufocada por uma dinâmica produtiva influenciada pela dimensão do gênero.

Reconhecer a segregação de gênero na agricultura urbana comercial que se pratica na Grande Gaborone irá viabilizar uma agenda de ação que ofereça ferramentas reais para recompor o equilíbrio entre homens e mulheres.

O número igual de homens e mulheres nesse setor pode ser visto positivamente, já que em muitos outros países africanos as mulheres estão quase sempre ausentes da produção comercial.

O foco deve voltar-se para melhorar a capacidade das mulheres de participarem nesse setor econômico urbano, particularmente aumentando seu acesso aos recursos produtivos. Por exemplo, esquemas financeiros devem ser desenvolvidos para apoiar as operações agrícolas com capital para as despesas operacionais e investimentos fixos.

Muitas mulheres empreendedoras, inclusive aquelas que receberam ajuda governamental para infraestrutura, expressaram sua frustração com a falta de capital de giro para manter suas atividades diárias em andamento.

Além disso, o acesso a treinamentos sobre os aspectos técnicos e gerenciais deve complementar a assistência financeira, no apoio às mulheres empreendedoras agrícolas, bem como aos empreendedores homens, que também sofrem com o acesso limitado a esses recursos.

O planejamento com relação às necessidades práticas e estratégicas dos homens e mulheres, acompanhado pela compreensão analítica da inequidade de gênero, é essencial para que se possa aproveitar todo o potencial da agricultura urbana como uma dimensão básica para o desenvolvimento e sustentabilidade das cidades.

Referências

- Byerley, Andrew. 1996. Urban Agriculture in Botswana: A Preliminary Investigation of Extent, Issues and Potential. Working Paper 307. Uppsala, Sweden: Swedish University of Agricultural Sciences, International Rural Development Centre.

- Hovorka, Alice J. Forthcoming (2004). "Commercial urban agriculture in Greater Gaborone: form & function, challenges & prospects". Pula: Botswana Journal of African Studies.
- Hovorka, Alice J. In Review a. "Urban opportunities: entrepreneurial urban agriculture in Botswana". Unpublished manuscript.
- Hovorka, Alice J. In Review b. "Gendered experiences, changing gender relations? A feminist political ecology of commercial urban agriculture in Botswana". Unpublished manuscript.
- Hovorka, Alice J. 2003. Exploring the Effects of Gender and Commercial (Peri-)Urban Agriculture Systems in Gaborone, Botswana. Ph.D. Dissertation. Worcester, Massachusetts: School of Geography, Clark University.
- Matsila, G. 1999. Urban Agriculture: A Survival Strategy for the Urban Poor. The Case of Jwaneng. Unpublished Master's Thesis. Gaborone: Department of Environmental Science, University of Botswana.
- Molefi, T.S. 2000. The Status and Potential Contribution of Urban Agriculture to Food Security and Employment Creation in Urban Botswana: The Case of Lobatse. Unpublished Master's Thesis. Gaborone: Department of Environmental Science, University of Botswana.
- Mosha, A.C. 1999. The Practice of Urban Agriculture in Gaborone. Gaborone, Botswana: Department of Environmental Science, University of Botswana.

Agricultura urbana em Rosário: oportunidade para a igualdade de gênero

Gunther Merzthal (1) - gunther@pgu-ecu.org

IPES/UMP-LAC/HABITAT

Fotos: Gunther Merzthal

Desde o início dos anos 1990s, a agricultura urbana tem servido como um meio alternativo para produzir recursos e promover a inclusão social na cidade de Rosário, Argentina, para as vítimas da crise econômica. Atualmente existem aproximadamente 800 locais de plantio comunitário na cidade, envolvendo cerca de 10.000 pessoas (na maioria mulheres), integrados em um sistema de comercialização composto por cinco mercados de produtores e por uma agroindústria que beneficia muitos dos artigos produzidos.



As mulheres precisam desempenhar algum papel produtivo.

As mulheres agricultoras de Rosário

Em tempos de crise, quando os homens e as mulheres se vêem excluídos do mercado de trabalho, as mulheres são forçadas a desempenharem papéis produtivos (visando a geração de renda complementar), além de suas tarefas e responsabilidades habituais. A agricultura urbana é uma atividade que gera renda indireta (por meio dos recursos economizados na compra de alimentos, agora produzidos pela família) e rendimentos diretos (pela venda dos excedentes). Acompanhando essas atividades, as mulheres normalmente também assumem papéis ativos nos assuntos comunitários, por exemplo, nos Centros Comunitários de Rosário.

Cerca de 400 dos sítios agrícolas, privados e comunitários, de Rosário participam dos mercados de produtores e das atividades de capacitação do Programa de Agricultura Urbana da cidade. Dos participantes, 63% são mulheres e apenas 27% são homens. Isso destaca a importância das mulheres nos trabalhos realizados dentro das roças ou hortas comunitárias, e deveria assegurar que elas tivessem o mesmo acesso que os homens aos variados recursos e insumos necessários para a prática da agricultura urbana.

Para melhorar a compreensão dos papéis e das limitações das agricultoras de Rosário foi realizado um estudo durante a primeira metade de 2003. Uma pesquisa com uma amostragem das 63% de integrantes mulheres foi realizada. As entrevistas foram realizadas com 401 mulheres, de 120 sítios, selecionadas aleatoriamente nos vários distritos da cidade.

Das mulheres entrevistadas, 66% tinham entre 21 e 40 anos de idade, e 75% tinham completado o nível básico de educação, o que facilitava o trabalho de aprimorar suas atividades. A maior parte das mulheres era solteira ou separada (69%), e a maioria tinha três crianças ou menos (58%).



Muitas tarefas fora da área de plantio são desempenhadas por mulheres.

O papel das mulheres na agricultura urbana

A maior parte das mulheres abrangidas no estudo percebem que elas podem desempenhar igualmente todas as tarefas agrícolas que os homens realizam, o que elas já fazem na prática. Localizar uma área, cercar, limpar, revolver, plantar, transplantar, irrigar, capinar, adubar, preparar composto, controlar pestes, colher, processar e vender de casa em casa são tarefas desempenhadas hoje por homens e mulheres igualmente. As tarefas fora da área de plantio, que requerem maior exposição pública e mais interações pessoais, como comprar sementes, comparecer a treinamentos, administrar recursos e vender nos mercados, bem como participar da coordenação da área de plantio são mais comumente desempenhadas por mulheres.

Deve ser notado que 93% das mulheres consideram as áreas onde plantam como seus locais de trabalho, e 92% dizem que seu trabalho melhorou a nutrição de seus familiares.

Tomada de decisões e controle

Em 50% dos casos, as atividades nos plantios são determinadas por consenso entre os/as participantes do grupo. Em 85% dos casos, as atividades fora da área de plantio são decididas pelas mulheres ou pelo grupo. Também é importante notar que 100% das mulheres entrevistadas participam dos mercados de produtores ou gostariam de fazê-lo.

Com relação à administração dos recursos, foi observado que 59% das mulheres gerenciam ou gostariam de gerenciar as finanças. A falta de acesso à terra e a insegurança com relação à sua posse para a prática da agricultura urbana são limitações importantes, para os homens e para as mulheres.

Conclusões

As mulheres desempenham tarefas semelhantes às desempenhadas pelos homens, e são reconhecidas por sua disposição para trabalhar em grupo. Elas se beneficiam desse reconhecimento recebendo mais apoio na medida em que assumem mais responsabilidades e aumentam a sua força. É necessário portanto trabalhar com as agricultoras urbanas na conscientização e na democratização dos nichos que podem lhes oferecer mais renda e maior grau de liberdade, especialmente o gerenciamento financeiro do processamento e da comercialização dos produtos.

Existe ainda a necessidade, para as autoridades locais, de desenvolverem regulamentos adequados para o uso do solo e ao mesmo tempo promoverem maior segurança para o uso produtivo da terra. Isso deverá facilitar oportunidades mais iguais para homens e mulheres na produção, processamento e comercialização dos produtos de seu trabalho. O acesso aos recursos para a produção (terra, infraestrutura, insumos e treinamento) e para o processamento e comercialização (participação nos mercados de produtores e no gerenciamento da renda gerada) precisa ser mais democrático e transparente.

Nota

1. Este artigo é o resumo de um estudo-diagnóstico sobre os papéis e funções das mulheres que praticam a agricultura comunitária na cidade de Rosário, realizado em outubro de 2003 por representantes das áreas de Emprego, Mulheres e Agricultura Urbana do Departamento de Promoção Social do município de Rosário e da ONG Rima.

Irma Rodriguez, agricultora em Rosário

Irma Rodriguez nasceu em Esquina, na província de Corrientes, Argentina. Ela começou a trabalhar aos 10 anos, e desde então, há 32 anos, ela vive na mesma cidade, sempre trabalhando com sua família. Ela frequentou a escola até a 7a. série do primeiro grau e é capaz de ler e escrever.

Atualmente, Irma participa das manifestações de sua comunidade e prepara alimentos para os participantes, além de todo o trabalho que ela realiza nas vizinhanças, nas hortas e em sua casa. No bairro, ela ajuda o Centro Comunitário onde ela é muito ativa na produção de pão, costura, tecelagem, organização e preparo de almoço para 130 jovens diariamente, além de seu trabalho nas hortas comunitárias.

A primeira horta comunitária que ela ajudou a criar foi em Battle Y Ordoñez, em uma área que um vizinho lhe emprestou. Com a ajuda do conhecimento que trouxe de Esquina, ela e outros moradores locais começaram a cultivar plantas medicinais. Essas plantas depois foram removidas por que o proprietário pediu o terreno de volta. Mais tarde, eles encontraram uma área maior e mais perto, e começaram a cultivá-la. Antonio Lattuca e Raul Terrile (técnicos do programa municipal de agricultura urbana) trouxeram o proprietário do terreno, Sr. Roviralta, para conversar com Juan Carlos, marido de Irma, e eles prepararam um contrato que permitiu à comunidade usar a terra por pelo menos dois anos. Esse trato ainda está em vigor.

O dia de Irma começa às 6 horas. Ela compartilha sua casa com suas quatro filhas, de 23, 18, 13 e 10 anos, respectivamente. Com seu marido, ela cuida dos canteiros, providencia documentos, ensina pessoas que estão começando a plantar, fornece ferramentas e água.

“...Com as nossas hortas, nós aprendemos a consumir uma variedade maior de hortaliças. Antes, nós só comprávamos tomate e alface. Hoje produzimos esses alimentos e muitos outros. Sabemos que, se quisermos fazer uma salada, é só ir até a horta e colher tudo o que é preciso. Eu creio que os produtos da horta são os melhores que há. Hortaliças estão muito caras no mercado, e as nossas são grátis. E ninguém aqui vai dormir sem saber o que vai ter para comer amanhã...”

Além de fornecer nutrição para a família, as hortaliças produzidas na horta são vendidas na vizinhança e no mercado de produtores ou usadas nas refeições preparadas na cozinha comunitária ou mesmo trocadas por outros bens... A renda das vendas é dividida entre aqueles que trabalharam na produção,

Irma diz que sua renda pessoal é aplicada em sua moradia e com sua família. O que mais consome dinheiro é a compra de alimentos. “Eu quero dizer que você tem que ser capaz de comprar as coisas que você não produz, como uma porção de carne ou até um sorvete”.

Quanto ao seu papel de mulher, e como ela se sente com relação a ele, Irma comenta: “Em qualquer lugar aonde eu fui convidada, ou onde fui recebida, sempre fui bem aceita; nunca me senti discriminada...” Irma também já se candidatou para integrar o Conselho da Cidade: “...Eu penso que as mulheres estão ganhando terreno... Há cada vez mais mulheres candidatas e eleitas...” E ela afirma que sua idéia não era sentar-se em uma cadeira no plenário do Conselho, mas trabalhar nos bairros para criar mais áreas produtivas onde, além de hortaliças, as mulheres também pudessem produzir carne, ovos e outros artigos. Ela também crê que é urgentemente necessário manter as pessoas ocupadas de modo produtivo e tirar os jovens da ociosidade das esquinas.

Extraído e resumido do trabalho “Relatos das mulheres produtoras em Rosário sobre seu papel produtivo e sobre a segurança na posse das áreas que cultivam”, preparado por Andrea Mazzuca e outros. Rosário, novembro de 2003.

Nossa realidade diária: hortas domésticas urbanas orgânicas em Lima, Peru

Tasso Hetterschijt - tasso_hetterschijt@yahoo.com

Fundacion CORDES Bajo Lempa, El Salvador

Fotos: Tasso Hetterschijt

Lima é conhecida tradicionalmente como a "Cidade Jardim" (Niñez, 1985). Entretanto, a julgar pela atual falta de áreas verdes, é difícil imaginar como ela ganhou esse título. Praticar agricultura no deserto peruano, com uma precipitação pluvial de 25mm, é uma tarefa difícil. As pessoas desenvolveram várias estratégias para irrigar seus plantios usando as águas do rio Rimac e água encanada. Em Lima, a agricultura urbana tem muitas faces.

Baseando-se na destinação dos produtos, os plantios em Lima podem ser divididos em três grupos: aqueles para o consumo doméstico; aqueles voltados para o consumo doméstico com venda dos excedentes para amigos e parentes (em pequenas quantidades); e aqueles dirigidos especificamente para o mercado consumidor urbano.

Agricultura urbana

Como parte de uma recente pesquisa sobre a agrobiodiversidade nas hortas urbanas domésticas, uma pesquisa foi realizada em duas vilas surgidas recentemente e em duas favelas no distrito de Chorillos (Huertos de Villa e San Juan Bautista e Delicias de Villa e Andrés Avelino Cáceres), em Lima (1).

Muitos assentamentos populares informais como esses pesquisados têm crescido desde os anos 1950s, principalmente por causa da migração de pessoas vindas das áreas rurais montanhosas.

Devido aos cortes patrocinados pelo "Fujishock" nos anos 1990s, e ao alto custo de vida, muitas pessoas tomaram a iniciativa de cultivar seus próprios alimentos nos quintais ou em áreas livres disponíveis nesses assentamentos.

No mesmo período, as ONGs tomaram a iniciativa e implementaram projetos para estimular a implantação de hortas e a criação de pequenos animais (porquinhos-da-índia, galinhas, coelhos e patos).

Nada se perde no ciclo de produção de uma horta doméstica urbana.



Desde o final dos anos 1980s, o IPAC promoveu a agricultura urbana, com ênfase no plantio de hortas orgânicas e na produção de porquinhos-da-índia, e os participantes iniciaram alguma espécie de horta ou criação de pequenos animais.

Outras ONGs, como a Imagem Educativa, também introduziram a produção hidropônica de tomates e alface como uma atividade econômica para as casas em um setor de Delicias de Villa (ver a Revista de Agricultura Urbana no.10).

Produção de porquinhos-da-índia

No Peru, existem cerca de 25 milhões de porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*, animal também conhecido como "cobaia"), dos quais 56% podem ser encontrados nas províncias de Sierra (INIA/CIID, 1999). Devido à migração das pessoas da Sierra para Lima, essa cidade agora pode ser considerada como uma região grande produtora desses animais. A maior parte dos migrantes vive em suas favelas, que apresentam a maior produção de porquinhos-da-índia.

A produção de porquinhos-da-índia em Lima tem algumas vantagens comparadas à produção desses animais nos locais de origem dos migrantes, incluindo o acesso a raças melhoradas (Peru, Intí e Andina), e o emprego de técnicas mais apropriadas de manejo e produção.

No estudo, foi verificado que as mulheres fazem a maior parte do trabalho, enquanto que algumas tarefas de manejo e produção são realizadas por homens e mulheres conjuntamente. Os porquinhos-da-índia são alimentados com sobras das refeições, plantas-rações (alfalfa, sorgo, capim-elefante) e com concentrados como farelo de soja. A principal atividade associada à criação é a produção de ração no quintal, de responsabilidade das mulheres (95% dos consultados informaram que são as mulheres que realizam esse trabalho). As mulheres desempenham as tarefas de semear e colher as plantas-rações e usá-las para alimentar os porquinhos-da-índia. Em poucas ocasiões a ração é comprada no mercado. Existem muitas razões para isso, a mais importante das quais é o seu alto preço (nos altiplanos, em particular, não há dinheiro para comprar concentrados ou esses não existem à venda). Também, para comprar ração, as mulheres precisam deixar suas casas para ir ao mercado, o que é considerado um desperdício de tempo. Outra razão para alimentar os porquinhos-da-índia com ração produzida em casa é que os animais alimentados com plantas frescas têm melhor sabor.

Os porquinhos são criados em gaiolas ou em cercados construídos pelas mulheres. Esses cercados são limpos diariamente – outra responsabilidade das mulheres (98%). Algumas mulheres recebem a ajuda de suas crianças. O estrume dos animais é usado para preparar composto, depois usado para adubar a horta doméstica; atividades também a cargo das mulheres, sozinhas ou às vezes com seus maridos.

Os porquinhos-da-índia são consumidos a partir dos dois meses. Eles são mortos pelas mulheres (100%) e preparados em pratos tradicionais de acordo com os costumes dos lugares de origem das mulheres produtoras urbanas. Quase todas as mulheres consultadas na pesquisa (95%) preferiam comer os porquinhos a qualquer outro tipo de carne. Sendo assim, os porquinhos-da-índia também são produzidos para vender aos vizinhos e à família. Isso é feito em pequena escala, principalmente por mulheres.

De acordo com a literatura, a produção de porquinhos-da-índia pode levar a uma situação socioeconômica melhor, especialmente para as mulheres produtoras, a um nível mais elevado de auto-estima, e a um relacionamento mais digno com a família e com os vizinhos. A criação de porquinhos-da-índia também é vista como um modo para as mulheres combinarem as tarefas domésticas com uma atividade geradora de renda. Além disso, a produção desses animais é considerada uma tarefa fácil e que não consome muito tempo. Como um informante declarou: "às vezes só ganho 5 soles em um dia, mas são os 5 soles que preciso para alimentar minha família".



No Peru são criados cerca de 25 milhões de porquinhos-da-Índia.

A produção de porquinhos-da-índia para o mercado muda os papéis e as responsabilidades de homens e mulheres. Quando uma família produtora urbana de porquinhos chega a ter mais de cem desses animaizinhos, os homens passam a se ocupar das vendas. Isso é principalmente por que eles não têm um emprego fixo e gostam de fazer negócios.

Além disso, não é considerado apropriado para as mulheres irem aos mercados em outras partes da cidade, já que elas devem estar perto de casa para cuidarem de suas crianças e desempenharem suas atividades domésticas. As mulheres pesquisadas também declararam que não têm tempo para essa atividade.

Hortas orgânicas

O tamanho das hortas domésticas orgânicas varia de 25 a 900 m², com uma média de 110 m² (n=109). As diferenças mais marcantes entre as diferentes hortas são o seu tamanho, diversidade de cultivos, quantidade e densidade de espécies cultivadas, e seu desenho. As espécies mais cultivadas são pacay (*Inga feuillei*), uva, guanábana (*Annona muricata*), lima, cana-de-açúcar, abóbora, café, abacate, maracujá, membrillo (*Cydonia oblonga*), mamona (*Ricinus comunis*), batata-doce, mamão, lúcumã (*Lucuma obvota*), banana, feijão, plantas medicinais e flores.

Os recursos usados nas hortas orgânicas são principalmente os materiais reciclados. O solo é adubado com composto preparado com sobras de plantas e estrume dos porquinhos-da-índia. As mulheres que não têm bastante estrume procuram comprar esterco de gado do IPAC (1999). No verão, é praticamente impossível cultivar hortaliças ou ervas por causa do intenso calor. Apenas algumas plantas usadas como ração continuam sendo cultivadas e regadas com as águas servidas da cozinha. As hortaliças são colhidas quando estão maduras e são consumidas gradualmente pelas famílias. Apenas duas mulheres na pesquisa vendiam sua produção no mercado local. As sobras são dadas para os porquinhos-da-índia ou depositadas no monte do composto. O sistema hortícola orgânico doméstico é considerado um sistema fechado ou, como um informante declarou, "aqui não se perde nada". As mulheres realizam a maior parte das atividades nessas hortas (93%). Elas trazem seus conhecimentos de suas terras nativas, em Sierra, ou os obtêm observando os homens semeando ou preparando o solo.

Divisão do trabalho por sexo

Tradicionalmente, os agricultores eram geralmente homens. As mulheres os ajudavam plantando as sementes e colhendo os produtos, mas eram responsáveis, principalmente, pelas atividades domésticas. Os papéis de gênero não mudaram muito com o passar dos anos: os homens agora estão trabalhando fora de casa ou desenvolvendo pequenos negócios (como a produção de árvores ornamentais ou porquinhos-da-índia), mas ainda se espera que as mulheres trabalhem em casa, cuidando dos afazeres domésticos e das crianças.

O modo de vida dos produtores urbanos pode ser caracterizado como muito dinâmico, já que as atividades desenvolvidas pelos diversos integrantes da família mudam rapidamente. Como uma mulher explicou: "um dia, meus filhos têm trabalho, mas no outro, por algum motivo, eles já não têm ocupação, e voltam a ficar o dia inteiro em casa". Se o marido ou as crianças estão em casa, eles também desempenham algumas tarefas. As mulheres são responsáveis pela semeadura dos plantios, especialmente das hortaliças: quem cozinha decide o que deve ser cultivado na horta.

O cultivo de alimentos e a produção de porquinhos-da-índia acontecem perto de casa, facilitando sua conciliação com outras atividades domésticas. Isso explica o sucesso de projetos criados para estimular a implantação de hortas domésticas e a criação de pequenos animais. Embora qualquer pessoa possa participar, há muito mais participantes mulheres do que homens. A maioria dos maridos não quer participar por considerar o trabalho em horta como coisa de mulher. Os homens só participam quando trabalham junto com suas mulheres ou sócios, ou quando eles têm seus próprios negócios como plantas medicinais ou a venda de porquinhos-da-índia (apenas dois nessa pesquisa). Apenas um homem foi identificado como mais ativo nas atividades de comercialização dos produtos enquanto que sua mulher era mais ativa nas atividades produtivas.

Cenário político

Perto de Villa Maria del Triunfo, o prefeito apóia a agricultura urbana embora a municipalidade não tenha recursos para desenvolver projetos específicos nessa área. Na municipalidade de Chorillos, ao contrário, os espaços abertos são considerados "áreas verdes" para uso apenas como parques públicos. A agricultura urbana não é considerada importante, e embora seja permitida a criação de pequenos animais, as normas legais oficialmente declaram que todos os animais são proibidos na cidade.

A municipalidade poderia ser mais ativa no apoio aos mercados de produtores, apropriados para a venda de produtos de horticultores urbanos ou outros nichos específicos. As evidências sugerem que alguns produtores estão engajados na criação lucrativa de codornas, ou de porquinhos-da-índia pretos (que são considerados como os mais saudáveis, sendo mais valorizados do que os animais com pelo de outras cores).

A ausência de mercados e a atitude pouco apoiadora das municipalidades coincidem com as limitações políticas gerais que cercam a agricultura urbana, inclusive políticas urbanas restritivas, leis e regulações (devido à situação no geral ilegal dessa atividade), indefinição quanto aos direitos legais da terra, falta de serviços de apoio, implementação inviável de tecnologias ecológicas), e falta de organização e de representatividade dos agricultores urbanos.

Nota

- 1) Este artigo é o resumo de uma tese intitulada "Nossas realidades diárias: uma perspectiva feminista sobre a agrobiodiversidade nas hortas orgânicas urbanas em Lima, Peru". A pesquisa foi conduzida entre março e junho de 2001 sob a supervisão da Wageningen University e o Centro Internacional de Batata. Os resultados são baseados em dados fornecidos por quarenta participantes da ONG Instituto de Promoção Agropecuária e Comunal (IPAC). A metodologia de pesquisa consistiu de entrevistas semi-estruturadas com informantes-chaves, reuniões com um grupo focal, 40 entrevistas semi-estruturadas com participantes individuais e 12 casos de estudos de mulheres produtoras urbanas.

Referências:

- Niñez, V. (1985). "Working at half potential: Constructive analysis of homegarden programs in the Lima slums with suggestions for an alternative approach", In: Food and Nutrition Bulletin, 7(3):6-14.
- INIA/CIID (1999), "Evaluación del Proyecto Sistemas de Producción de Animales Menores en el Hogar en el Peru", La Molina, Peru.
- IPAC (1999), "Proyecto Solidaridad-Villas Informe Final", Chorillos, Peru.
- Personal communication with Andres Dasso REDE.

Quando as mulheres decidiram cultivar suas hortas

Lic. Marta de Olarte - Rede@amauta.rep.net.pe
 Resources for Development Association – REDE
 Fotos: REDE

Os processos paralelos de urbanização descontrolada e despovoamento das áreas rurais do Peru avançaram dramaticamente nos últimos 60 anos. Hoje, quase ¾ da população peruana vive em zonas urbanas e periurbanas. Como um resultado, os recursos e os serviços urbanos, incluindo serviços de saúde, educação, emprego e acesso a alimentos, tornam-se cada vez mais insuficientes.

A agricultura urbana aumentou muito nas últimas décadas na área metropolitana de Lima, introduzida principalmente pelos migrantes chegados das áreas rurais. Esses novos moradores urbanos mantiveram muitos de seus costumes agrícolas, cultivando plantas e criando animais domésticos em pequena escala em seus próprios quintais.



Treinando treinadores em agricultura urbana

Esse contexto levou a ONG “Recursos para o Desenvolvimento” (REDE) a promover “hortas comunitárias” na zona sul de Lima a partir de 1994, como um modo de combater a pobreza e a desnutrição. A REDE observou que a intervenção ativa das organizações das mulheres nos projetos de hortas comunitárias fortalecia as suas participantes.

As mulheres participam em diferentes níveis da vida comunitária, e isso provoca um aumento da consciência, bem-estar e oportunidades educacionais disponíveis (1). A REDE trabalha com o foco de “gênero em desenvolvimento” na agricultura urbana.

Os papéis e as necessidades de homens e mulheres são analisados para fortalecer as mulheres e melhorar sua posição como parte do melhoramento e transformações da sociedade como um todo.

A iniciativa das hortas comunitárias foi muito bem recebida pela população, que é formada principalmente por mulheres com idade de procriar, e que pertencem a famílias quase sempre numerosas. Como provedoras de comida para as suas famílias, elas vêem a agricultura urbana como uma resposta às suas necessidades práticas e como um modo de desempenharem dignamente o seu papel de gênero, por meio da produção de hortaliças e da preparação de uma alimentação diária mais saudável para a família.

Uma equipe de promotores agrícolas foi selecionada e treinada para implementar o projeto da REDE, e também para garantir seu efeito multiplicador em outros grupos de mulheres em Lima e noutros estados peruanos. Esse grupo de promotores mais tarde tornou-se o grupo de treinadores.

O convite para se tornar promotor foi estendido a homens e mulheres, mas foram as mulheres que ficaram mais interessadas nesse tipo de trabalho. Note-se que existe um preconceito cultural entre os homens de que são as mulheres e crianças que devem cuidar de hortas entre outras tarefas domésticas.

Mudando os papéis

A horta tornou-se um lugar de fortalecimento para as mulheres, pois aumentou sua auto-suficiência e auto-estima, elevou suas expectativas na vida, e equilibrou a divisão de trabalho com seus maridos.

No começo, alguns homens protestaram quando suas mulheres tinham que sair para receber treinamento ou para ajudar a criar outras hortas comunitárias e escolares. Mas isso mudou quando eles notaram o progresso e a perseverança das mulheres em suas atividades agrícolas. O reconhecimento público dado pelas autoridades e pela comunidade ao trabalho desses grupos de mulheres também ajudou muito nesse processo de legitimação.

Logo após esse reconhecimento, os maridos e filhos começaram a oferecer mais apoio físico e moral às mulheres e a participar na preparação do solo, na coleta e preparo de materiais fertilizantes, e na irrigação dos plantios. As famílias começaram a apreciar o projeto como seu, e a validá-lo a partir de dentro das suas moradias. Houve casos nos quais os maridos ou os filhos substituíam as mulheres nas hortas quando elas precisavam fazer outras coisas, como participar de reuniões em suas organizações (clubes de mães, escolas comunitárias, cozinhas comunitárias etc.).

Essa experiência motivou a REDE a iniciar uma nova fase do trabalho, no final de 2002. Com a ajuda da German AgroAction, uma ONG alemã, a REDE lançou uma nova iniciativa em agricultura urbana que foca nas crianças menores (abaixo de 5 anos). Esse projeto, que está em sua fase inicial, promete ajudar no fortalecimento dos papéis das mulheres em suas famílias e em suas comunidades.



Os produtores aplicam o que aprenderam.

Referências

- Niñez, V. (1985). "Working at half potential: Constructive analysis of homegarden programs in the Lima slums with suggestions for an alternative approach", In: Food and Nutrition Bulletin, 7(3):6-14.
- INIA/CIID (1999), "Evaluación del Proyecto Sistemas de Producción de Animales Menores en el Hogar en el Peru", La Molina, Peru.
- IPAC (1999), "Proyecto Solidaridad-Villas Informe Final", Chorillos, Peru.
- Personal communication with Andres Dasso, REDE.

Gênero na horticultura em áreas irrigadas urbanas em Gana

Emmanuel Obuobie, Pay Drechsel, George Danso
International Water Management Institute (IWMI)
Escritório para a África Ocidental, Accra, Gana
iwmi-ghana@cgiar.org

Liqa Raschid-Sally
IWMI, Escritório em Sri-Lanka
Fotos: IWMI Gana

Como em muitos países da África Ocidental, os homens dominam na horticultura praticada nas áreas livres urbanas de Gana, particularmente nas áreas irrigadas. As mulheres por sua vez predominam na comercialização dos alimentos produzidos na cidade, principalmente por causa da tradição local, na qual o comércio é trabalho de mulher, e também por que as mulheres ganenses percebem a atividade como mais lucrativa e menos arriscada do que a produção agrícola.

Muitos estudos, principalmente nas cidades da África Oriental e Meridional, relatam que a maioria dos agricultores urbanos é formada por mulheres. Isso pode levar à generalização de que isso acontece em qualquer cidade do continente africano. E essa predominância é atribuída freqüentemente ao fato de as mulheres continuarem tendo a maior parte da responsabilidade pela alimentação e o bem-estar da família (Hovorka, 2001), e às concepções culturais tradicionais e expectativas sociais.



A irrigação com regadores exige muitas viagens da fonte d'água aos plantios

As mulheres tendem a ter um nível educacional mais baixo do que os homens, e por isso têm menos oportunidade de encontrar emprego assalariado no setor formal (Obosu-Mensah, 1999). Assim torna-se fundamental para as mulheres encontrar outros modos de suprirem a diferença entre a renda familiar e o necessário para enfrentar as despesas familiares, inclusive com alimentação.

Entretanto, a maior parte dos produtores nas áreas livres das cidades da África Ocidental, como Dacar, Lomé, Cotonou, Bamako e Ouagadougou é formada por homens. A situação difere de região para região, de país para país, e mesmo entre os diferentes sistemas produtivos agrícolas (Kessler e outros, no artigo "As mulheres na agricultura urbana na África Ocidental" nesta edição).

Abordagem do estudo

Vários estudos nas três principais cidades de Gana (Accra, Kumasi e Tamale) mostram que os homens dominam a horticultura em áreas livres urbanas (Obosu-Mensah, 1999; Keraita, 2002).

Na média, menos de 10% das áreas livres são cultivadas por mulheres. Mesmo nos quintais das moradias, onde o principal objetivo é o consumo da família, e onde se espera que as mulheres sejam a maioria, uma pesquisa da IWMI em Accra revelou que os números de homens e de mulheres eram praticamente iguais (57% homens; 43% mulheres), sendo que as mulheres produtoras eram em média mais velhas do que os homens produtores. Uma situação similar foi relatada em Kumasi (Ayamba, 1999). Várias pesquisas indicam os motivos para esse domínio masculino na agricultura urbana em Gana.

Neste estudo, foi aplicada uma abordagem com grupos focais, para verificar essas razões e constatar se alguma mudança havia ocorrido durante o passar do tempo. Os produtores e os vendedores de hortaliças estiveram engajados em grupos de discussão nos níveis da produção e da comercialização.

A maior parte dos vendedores comerciais não pertencem a lares onde se produzem plantas para venda. O estudo esforçou-se em descobrir por que os homens dominam na horticultura em áreas livres dentro e na periferia das cidades ganenses, e por que as mulheres dominam no setor da comercialização. Neste estudo “hortaliça” refere-se a espécies introduzidas no ambiente africano, como couve, cenoura, abobrinha, alface, couve-flor e cebola.

O acesso à terra, sua propriedade e sua posse

Hasna (1998) relatou que os ganenses, tanto homens quanto mulheres, "afirmam categoricamente que as mulheres não possuem terra nem na situação de esposa nem na situação de filha", e concluem que as mulheres não são capazes de cultivar por que não possuem terra. Nossos estudos em Accra e Kumasi revelaram que uma situação um pouco diferente prevalecia com respeito à horticultura urbana em áreas livres. Mesmo embora algumas comunidades ganenses desautorizem as mulheres de possuírem terra, isso acontece principalmente nas áreas rurais e tem pouco ou nenhum efeito no acesso à terra para plantio nas áreas urbanas. Tanto os homens quanto as mulheres que se dedicam à agricultura urbana explicaram que a maior parte das terras que cultivam pertence ao governo (como em Obosu-Mensah, 1999), e portanto o acesso não depende do sexo do produtor, mas de sua capacidade para fazer pressão e conseguir uma área. A pressão é baseada no relacionamento (tanto direto quanto através de terceiras pessoas) com o proprietário ou responsável pela área. Entretanto, em algumas áreas periurbanas, onde a partilha da produção é usada como pagamento pelo cultivo de terras pertencentes a proprietários individuais, esses ou seus representantes preferem que homens – e não mulheres – cultivem os seus lotes, por que percebem que os homens conseguem cultivar melhor as áreas maiores, produzindo assim maiores lucros.

A natureza árdua do trabalho agrícola

Nosso estudo revelou que a maior razão para o domínio dos homens na horticultura em áreas livres nas cidades de Gana é a natureza árdua de grande parte do trabalho agrícola. Cornish e Lawrence (2001), Cornish e Aidoo (2000), e Zakaria e outros (1998) relataram que a maior parte dos trabalhos envolvidos na agricultura urbana e periurbana é classificada como trabalho para homem por causa dessas dificuldades. A Tabela 1 mostra uma divisão típica de tarefas entre homens/mulheres/crianças na produção agrícola nas áreas livres urbanas e periurbanas. A produção de hortaliças é intensiva em mão-de-obra. A terra deve ser limpa e preparada, e a seguir devem-se formar os canteiros, plantar as sementes, transplantar, regar, capinar, colher etc. A natureza árdua do trabalho agrícola é ilustrada no seguinte comentário feito por uma produtora típica, que vem cultivado seus plantios há 11 anos:

"Eu comecei a trabalhar com mais cinco outras mulheres, mas todas elas abandonaram o empreendimento por causa da dificuldade das tarefas envolvidas.

Limpar a terra, preparar os canteiros, aplicar defensivos e tudo o mais, exige muita determinação para continuar trabalhando. Eu muitas vezes contrato homens para limpar e preparar o terreno. Quando eu não tenho dinheiro para contratar mão-de-obra, eu mesma faço o trabalho, mas nesse caso eu não sou capaz de cultivar toda a área que tenho à disposição.”

A limpeza da área e a preparação do solo são normalmente as tarefas mais árduas em qualquer operação agrícola, e são consideradas um trabalho próprio dos homens.



O acesso à água é essencial.

Cornish e Aidoo (2000) relataram que o preparo do solo, realizado quase que inteiramente de modo manual, usando-se enxada e enxada, é extremamente árduo, e 94% das pessoas que o realizam são homens. Por isso, a maior parte do trabalho para o qual se contrata mão-de-obra paga é para realizar essa tarefa, de preparar a terra para o plantio. Enquanto os homens podem decidir se trabalham sózinhos ou se contratam ajuda, as mulheres dependem totalmente de contratar e pagar a outros homens para ajudá-las na limpeza e preparo do terreno. As mulheres sem maiores recursos financeiros buscam a ajuda gratuita de parentes e vizinhos homens. Elas tendem a cultivar áreas menores, das quais elas possam dar conta. Nas áreas periurbanas, as mulheres e crianças precisam transportar a água de rega a uma distância média de 200m do poço até os plantios. Ou elas pagam alguém para fazer isso, ou usam a própria família. Note-se que o trabalho de rega também é estafante, caso seja grande o número de canteiros e de viagens transportando regadores com 15 litros. Com efeito, muitas mulheres que gostariam de ganhar a vida plantando acabam desistindo por causa dessas dificuldades.

Tabela 1. Divisão das tarefas agrícolas

| Tarefas X = usualmente aplicável - = menos aplicável | Homens | Mulheres e crianças |
|--|--------|---------------------|
| Limpar o mato do terreno | X | - |
| Preparação dos canteiros | X | - |
| Plantio e transplantio | X | X |
| Capina | X | X |
| Adubação | X | - |
| Aplicação de agrotóxicos | X | - |
| Irrigação (trazer água da origem até um barril central) | - | X |
| Rega manual (aplicação nas plantas usando regador ou lata) | X | X |
| Rega mecânica (com uso de bomba) | X | - |

Fonte: Cornish e outros (2001)

Nas cidades ganenses, o método típico de irrigar os canteiros com regadores exige várias viagens de 100 a 200 m, levando duas latas de 15 litros cada. Isso é fisicamente estafante. Portanto, os produtores homens produzem os cultivos mais exigentes em água e mais lucrativos, como couve e couve-flor, enquanto que as mulheres cultivam plantas menos exigentes e menos lucrativas, como okra, yoyos (*Corchorus* sp) e alefi (*Amaranthus*).

Papéis tradicionais

O estudo dos papéis tradicionais de homens e mulheres fornece uma explicação complementar para o fato de os homens dominarem a agricultura nas áreas livres das cidades ganenses e de sua periferia. De modo geral, a agricultura é considerada, na maioria das comunidades do país, como um trabalho de homem, particularmente se tiver objetivo comercial. A cultura de muitas dessas comunidades, especialmente mais ao norte de Gana, proíbe as mulheres de cultivarem por conta própria, embora haja algumas exceções quando mulheres muito dispostas ao trabalho conseguem terras para cultivarem sozinhas (Danso, p.c). Zakaria e outros (1998) relatam que ainda não é bem aceito, para as mulheres provindas do norte do país, cultivarem sozinhas os seus plantios. As mulheres quase sempre cultivam os terrenos de seus maridos, principalmente alimentos para o consumo familiar, enquanto os homens cultivam produtos para o mercado. A produção de vegetais em espaços abertos nas cidades ganenses é prioritariamente voltada para comercialização, daí a presença menos expressiva de mulheres envolvidas na atividade.

Pouca vontade de correr riscos, e a síndrome da dependência

Embora cuidar de um viveiro de mudinhas não seja uma tarefa árdua, requer conhecimentos mais especializados e uma habilidade para detectar precocemente eventuais pestes e doenças, e para acompanhar e propiciar o crescimento das mudinhas. As sementes de hortaliças são relativamente caras, e é fácil perder as mudinhas se faltar habilidade e conhecimento em quem cuida delas. Cornish e outros (2001) e Cornish e Lawrence (2001) relataram que as mulheres geralmente não têm esse conhecimento, deixando a tarefa a cargo dos homens, às vezes ajudados pelas mulheres e crianças no trabalho de regar as mudas. Nosso estudo mostra que a maior parte das mulheres reluta em correr o risco de produzir suas próprias mudas, dificultando, mesmo para as mulheres que se arrisquem a cultivar por conta própria, que elas se tornem mais independentes. Nossas entrevistas com os comerciantes de hortaliças no mercado (principalmente mulheres) revelou que essa suposta dificuldade em lidar com viveiros de mudas também afasta as mulheres ganenses da possibilidade de se engajarem na horticultura urbana. Em suas opiniões, as mulheres não seriam capazes de dominar a habilidade tão bem quanto os homens, e depender dos colegas homens para orientar os viveiros das mulheres também não seria uma boa idéia, pois os homens têm seus próprios plantios com que se preocupar.

Estratégia econômica

Zakaria e outros (1998) relataram que várias esposas de agricultores da cidade de Accra deram razões econômicas para explicar por que apenas poucas delas trabalham na agricultura. A maioria dessas esposas prefere fazer coisas diferentes a cultivar o solo, de modo que, no caso de falha na produção dos plantios, ainda há outras rendas para garantir a sobrevivência da família. Cofie e outro (2003) relataram que entre 40 e 80% dos produtores agrícolas urbanos de Accra, Kumasi e Tamale consideram a agricultura urbana seu principal meio de sustento. Realmente, para alguns desses produtores, é a sua única fonte de renda. Eles simplesmente não tiveram êxito em garantir outra fonte de renda, ou não têm sobra de tempo para se dedicarem a outros trabalhos.

Também Zakaria e outros (1998) relataram que o custo com transporte de casa até o lote produtivo e de volta à casa é outro motivo que desestimula as mulheres de cultivarem comercialmente (a maioria dos homens tem bicicleta, mas as mulheres não). Essas razões econômicas não foram verificadas em nosso estudo.

O predomínio das mulheres na comercialização

O predomínio das mulheres na comercialização dos produtos da agricultura urbana é em parte atribuído à tradição ganense de que a venda de alimentos é trabalho de mulher. Além disso, a maior parte das mulheres no mercado tinha a opinião de que a venda é mais lucrativa e menos arriscada do que a produção de alimentos, que está sujeita a uma série de imprevistos que podem resultar na perda total do investimento. Todos, homens e mulheres, envolvidos na comercialização de hortaliças vêem esse trabalho como um meio mais rápido de ganhar dinheiro, e a cada dia, diferentemente da agricultura, que leva alguns meses antes que o produtor receba o rendimento de seu trabalho. Em nosso estudo, alguns produtores homens pensavam em vender seus produtos no mercado de varejo, visando aumentar o seu lucro. Entretanto, a maior parte deles acabava desistindo diante da forte tradição de que homens não comercializam hortaliças.

Nosso estudo também revelou que geralmente as mulheres ganenses preferem o comércio a outras atividades. Maxwell (1997), citado por Obosu-Mensah (1999), relatou que o mercado varejista urbano e o comércio informal nas calçadas são setores há muito dominados pelas mulheres na África Ocidental, por isso não surpreende que eles sejam os modos mais comuns de uma mulher sobreviver trabalhando em Accra. No litoral, as mulheres manejam entre 60 e 90% da produção agrícola doméstica (realizada, em sua maior parte, por homens), a partir dos locais de produção até os pontos de comercialização. As mulheres dedicam-se ao comércio como seu principal meio de vida e de geração de renda para a família. Elas desempenham um papel importante na comercialização das hortaliças, e são em geral mais hábeis em barganhar melhores preços.

Conclusões e recomendações

A produção de alimentos em espaços abertos urbanos em Gana é dominada por homens principalmente por causa da natureza pesada da maioria dos trabalhos. Foi também verificado que os papéis de gênero tradicionais são outra razão para o domínio masculino na agricultura urbana em áreas abertas. Em Gana, a produção comercial é vista como atividade masculina e essa agricultura urbana em áreas abertas é marcadamente comercial.

É difícil para as mulheres cultivarem nas áreas urbanas e elas muitas vezes não têm capacidade para enfrentar os riscos inerentes, preferindo atividades mais seguras, como a comercialização, que também é uma área especializada da agricultura urbana. As mulheres que expressam a necessidade de se envolverem com agricultura devem receber apoio para fazê-lo. Esquemas de crédito e subsídios são duas maneiras objetivas de apoiá-las.

Finalmente, não há dúvida de que existem diferenciações na agricultura urbana (na produção e na comercialização de seus produtos), que tornam necessário incluir a dimensão de gênero nas análises da agricultura urbana. A análise de gênero é indispensável em áreas tais como a divisão do trabalho entre homens e mulheres dentro das famílias produtoras e entre famílias produtoras e não produtoras. Também é importante analisar as diferenças que existem, nessa divisão de trabalhos conforme o gênero, na agricultura urbana comparada à rural.

Referências

- Ayamba, I. 1999. Backyard crop production in KMA. In: Kumasi Natural Resources Management Research Project (KNRMP)-Kumasi Urban Natural Resources Studies. R6799.
- Cornish, G.A., Aidoo, J.B. and Ayamba, I. 2001. Informal irrigation in the periurban zone of Kumasi, Ghana: An analysis of farmer activity and productivity. Report OD/TN 103. HR Wallingford.
- Cornish, G.A., Aidoo, J.B. 2000. Informal irrigation in the periurban zone of Kumasi, Ghana: Findings from an initial questionnaire survey. Report OD/TN 97. HR Wallingford.
- Cornish, G.A. and Lawrence, P. 2001. Informal Irrigation in periurban areas: A summary of findings and recommendations. Report OD 144. HR Wallingford.
- Hasna, M.K. 1998. NGO Gender Capacity in Urban agriculture: Case studies from Harare (Zimbabwe), Kampala (Uganda) and Accra (Ghana). Cities feeding people series Report 21.
- Hovorka, A.J. 2001. Gender and urban agriculture: emerging trends and areas for future research. In: Annotated Bibliography on Urban and Periurban Agriculture. Compiled for the Swedish International Development Agency (SIDA). Leusden, Netherlands: ETC Ecoculture. 165-176.
<http://www.ruaf.org/bibliography/annotated/007.pdf>
- Keraita, B. 2002 Wastewater use in urban and periurban vegetable farming in Kumasi, Ghana. Unpublished MSc. Thesis. Wageningen University, Holanda.
- Obosu-Mensah, K. 1999. Food Production in Urban Areas. A case study of urban agriculture in Accra, Ghana. Ashgate Publishing Limited, Gower House, Croft Road Aldershot, Hampshire GU11 3HR, England.
- Zakaria, S., Lamptey, M.G. and Maxwell, D. 1998. Urban Agriculture in Accra: A Descriptive Analysis. In: Amar-Klemesu, M. and Maxwell, D. (eds) Urban Agriculture in the Greater Accra Metropolitan Area. Final Report to IDRC.

Mulheres na Agricultura Urbana na África Ocidental

Angelika Kessler - anngelikak@gmx.de

Friedhelm Streiffeler

Departamento de Sociologia Rural

Humboldt University, Berlim, Alemanha

Emmanuel Obuobie

International Water Management Institute, Accra

Em muitos países da África Ocidental, as mulheres tradicionalmente já cultivavam hortaliças locais em volta de suas casas. Nos países de fala francesa da África Ocidental, as hortaliças da culinária europeia foram introduzidas durante a era colonial. Os prisioneiros e os soldados locais (homens) eram obrigados a cultivar as hortaliças introduzidas pelos europeus. Mais tarde, essas hortaliças começaram a ser cultivadas também nas hortas escolares.

Este artigo baseia-se em 2 estudos realizados na África Ocidental. O primeiro estudo cobriu Lomé, Tsévié (40 km ao norte de Lomé), Conakry, Timbi Madîna (uma pequena cidade em Fouta Djallon, República da Guiné) e Rufisque (27 km a leste de Dacar); e foi feito entre 1999 e 2002, financiado pela EU-INCO. O segundo estudo concentrou-se em Bamako, Ouagadougou, Cotonou e Lomé, realizado em 2002 e financiado pelo e IWMI e pela FAO.

O primeiro estudo mostrou uma distribuição quase constante entre as porcentagens de homens e de mulheres trabalhando na agricultura urbana, em cada país. Cada par de cidades, Conakry e Timbi Madîna na Guiné, e Lomé e Tsévié, ambas no sul de Lomé, tem a mesma porcentagem de mulheres produtoras (tabela 1).

Tabela 1. Variação de sexos entre produtores urbanos

| Sexo | Conakry | | Timbi Madîna | | Rufisque | | Tsévié | | Lomé | |
|---------------------------|---------|-------|--------------|-------|----------|-------|--------|-------|------|-------|
| Mulher | 271 | 67,9% | 138 | 69,0% | 114 | 35,5% | 84 | 20,9% | 81 | 20,3% |
| Homem | 126 | 31,6% | 62 | 31,0% | 207 | 64,5% | 317 | 79,1% | 317 | 79,3% |
| Informação não disponível | 2 | 0,5% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 2 | 0,5% |
| Total | 399 | 100% | 200 | 100% | 321 | 100% | 401 | 100% | 400 | 100% |

Fonte: Relatório Final do Projeto INCO, 2002

Exceto para as cidades na Guiné, a agricultura urbana em cidades como Bamako, Ouagadougou, Cotonou, Lomé, Tsévié e Rufisque é dominada por homens. Em Timbi Madîna, os pesquisadores verificaram que muitos homens iam trabalhar em Conakry ou em algum país estrangeiro (Senegal ou Costa do Marfim) e portanto muitas mulheres eram levadas a cultivar pessoalmente para obter alimentos para sua família. Em Conakry, o principal cultivo é a batata-doce (folhas), que é uma colheita típica de mulheres.

Na África Ocidental, as operações de agricultura urbana podem ser classificadas em pelo menos quatro tipos de sistema produtivo: (ver também artigo no n. 9 desta Revista):

- agricultura irrigada de hortaliças de clima temperado (dominada por homens);

- agricultura de hortaliças tradicionais (dominada por mulheres);
- agricultura de grãos irrigada pela chuva (dominada por homens);
- produção de plantas ornamentais (dominada por homens).

Este artigo vai focar no sistema produtivo de hortaliças tradicionais dominado pelas mulheres.

A produção de hortaliças tradicionais

Tradicionalmente, as refeições na África Ocidental incluem muitas hortaliças folhosas. Por razões tradicionais, as mulheres são as responsáveis por obter essas hortaliças, cultivando-as ou colhendo-as. Em Lomé, Conakry e Bamako verificou-se que as mulheres agricultoras costumam cultivar mais especificamente as hortaliças locais, como *Solanum macrocarpum* (gboma), folhas de amaranto (fontété), folhas de batata-doce, *Corchorus olitorius* (adèmè), folhas de cebola, feijão, *Hibiscus sabderiffa* (osseille da Guiné, bissap, da), pimenta e tomate (variedade local), para citar apenas as mais comuns.

Os agricultores pobres preferem particularmente a produção de hortaliças folhosas por que elas podem ser colhidas várias vezes durante o seu cultivo, fornecendo uma renda mais regular. Por exemplo, as folhas de batata-doce são colhidas a cada 10 a 14 dias. A primeira colheita é feita 40 dias depois do plantio. Sendo assim, o capital investido começa a retornar rapidamente, e fornece uma renda continuada e regular. Como comparação, a alface só pode ser colhida uma vez, cerca de 40 dias após semeada.

Além disso, as mulheres produtoras precisam de menos recursos para produzir as hortaliças nativas, e podem produzir suas próprias sementes ou comprá-las a preços mais baratos do que as sementes importadas das hortaliças de clima temperado.

Tanto as mulheres como os homens usam fertilizantes nas cidades onde o estudo foi realizado, embora tenham sido observadas algumas diferenças na quantidade aplicada. As mulheres de Lomé usam pesticidas assim como os homens, e costumam dispor de equipamento para irrigação.

Freqüentemente as mulheres não são capazes de investir em cultivos mais demorados, como cenoura, repolho e berinjela, por que o seu capital ficaria empatado por pelo menos três meses até começar a retornar. Para as hortaliças de clima temperado, o capital necessário é ainda maior, e como elas são mais susceptíveis a ataques de pestes e exigentes em irrigação - além de suas sementes serem mais caras - há ainda a necessidade de investimentos em mão-de-obra e em equipamentos de irrigação.

Comercialização

As hortaliças folhosas têm que ser produzidas perto de seus consumidores, já que na maior parte desses países não há condições adequadas de conservação, transporte e armazenamento que preservem produtos tão perecíveis no trajeto do campo ao mercado e à cozinha. Isso dá às hortaliças folhosas tradicionais uma vantagem comparativa sobre as hortaliças de clima temperado mais caras e consumidas principalmente nas capitais.

As mulheres podem aumentar sua renda cortando as folhas, pré-processando-as para o consumo, e vendendo-as mais caro do que as não cortadas. Elas também podem vender sua colheita (processada ou não) no mercado ou na vizinhança, ou ainda em suas próprias casas, o que lhes permite continuar a realizar suas tarefas domésticas enquanto esperam por compradores. Elas têm mais lucro quando vendem seus produtos diretamente aos consumidores, mas mesmo assim a maior parte da produção é vendida a atravessadores por ser mais prático.

Em Lomé e Cotonou a comercialização das hortaliças é dominada por mulheres, que atuam como atacadistas e como varejistas. Um estudo realizado pelo ICRA em 2000 demonstrou que são os intermediários do comércio de hortaliças quem auferem o maior lucro em todo o processo.

Acesso à terra e à água

Em Bamako e Lomé, as mulheres agricultoras cultivam lotes menores do que os produtores homens.

Elas trabalham em áreas que os homens dispensam, onde o solo é pobre, os terrenos são exíguos, e a água para irrigação é pouca ou poluída (em Kossodo, Ouagadougou, há mulheres produzindo alimentos usando águas contaminadas que procedem da zona industrial da cidade).

A insegurança quanto ao uso do terreno, a irrigação deficiente e um uso do solo urbano não previsto para fins agrícolas são condições tipicamente enfrentadas pelas mulheres produtoras. A dependência com relação ao curto período de chuvas torna mais viável o plantio de hortaliças folhosas de ciclo rápido, e como as espécies tradicionais exigem menos capital inicial, o risco é menor. Essas vantagens comparativas permitem que as mulheres cultivem áreas mais pobres, porém mais próximas de suas casas. Tais condições, juntamente com sua educação deficiente, impedem que as mulheres agricultoras mudem seus hábitos e passem a cultivar as hortaliças originárias da Europa.

Em Bamako, as mulheres cultivam hortaliças onde haja água disponível e perto de suas casas, de modo a facilitar a irrigação e reduzir a distância da moradia até o local de trabalho. Entretanto, tal estratégia implica no risco de ficar sem ter onde plantar caso a área seja, de repente, destinada a algum projeto urbano de construção de casas, indústrias ou centros comerciais.

Serviço de extensão e informação

Na África Ocidental, por razões tradicionais e históricas, as mulheres não cultivam as mesmas plantas que os homens. Elas usam outras redes de conhecimento. As mulheres não freqüentaram as escolas, onde elas poderiam ter aprendido mais sobre as hortaliças trazidas pelos europeus (as escolas católicas são uma fonte especialmente importante de conhecimentos em horticultura no sul do Togo), mas, ao invés, elas aprenderam sobre as práticas tradicionais com suas mães e tias. A maioria das mulheres também não obtém informações por meio do trabalho migratório, como os homens, que viajam para trabalhar em outras regiões. Elas têm acesso principalmente às mulheres que detêm tal conhecimento, e a transferência de conhecimentos entre essas mulheres precisa ser feita nas línguas locais.

Apesar do grande número de mulheres que pertencem a associações de agricultores, elas costumam estar menos organizadas em grupos para defender os seus interesses. De acordo com alguns informantes, muitas vezes as mulheres são chamadas por seus maridos a se inscreverem nessas associações apenas para aumentar a porcentagem de mulheres participantes, o que permite angariar mais subsídios e outros benefícios dos doadores.

Os agentes extensionistas normalmente concentram seus serviços nos plantios de hortaliças de clima temperado. O estudo verificou que apenas as poucas mulheres que cultivam hortaliças de clima temperado têm contato com esses técnicos extensionistas. As outras mulheres produtoras não têm acesso a tal serviço, exceto em Conakry, enquanto que cerca de 10% dos homens contam com essa ajuda (o que ainda é muito pouco).

A comparação dos níveis de educação das esposas e das mulheres agricultoras urbanas mostra que as mulheres analfabetas ou aquelas com apenas o nível escolar fundamental praticam mais a agricultura urbana e periurbana. As mulheres com nível de educação mais avançado não cultivam, preferindo outros

trabalhos menos pesados. Os homens, entretanto, seja qual for o seu nível de instrução e treinamento, envolvem-se igualmente com a agricultura urbana e periurbana. Eles não perdem o seu status social por trabalharem na agricultura, mesmo que tenham um título universitário - pelo menos desde que estejam ganhando dinheiro.

Os homens conseguem todos os tipos de outros empregos, enquanto que as mulheres se limitam a trabalhar como vendedoras ou em tarefas domésticas. As mulheres só raramente contratam mão-de-obra para ajudá-las nos cultivos, preferindo contar com a ajuda de parentes, principalmente das crianças.

Conclusões e recomendações

As hortaliças tradicionais folhosas são baratas e têm alto poder nutricional, sendo por isso particularmente benéficas para os mais pobres. Ao cultivarem essas hortaliças, muitas mulheres ganham dinheiro (às vezes mais do que ganham os seus maridos) e aumentam a sua segurança alimentar.

O uso de pesticidas para essas hortaliças parece envolver algum risco (?). Elas costumam ser colhidas a cada 10 ou 20 dias, quando os resíduos de pesticidas ainda não se reduziram, já que os produtores os aplicam a até 3 dias antes de colher as folhas. Entretanto, como as hortaliças tradicionais são menos vulneráveis a pestes, quantidades menores de pesticidas precisam ser aplicadas nelas.

A colaboração com as produtoras de hortaliças tradicionais folhosas e a assistência técnica a ser levada até elas são iniciativas necessárias para lhes assegurar o acesso à água adequada para irrigação e a solos não poluídos (evitando-se, por exemplo, os depósitos de lixo desativados), e para garantir que elas possam produzir comida boa e barata para as famílias mais pobres.

É necessário realizar-se mais pesquisas sobre as mulheres que se dedicam a cultivar plantas tradicionais. A ênfase deve ser colocada no aumento da produção sem o uso de pesticidas, danosos para as águas subterrâneas, para o solo e para os consumidores.

Os serviços de apoio e extensão devem ser adaptados às redes de mulheres e ao nível de educação que prevalece entre elas.

A colaboração com os produtores homens pode resultar em uma representação mais justa das mulheres nas organizações de agricultores e na criação de oportunidades para elas terem melhor acesso à terra, à água e à assistência e extensão técnica, e para desenvolverem os seus próprios projetos produtivos.

Referência

- Dosso. K., Guira, M. et al., 2000, Intensification durable de l'agriculture urbaine et périurbain à Lomé - Togo, Cas du maraîchage, Série Documents de Travail N° 91, ICRA, IFDC, Togo.

Gênero, água e agricultura urbana

Felicity Chancellor - fmchancellor@aquademos.com
Aquademos, Reino Unido

A pobreza urbana é um problema crescente. Cerca de 70% das pessoas mais pobres do mundo são mulheres, muitas delas viúvas ou mães solteiras que carregam inteiramente a responsabilidade de alimentar seus filhos e parentes mais velhos. A produção de alimentos em pequena escala, como parte integrante de uma variedade de estratégias e oportunidades, é vital para a sobrevivência dos pobres urbanos – particularmente das mulheres.

O ambiente social, cultural e econômico da cidade molda os modos pelos quais homens e mulheres podem praticar a agricultura urbana e se beneficiar dela. É amplamente sabido que a agricultura traz benefícios à arena urbana, mas como, exatamente, ainda não está muito claro nem reconhecido igualmente por todos os envolvidos. Os estudos referidos aqui podem contribuir para o início da análise de gênero aplicada a essa atividade.



*A produção agrícola de pequena escala é vital para as famílias mais pobres.
Foto: Angelika Kessler*

Exemplos da África

Por meio de um projeto financiado pelo DFID, como parte do programa “Articulando Conhecimento e Pesquisa” (Engineering Knowledge and Research), a HR Wallingford, (do Reino Unido) pesquisou os cultivos periurbanos irrigados no Quênia (estudo 1) e em Gana (estudo 2). Em outro projeto, foram estudados o papel das mulheres na irrigação e a distribuição das tarefas de irrigação entre homens e mulheres no Quênia, em Gâmbia e nos países da África Meridional (estudo 3).

Uma pesquisa inicial com 152 produtores de Nairóbi (estudo 1) revelou que a maioria (63%) deles era composta por mulheres, na maior parte com idade entre 20 e 45 anos (faixa de idade que tem maior responsabilidade em garantir a alimentação da família), e 86% de todos os entrevistados não tinha outra fonte de renda além de sua pequena produção de alimentos. A maioria desses produtores vive nas cidades há menos de 20 anos.

Tipicamente, a agricultura irrigada era uma tarefa nova para eles, sendo que a maioria só a utiliza há menos de cinco anos (Hide e Kamani, 2000). Muitos produtores percebem que as bombas são essenciais para seu sistema de produção, mas, para a maioria das mulheres, seu uso é praticamente inviável por causa dos custos. As mulheres também têm problema para usar bombas por causa da falta de conhecimentos técnicos para operá-las, mantê-las e repará-las de modo confiável. As redes de mulheres raramente incluem contatos com técnicos habilitados, e as mulheres sentem-se excluídas das redes masculinas, onde tais habilidades são mais comuns, ficando elas sempre no final da fila para conseguir peças de reposição e serviços de reparo (Chancellor e outros, 1999; Berejena e outros, 1999). A facilidade para vender os produtos é muito importante para esses pequenos produtores. Em Nairóbi, os praticantes da agricultura irrigada não se sentem limitados por problemas de comercialização e ainda informaram que raramente precisam de crédito. Os registros revelaram um alto nível de poluição.

Em contraste, em Kumasi (estudo 2) a maior parte dos agricultores que usam irrigação é formada por homens que trabalham em terras próprias ou arrendadas (86%), embora um grande número de mulheres consiga alguma renda carregando água para irrigação dos canteiros de hortaliças, algumas vezes distantes até 200m da origem. O acesso ao mercado é mais problemático do que em Nairóbi, e implica em custos com transporte (as áreas periurbanas são maiores do que em Nairóbi). Os níveis de poluição são semelhantes aos verificados em Nairóbi. As mulheres não aparentam enfrentar os mesmos riscos de produção enfrentados pelas mulheres do Quênia, mas apesar das oportunidades para ganhar salários minimamente compatíveis com suas necessidades, elas têm pouca chance de se integrarem a atividades comerciais mais vigorosas, e, na prática, o retorno normalmente baixo gerado pelas pequenas atividades agrícolas mantém o sua renda sempre insuficiente.

Em ambas as cidades, os agricultores que usam irrigação trabalham geralmente sem qualquer apoio governamental ou reconhecimento por sua contribuição para fortalecer a segurança alimentar urbana. A irrigação freqüentemente facilita a geração de renda para além das necessidades básicas da sobrevivência, embora os resultados ainda mal superem a linha da pobreza. Mesmo assim, se mais orientação no manejo agrícola e da irrigação e mais informações sobre alimentação e saúde fossem oferecidas a esses produtores irrigadores informais, particularmente às mulheres, cujo nível de educação é quase sempre muito pobre, a geração de renda dessas pessoas poderia aumentar muito. Um modo mais efetivo em custos para pôr em prática essa estratégia em favor dos pobres seria apoiar esses grupos de produtores de áreas irrigadas, mas há poucos sinais desse apoio, em qualquer dessas cidades.

Nos estudos que focaram o papel das mulheres nas tarefas de irrigação e no impacto que a divisão dessas tarefas tem nas questões de gênero e nas mulheres das periferias em Gâmbia, Zâmbia e na África do Sul (estudo 3), verificou-se que muitas delas se organizam para irrigar os seus plantios em grupo. Esses grupos, onde cada mulher participante tem seu próprio lote, são populares dentro e ao redor das cidades. As mulheres freqüentemente se beneficiam dos serviços de extensão técnica, particularmente se elas estiverem contando com o apoio de alguma ONG. A comercialização é reconhecida como um problema generalizado; a competição oferecida pelos fornecedores comerciais nas áreas urbanas é muito forte, mantendo os preços baixos e pouco remunerativos para o trabalho duro dos produtores pobres de recursos. A baixa qualidade dos produtos e os seus preços depreciados são freqüentemente resultado do acesso inseguro e insuficiente à água. Nos cultivos de fundo de quintal, usa-se a água de torneira (tratada e encanada), embora os sistemas de captação da água da chuva estejam se tornando mais populares, já que a água tratada é fornecida a preços cada vez mais elevados.

Muitas das mulheres mais pobres não têm acesso à água encanada e não podem instalar sistemas de captação da água, caros para suas parcas posses.

Os grupos de mulheres produtoras ajudam a resolver suas necessidades e freqüentemente usam águas providas de estações de tratamento ou bombeadas do subsolo, com os problemas de qualidade que podem ocorrer nessas circunstâncias. Os custos e riscos ambientais são altos, mas os produtores os comparam com a necessidade que têm de gerar dinheiro – ainda que pouco, mas com certeza.

As mulheres em Zâmbia e Banjul afirmam que é importante vender todo dia, mesmo que pouco, para enfrentar as necessidades diárias da família, como escola e comida. As mulheres têm dificuldades para guardar dinheiros maiores em casa com segurança, e também por isso preferem ganhar por dia e apenas o que é necessário a curto prazo. Essa estratégia não é consistente com os conceitos de economia de escala e de controle de qualidade, e ajuda a manter as margens de lucro muito exíguas.

Outras questões que as mulheres mencionam relacionam-se com sua segurança pessoal, enquanto trabalham em seus lotes (estupro tem se tornado uma ameaça crescente) e a segurança dos equipamentos e das colheitas.

No geral, as questões levantadas pelas mulheres nesse estudo foram os obstáculos para obterem recursos para irrigação, tais como dinheiro para comprar insumos e máquinas que poupem mão-de-obra, os problemas de segurança pessoal das mulheres nas áreas de plantio e nas relações domésticas, e as dificuldades de acesso aos mercados, incluindo a carência de meios de transporte para elas mesmas e para os seus produtos.



Em Kumasi, a maioria da população migrante e pobre é formada por homens. Foto: IWMI Gana

Questões de gênero

A falta de dados discriminados por gênero é uma restrição importante (Chancellor, 1997). Sem tal informação, a discussão permanece teórica e torna-se impossível medir as melhorias e fazer análises de gênero com alguma clareza. A natureza informal e muito variada da agricultura irrigada urbana coloca desafios como definir quem tem o dever de recolher informações e qual a atenção que deve ser dada à dimensão do gênero. Os próprios produtores freqüentemente preferem não formalizar sua atividade agrícola por que para muitos deles ela é uma atividade eventual, para muitos outros (inclusive para muitas mulheres) ela é ilegal, e para outros ainda ela é apenas uma entre várias estratégias de sobrevivência. Esses produtores, particularmente as mulheres, precisam tornar-se conscientes de como as informações relacionadas a sua atividade podem ser usadas para o seu benefício.

Tanto nas áreas rurais quanto nas urbanas da África, é pouco comum para as mulheres terem o mesmo acesso que os homens a recursos como a terra e a água. A prática social e cultural e a situação economicamente desvantajosa das mulheres contribuem para essa situação. Por isso é ainda mais notável que as mulheres quenianas sejam tão bem-sucedidas em estabelecer alguns direitos sobre seus lotes informais. A pobreza é uma força poderosa a movê-las, mas ela também compromete as mulheres em um estilo de vida altamente vulnerável.

Entretanto, muitas mulheres relativamente enérgicas e determinadas são capazes de coordenar o trabalho agrícola e seus riscos com suas outras táticas de subsistência e sustentar seu pequeno negócio.

Nos locais onde as mulheres cultivam em grupos há mais acesso a informações e orientação, e mais segurança pessoal no trabalho no campo. O acesso a informações é determinado pelo que é oferecido, o modo como é oferecido, e a capacidade dos produtores de fazerem uso das informações que recebem.

Todos os estudos identificaram as mulheres produtoras como sendo menos educadas do que os seus colegas homens, entretanto, já que todos têm pouco contato com informações, a maior deficiência educacional das mulheres não faz grande diferença com relação ao trabalho que realizam.

Quando existem serviços de extensão voltados para os agricultores urbanos, eles costumam focar seu trabalho nos produtores homens, desconsiderando as produtoras – em parte por que é considerado difícil ou irrelevante envolver as mulheres na produção, e também por que a falta de dados discriminados por gênero deixou as autoridades inconscientes do potencial que existe no trabalho das mulheres produtoras.

Recomendações

As questões de longo prazo ligadas à produção sustentável de alimentos e à melhoria das condições de vida das mulheres pobres, bem como as relacionadas à equidade de gênero e ao controle de qualidade da produção de alimentos, podem se beneficiar quando se promovem atividades em grupo ou dinamização de associações de produtores urbanos, por meio das quais mais informações e orientação podem ser melhor distribuídas, e as normas e regulações mais estritamente respeitadas.

Organizadas, as mulheres conseguem fazer melhor uso dos recursos urbanos como as pequenas áreas livres, águas captadas da chuva e efluentes, e com o apoio adequado, suas atividades podem ser mais seguras e mais eficientes do que são atualmente.

É necessário reunir mais informações para compreender melhor os impactos das limitações econômicas e políticas das questões de gênero e de educação, particularmente daquelas relacionadas com o manejo de tecnologias na agricultura urbana.

No ambiente atual, simpático a intervenções em favor dos mais pobres, é importante que mais informações sejam reunidas e que as novas políticas se baseiem na compreensão das dimensões de gênero. Embora os agricultores prefiram o anonimato, as mulheres podem melhorar suas condições se chamarem a atenção da sociedade para sua contribuição na segurança alimentar da cidade, e para seu potencial de melhorar os aspectos de saúde ligados à agricultura urbana. Existe agora uma pressão crescente para que as autoridades incluam a agricultura urbana em suas políticas públicas, e há um perigo real de que atitudes negativas, alimentadas pelo medo aos riscos para a saúde do consumidor, possam privar as pessoas mais pobres de uma estratégia importante e viável de sobrevivência.

A não ser que as mulheres se envolvam na formulação das novas políticas, continuarão em desvantagem diante de legislações necessariamente restritivas em questões como poluentes e saúde do consumidor. A integração da análise de gênero encoraja uma abordagem holística, mais do que outras que focalizassem, de modo estreito, a saúde e o meio ambiente.

Referências

- Berejena, E., Hasnip, N., Ellis-Jones, J. (1999) Gender-sensitive Irrigation Design, Part 5, OD143 HR Wallingford Ltd., OX10 8BA, UK (Study 3)
- Chancellor, F. (1997) Developing the participation and skills of women irrigators. Report OD135, HR Wallingford Ltd., OX10 8BA, UK
- Chancellor, F., Hasnip, N., and O'Neill, D. (1999) Gender-sensitive Irrigation Design, Part 1, OD 143, HR Wallingford, Ltd, OX10 8BA, UK (Study 3)
- Cornish, G. A., Aidoo, J.B. (2000) Informal Irrigation in the Peri-urban Zone of Kumasi, Ghana; OD/TN 97, HR Wallingford, OX10 8BA, UK (Study 2)
- Hide, J., Kamani, J. (2000) Informal Irrigation in the Peri-urban Zone of Nairóbi, Kenya; OD/TN 98, HR Wallingford, OX10 8BA, UK. (Study 1)

Capacitando as mulheres para acessarem os mercados na periferia urbana: o “hardware” e o “software” necessários

Sangeetha Purushothaman, M.S. Subhas e
Mitali Nagrecha - bpfound@vsnl.com

Foto: Sangeetha Purushothaman

Nas periferias das cidades, por força da rápida expansão urbana, grandes mudanças nos meios de vida e no uso do solo estão sempre a ocorrer. A expansão urbana, acelerada pela globalização e pelas privatizações, coloca em risco os atuais meios de vida de muitas pessoas bem como oferece novas oportunidades, representadas pelos empregos e pelo mercado que as cidades oferecem.

Os agricultores periurbanos, tanto ricos quanto pobres, produzem uma variedade de alimentos que incluem itens perecíveis (frutas e hortaliças) e não perecíveis (grãos). Os produtores maiores vendem os produtos não perecíveis no mercado formal e os perecíveis aos intermediários ou, por meio de contratos, fornecem para redes maiores de comercialização. Os pequenos produtores rurais tendem a vender seus produtos a intermediários, enquanto que os pequenos produtores urbanos, além de poderem fazer o mesmo, têm ainda a opção de vender diretamente aos consumidores. As mulheres mais pobres costumam ficar mais envolvidas com a produção do que com a comercialização.

Algumas mulheres vendem seus produtos diretamente aos consumidores, mas esse tipo de venda costuma ser de escala muito pequena, como também é muito limitado o seu acesso mesmo ao mercado informal, onde procuram vender sua produção em feiras livres, em barracas nas calçadas ou à margem de estradas, ou ainda de porta em porta, que são maneiras muito precárias e arriscadas de comercializar alimentos, em condições difíceis e muitas vezes insustentáveis.



Mulheres produtoras da periferia vendendo produtos no mercado urbano.

Existe hoje na Índia um interesse crescente por parte das empresas nos mercados rurais e periurbanos do país, que representam um imenso potencial inexplorado (Velayundan, 2003). Existem vários nichos de mercado praticamente virgens nas zonas urbanas e rurais que vão sendo rapidamente explorados tão logo as empresas privadas os percebem.

Por exemplo: hoje, embora os hotéis, cantinas e albergues urbanos precisem diariamente de uma grande quantidade de leite (cerca de 25 litros ou mais, não há um ponto central onde eles possam satisfazer, integralmente, essa demanda.

Uma pessoa pode facilmente imaginar que centros agregadores de leite irão surgir no futuro, e espera-se que tais centros se localizem na periferia para atender essa demanda. Na periferia as empresas encontrarão terras mais baratas para comportar as operações de processamento de grandes quantidades de alimentos e ao mesmo tempo estarão próximas dos centros urbanos consumidores, facilitando a distribuição de produtos perecíveis, que precisam ser vendidos rapidamente.

Os tomadores de decisões nos órgãos governamentais e nas agências de desenvolvimento que atuam nos ambientes urbano e rural precisam reconhecer que essas mudanças já estão acontecendo, e responder de modo a transformar essas mudanças em oportunidades para novas formas de vida para os pobres da periferia e das áreas rurais.

As agências governamentais, os bancos de desenvolvimento e as organizações não governamentais que trabalham junto aos pobres começaram, nas últimas décadas, a estimular a organização de grandes contingentes de pessoas carentes em grupos de ajuda mútua (GAM).

Em um levantamento conduzido em 2000 sobre as limitações e as oportunidades enfrentadas por esses GAMs, constatou-se que enquanto muitas mulheres pobres estavam agora organizadas, poucas sabiam identificar atividades que pudessem melhorar suas condições de vida (Purushothaman, Varma e Purohit, 2000). No passado, uma mulher empreendedora estaria competindo com outros empresários rurais, mas hoje a competição toma a forma de grandes companhias multinacionais e locais capazes de obter grandes economias de escala em suas operações, que ocupam o mercado efetivamente e fecham o acesso aos produtores pobres, que produzem em escala muitíssimo menor.

Entre os seus principais resultados, os GAMs estão resgatando as mulheres pobres das mãos dos agiotas. Ao criarem um sistema de crédito paralelo que empresta pequenas quantias para suas necessidades de consumo, as participantes dos GAMs tendem a se livrar da inadimplência e da exploração. Mas o que os GAMs ainda não fizeram pelas mulheres foi oferecer-lhes instrumentos adequados de financiamento produtivo, que só estão disponíveis a taxas de juros elevadas, que se refletem no preço final dos produtos e lhes tiram a competitividade.

Crescentemente novos centros de produção estão se estabelecendo nas áreas periurbanas, abrindo a possibilidade de os GAMs se relacionarem com eles, mas com um tipo diferente de produtos financeiros, de capacitação e de apoio de infra-estrutura. Este artigo discute algumas das práticas em andamento que abrem, para as mulheres e para os pobres, novas possibilidades de comercialização de seus produtos.

O ambiente do estudo

Em uma iniciativa de planejamento participativo iniciada em 2000 com dois objetivos em mente – o manejo sustentável dos recursos naturais e o melhoramento da qualidade de vida –, as comunidades de seis vilas na interface periurbana da cidade de Hubli-Dharwad, Índia, projetaram seus planos de ação. Uma conclusão que se verificou foi que nenhum desses planos ou estratégias do governo e das ONGs funcionava realmente para os pobres (Purushothaman e Purohit, 2002), pois todos acabavam servindo mais aos interesses de quem possuía terras ou patrimônio.

Reuniões em separado com homens e mulheres sem-terra confirmaram essa distorção dos planos de ação em andamento. As mulheres sem-terra ficavam mais presas às vilas por causa das responsabilidades domésticas e reprodutivas, e com menos opções de mobilidade comparadas com os homens.

Essa iniciativa foi seguida por reuniões com grupos (sanghas) de mulheres pobres para planejar estratégias mais apropriadas. Essas reuniões revelaram que esforços anteriores falharam por que os mercados mudaram e os produtos feitos pelos grupos de mulheres eram agora obsoletos.

Infelizmente para os poteiros que trabalhavam com cerâmica, o mercado foi inundado por potes de plástico, e para os cesteiros que trabalhavam com bambu ou palha, seus produtos também sufocados por sacolas plásticas, e assim por diante.

Mesmo aqueles que produziam alimentos, tais como molhos e conservas, ficaram em desvantagem frente a companhias que produzem os mesmos produtos a preços muito mais baratos, em embalagens mais atrativas, e que usam a propaganda e a força de suas marcas comerciais para dominar o mercado.

Para criar novas opções que permitam aos pobres acessarem o mercado, o governo e as ONGs começaram várias iniciativas, duas das quais serão descritas abaixo:

- uma iniciativa de um governo local, para aumentar o acesso dos pobres aos mercados de produtores (raythere santhe), em Hubli-Dharwad e Bangalore (o equipamento, ou "hardware"); e
- uma iniciativa chamada MOVE (Aumento do Valor Orientado para o Mercado = Market Oriented Value Enhancement), financiada pelo Programa de Sistemas de Recursos Naturais, que reúne especialistas em comercialização e organizações comunitárias de base em Dharwad (o programa, ou "software").

O "hardware": o mercado de produtores

Um mercado de produtores foi recentemente inaugurado em Karnataka, baseado no sucesso de iniciativas semelhantes no Punjab (Apni Mandi), em Andhra Pradesh e em Tamilnadu. Ele foi concebido para ser um local onde os agricultores possam vender seus produtos diretamente aos consumidores, sem intermediários. O governo local em Hubli-Dharwad queria um estudo de caso para explicitar os obstáculos ao sucesso enfrentados por esse tipo mercado de produtores, desde que o governo estadual iniciou a ampliação dessa iniciativa a todos os distritos de Karnataka. Então uma rápida avaliação foi realizada em novembro de 2003 que incluiu entrevistas com agricultores que se cadastraram para trabalhar em mercados de produtores em Hubli Dharwad e Bangalore. A caixa abaixo destaca alguns dos resultados obtidos nas entrevistas com agricultores que vendem habitualmente seus produtos no mercado, com agentes do "APMC", com consumidores e com produtores cadastrados mas que não estão vendendo seus produtos nesse mercado, com visitantes eventuais, e também no mercado principal de Hubli.

Os objetivos do esquema de "mercado de consumidores", conforme definidos pela Comissão de Comercialização de Produtos Agrícolas, são os seguintes:

- estabelecer mercados onde os produtores possam vender aos consumidores, sem intermediários;
- assegurar um preço razoável para os produtores de frutas e hortaliças e aumentar seu poder de barganha;
- assegurar a disponibilidade de frutas e hortaliças a um preço justo para os consumidores;
- estabelecer um sistema de comercialização que forneça uma plataforma efetiva para práticas justas, não apenas em termos de venda e compra, mas também em termos de beneficiamento, limpeza, embalagem etc.;
- estabelecer um sistema de comercialização que, em última análise, habilite os produtores a se desenvolverem como melhores agricultores e como vendedores mais efetivos e bem-sucedidos.

Existem vantagens evidentes para os produtores periurbanos que participam de grupos que atuam nesses mercados: eles têm um espaço garantido para vender seus produtos, um ambiente limpo e pagam uma taxa justa por isso, já que o preço pelo espaço é calculado para ser razoável e acessível. Entretanto, existem vários aspectos a serem melhorados. No mercado de Hubli, por exemplo, apenas 25% dos 80 boxes têm estado ocupados, em média. Havia sempre muitos consumidores, mas os produtores, mesmo assim, acabavam vendendo a maior parte de sua produção logo de manhã aos intermediários. Assim, tinham o resto do dia livre para cuidar de seus cultivos, em vez de ficarem o dia inteiro no mercado.

Outros problemas incluíam equipamentos de infraestrutura inadequados, banheiros mal-cuidados, falta de instalações para cuidar de crianças, e falta de serviço de transporte adequado para levar os produtos ao mercado, já que os produtores não podiam transportá-los de ônibus.

Supõe-se que um mercado de produtores mantido pelo governo seja atrativo para os consumidores, já que os preços podem ser menores por que as taxas de ocupação dos boxes são mais baixas do que as cobradas nos mercados comerciais. Entretanto, verificou-se que os preços nem sempre eram mais baixos. Toda as manhãs, os agentes do "APMC", juntos com os produtores, deveriam estabelecer esses valores, situados entre os preços praticados no atacado e no varejo, para beneficiar produtores e consumidores e simultaneamente tornar o mercado menos atrativo para os intermediários.

Outro problema foi que os agricultores estavam trazendo simultaneamente grandes quantidades de um mesmo produto, que não era possível vender no varejo, e então acabavam forçados a vendê-los aos intermediários. Os produtores devem ser encorajados a diversificarem a sua produção de modo a poderem vender quantidades menores de mais produtos diferentes e de modo mais consistente, garantindo preços melhores e atendendo melhor as necessidades dos consumidores.

Finalmente, nem todos os produtores podem se dedicar pessoalmente à comercialização direta, se isso significa ter de ficar de plantão no mercado das 8 às 19 horas. Em Madurai, porém, esse não tem sido o caso. Seu mercado abre às 6 horas e tudo costuma estar vendido já no início da tarde. De qualquer modo, os agricultores sentem-se incentivados a ficar mais tempo no mercado, ou a enviar um parente, quando há muitos consumidores e boas perspectivas de venda.

O programa: desenvolver capacidade de acessar os mercados

Dentro do MOVE, um pequeno grupo de mulheres pobres sem terra da periferia foi selecionado e está atualmente sendo treinado nos pontos básicos relacionados à criação e gerenciamento de pequenas empresas, que permitam a elas maior auto-suficiência dentro do mercado da livre iniciativa. Essas mulheres não estão totalmente motivadas, dependendo de doações e subsídios oferecidos pelo governo e por outras agências, sendo ainda incapazes de encarar dificuldades e problemas. A equipe do projeto tentou desenvolver uma metodologia detalhada para converter essas empreendedoras pouco promissoras em empresárias bem-sucedidas, aumentando seu nível motivacional e capacitando-as a compreenderem melhor o mercado onde devem buscar seu sustento e progresso.

O treinamento motivacional é feito por ONGs, pois é algo que elas fazem melhor do que o governo. O que motiva uma mulher é diferente do que motiva um empreendedor convencional. As mulheres querem ser vistas como capazes de contribuir nas decisões domésticas, inclusive nas de ordem financeira, e como líderes que podem tomar decisões em suas comunidades. A organização das mulheres em grupos é o primeiro passo. Essas mulheres então precisam ser ensinadas sobre o valor de compartilhar riscos e mão-de-obra, e essa unidade entre as mulheres vai contribuir para o fortalecimento de suas comunidades.

O treinamento sobre comercialização objetiva habilitar as mulheres a:

- Compreender as diferenças entre os mercados rural, urbano e periurbano, de modo a identificar as melhores opções e oportunidades para vender seus produtos;
- Aprender as habilidades para identificar nichos no mercado, distinguir as qualidades dos produtos, e saber como se colocar melhor;

- Compreender a cadeia produtiva-comercial para saber onde se inserir nela, por exemplo, vender raiz de "jowar" a 8 rúpias o quilo, ou vender sua farinha a 15 rúpias o quilo, ou fazer bolinhos dessa farinha e vender a 40 rúpias o quilo;
- Ampliar seu foco para além da produção para incluir a comercialização e aumentar seus lucros;
- Aprender a negociar com intermediários e varejistas;
- Aprender a calcular os preços de custo e de venda; ao invés de apenas acrescentar 10% aos custos, mas sim considerar muitos outros fatores e necessidades a serem levantadas no mercado;
- Compreender as razões dos consumidores e estabelecer uma relação direta com eles.

O MOVE se encontra em seus estágios iniciais e vai precisar de um ano ou mais antes que esteja realmente implantado. Os primeiros resultados mostram que as mulheres participantes tornaram-se mais conscientes dos preços depois de visitarem vários mercados, onde elas aprenderam como negociá-los. Elas tornaram-se também mais confiantes, têm mais compreensão de como agregar valor aos produtos (torrando, produzindo brotos de cereais, embalando etc.), e com algum encorajamento também produziram novas boas idéias. Por fim, as mulheres e as ONGs que trabalham com elas compreendem agora melhor a diferença entre uma metodologia participatória para identificar os artigos que podem ser produzidos por elas baseando-se prioritariamente em seus próprios recursos produtivos - participatory rural appraisal "PRA" (3) - e a uma outra metodologia de identificação que se baseia prioritariamente nas demandas exercidas pelo mercado - participatory market appraisal "PMA"..

Novos equipamentos e programas são necessários

As iniciativas do governo, como esses grupos de mulheres, raramente são projetadas para atender prioritariamente aos mais pobres. Mesmo quando elas são planejadas para fazê-lo, costumam falhar em atingir quem mais delas necessita.

Um exemplo: embora o mercado de produtores ajude muitos agricultores que podem ser considerados pobres, ele poderia ser muito mais vantajoso para os produtores ainda mais pobres - cuja produção equivale a cerca de 1/5 dos produtores que já vendem no mercado - se fosse usado por também esses, permitindo-lhes vender os seus produtos diretamente aos consumidores urbanos.

Atualmente, quem vende seus produtos no mercado de consumidores produzem mais do que conseguem vender diretamente, vendo-se por isso forçados a recorrer a intermediários para escoar o excedente. Tipicamente, as iniciativas governamentais oferecem apenas o "hardware" (no caso, as instalações), sem fornecer nenhum treinamento para construir as habilidades de "marketing" de quem usará o mercado.

E quando toma a iniciativa de fornecer infraestrutura, transporte e outras facilidades, o governo precisa se adequar melhor aos mais pobres, particularmente às mulheres.

Os programas governamentais de provisão de crédito rural freqüentemente não abrangem as áreas periféricas, justamente onde ele é mais necessário. O acesso a bancos comerciais e a instituições financeiras formais voltadas para os pobres está se reduzindo por causa da falta crescente de recursos dos programas governamentais, ao tempo em que a urbanização se espalha e as áreas metropolitanas se expandem.

Por outro lado, as iniciativas das ONGs visando promover as novas habilidades, que podemos considerar o "software", quase nunca pensam no "hardware": elas promovem a capacidade das pessoas para compreenderem melhor o mercado, mas não fornecem a infraestrutura nem o crédito.

Realmente, alguns instrumentos de crédito no âmbito das organizações de base comunitária podem ser prejudiciais para as mulheres produtoras (4), ainda que extremamente benéficos para atender as suas necessidades de consumo.

Uma importante contribuição das ONGs, entretanto, é a mobilização das mulheres produtoras, que aumenta decisivamente o capital social disponível localmente. Existem vários exemplos bem-sucedidos de como as mulheres, quando mobilizadas, podem negociar mais efetivamente com o mercado.

Ampliar a compreensão das mulheres sobre as suas relações com o mercado, mobilizá-las em grupos para melhor negociar com os demais atores que nele atuam, oferecer-lhes instrumentos creditícios inovadores e adequados, e prover uma infraestrutura de comercialização são os componentes mais importantes necessários para facilitar o acesso das mulheres ao mercado.

É essa combinação do “software” com o “hardware” que irá realmente fazer o melhor uso das oportunidades que a interface periurbana e os novos mercados podem oferecer.

Nota

Essa é uma versão reduzida de um documento encaminhado ao Simpósio Regional sobre Governança Local e a Economia Informal, a pedido da Comissão Huairou do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da Iniciativa pela Governança Urbana, de 8 a 12 de dezembro de 2003, Colombo, Sri Lanka.

O documento completo está disponível em www.ruaf.org

(Nota do tradutor) Mantive as palavras “hardware” e “software” no original em inglês para enfatizar a intenção do autor em usar essas duas palavras do vocabulário da Informática para destacar a igual importância dos aspectos “físicos” - equipamentos, instalações e recursos materiais (o “hardware”), e dos aspectos “mentais” - planejamento, capacitação, crédito etc. (o “software”).

PRA é a sigla para “Participatory Rural Appraisal” (avaliação rural participatória), que é uma ferramenta que ajuda os pobres a avaliarem os recursos de que dispõem, incluindo recursos materiais e habilidades, para determinar iniciativas e atividades geradoras de renda, principalmente os artigos que podem produzir.

A nova ferramenta, que estamos desenvolvendo - “Participatory Market Appraisal” “PMA” - ajuda os pobres a identificarem produtos baseados em compreensão mais acurada do mercado.

Os instrumentos de créditos referidos aqui, promovidos no âmbito de organizações de base comunitária, costumam atender necessidades de consumo de seus membros, e cobram taxas de juros elevadas, entre 1 e 2% ao mês (ainda que abaixo das praticadas por agiotas, entre 3 e 5% ao mês).

Os membros do grupo não se importam em pagar tais taxas de juros por que sabem que o dinheiro irá fortalecer as reservas disponíveis para empréstimos do próprio grupo.

O problema surge quando uma mulher toma o dinheiro, a essa taxa, para atividades produtivas: 2% ao mês se transformam em 24% ao ano, bem acima de outros produtores que tomam dinheiro no mercado de crédito formal, pagando 5 a 6% de juros ao ano...

Essa diferença desabilita a mulher produtora a competir com os produtores com acesso a crédito mais barato.

Referências

- Fisher, Thomas and M.S. Sriram (2002). *Beyond Micro-credit: Putting Development Back into Micro-Finance*. Oxfam, Vistaar Publications, New Delhi.
- M.S. Subhas (2003). "What are liberalization and Post Liberalized Markets?" Reading paper prepared for Training of Trainers in Building Market Linkages and Business Development Strategies using MOVE, August.
- Purushothaman, Sangeetha (2002). *Capacity Development Of Grassroots Networks To Become Effective Partners In Local Governance For Poverty Eradication: Lessons from Below*, written on behalf of the Huairou Commission, Paper commissioned by The LIFE Global Programme of IDG/BDP/UNDP, August.
- Purushothaman, Sangeetha and Simone Purohit (2002) *Participatory Action Planning Process: A Process Document*, submitted to the University of Wales, Bangor, United Kingdom.
- Purushothaman, Sangeetha, Rameshwari Varma and Simone Purohit (2000). *Women's Access to and Control over Financial Resources: Towards Development and*
- *Redesigning Policy*. Policy document commissioned by the Department of Women and Child Development, Government of Karnataka, September.
- Velayundan, Sanal Kumar (2003). *Rural Marketing: Targeting the Non-urban Consumer*. Response Books, New Delhi.

Senegal

Mulheres e agricultura periurbana na zona de "Niayes", no

Maty Ba Diao - mbadio@sentoosn

ISRA/LNERV PO BOX 3120 Dakar

Qualquer projeto com alcance social precisa identificar as pessoas envolvidas e interessadas e suas funções, definir o processo de tomada de decisões nos vários níveis, incluir as necessidades e estabelecer prioridades, e considerar o papel e a importância das mulheres e dos homens no desenvolvimento das atividades. Essa análise de gênero irá mostrar que existem variados níveis de acesso aos recursos e ao poder. Pouca pesquisa tem sido realizada sobre gênero e agricultura urbana no Senegal. No texto a seguir, o papel das mulheres na agricultura periurbana na zona de Niayes do Senegal é descrito com base em estudos de casos, sendo ainda indicadas as limitações e necessidades de mais pesquisas.

A zona periurbana de Niayes tem uma antiga tradição de produção de hortaliças, frutas e flores combinada à criação de animais em pequena escala, tanto para consumo próprio quanto para comercialização nos mercados urbanos. A primeira migração importante de pastores para a zona de Niayes data de aproximadamente 1915, enquanto que as atividades hortícolas começaram em 1903, com os plantios de Hann (Bellot e Denis, 1989).

Hoje, várias e modernas empresas de horticultura e de criação de animais atraem novos projetos de desenvolvimento.

As mulheres na agricultura urbana

Diferentemente de outros países da África Ocidental, onde a maioria das mulheres trabalha na agricultura urbana e periurbana, na zona de Niayes poucas mulheres possuem seus próprios plantios. As mulheres estão envolvidas geralmente em atividades hortícolas, onde elas somam cerca de 20% dos pequenos proprietários de terras, mas a área que cada uma cultiva raramente ultrapassa um hectare.



As mulheres atuam intensamente na agricultura urbana e periurbana comercial. Foto: Maty Ba Diao

Elas apenas recentemente começaram a ser consideradas nos sistemas modernos de exportação de cultivos. O problema de seu acesso limitado aos fatores de produção (particularmente água e terra) é freqüentemente a razão pela qual as mulheres tendem a se especializar em horticultura e em cultivos que exijam menos água e menos adubo, como vegetais folhosos como o "bissap" (*Hibiscus sabdariffa*), e o "Amarantha" (*Amaranthus spp*), etc. (ver destaque abaixo).

As mulheres trabalham ativamente como parte das famílias de produtores ou como mão-de-obra assalariada em empreendimentos hortícolas comerciais, urbanos ou periurbanos.

Colher, selecionar e empacotar amendoim, tomate ou feijão-verde (produtos de exportação) são trabalhos muito intensivos em mão-de-obra, e os exportadores apreciam especialmente o trabalho bem feito pelas mulheres. Mulheres e moças representam 68% da mão-de-obra envolvida nas atividades de colheita, e 100% da empregada em operações de seleção e empacotamento (Ba e outros, 2002).

Essas atividades agrícolas são uma importante fonte de renda para as famílias mais pobres que vivem nas áreas produtivas.

Durante os períodos de colheita de produtos hortícolas para o mercado (dezembro a abril), cada trabalhador pode ganhar entre 1000 e 1500 CFA por dia (656 CFA equivalem a 1 Euro) em média, e dois ou três membros de cada família podem estar empregados simultaneamente nessa atividade.

As mulheres também são responsáveis pelo manejo dos pequenos ruminantes e das galinhas nas pequenas criações domésticas (tabela 1).

Tabela 1: Participação dos membros das famílias no manejo familiar de animais na zona periurbana de Dacar

| Tarefas | No. de residências | Homens % | Mulheres % | Crianças % |
|------------------------------|--------------------|----------|------------|------------|
| Contribuição em equipamento | 148 | 60 | 30 | 10 |
| Construção de abrigos | 149 | 61 | 28 | 11 |
| Alimentação das galinhas | 143 | 23 | 62 | 15 |
| Água para as galinhas | 144 | 21 | 64 | 15 |
| Limpeza dos abrigos | 141 | 19 | 65 | 16 |
| Tratamento das galinhas | 117 | 32 | 56 | 12 |
| Compra de galinhas | 114 | 40 | 55 | 5 |
| Comercialização das galinhas | 86 | 37 | 57 | 6 |
| Compra de ovos | 24 | 42 | 50 | 8 |
| Comercialização de ovos | 23 | 30 | 65 | 5 |

Fonte: Mandiamy, 2002

Processamento e venda

O processamento e a venda de hortaliças frescas são atividades exclusivas das mulheres.

Tradicionalmente o chefe da família cultivava a terra e cuidava dos animais, enquanto que as mulheres vendiam os excedentes produzidos no mercado. Hoje, entretanto, a distribuição do trabalho nas zonas periurbanas parece estar mudando.

O surgimento de novas realidades pode oferecer às mulheres novos ambientes econômicos - isso quando as tradições famílias não confinam as mulheres. O processamento e a comercialização dos produtos agrícolas tornaram-se atividades de tempo integral.

Muitas mulheres conseguem dela uma renda baixa, porém constante, diária, capaz de satisfazer suas necessidades e de suas famílias. E as mulheres constituem uma importante força econômica na zona de Niayes: 73% delas têm renda oriunda da venda de variados produtos agrícolas, e 12% ganham mais que 200.000 CFA por mês (305 euros, Kane, 1998).

A renda gerada pelas várias atividades de plantio e comercialização dá às mulheres uma certa autonomia para ação, não apenas dentro de suas famílias, mas também dentro da comunidade. Elas organizam “tontines” (ver Revista de Agricultura Urbana no. 9) e participam da direção de organizações de mulheres, mesmo que essas sejam informais.

Limitações

A integração sustentável das mulheres no sistema econômico enfrenta vários obstáculos (Ba e Guèye, 2000 ; Badiane e outros, 2002). No geral, as mulheres têm pouco acesso à informação, treinamento e extensão técnica em agricultura. Um número limitado de mulheres recebeu treinamento técnico agrícola, mas a maioria é formada por mulheres analfabetas, apesar das campanhas de alfabetização, o que limita a eficiência de qualquer processo de manejo técnico e financeiro. Além disso, as mulheres têm pouco tempo, embora essa desculpa muitas vezes seja inventada pelos maridos para justificar a ausência de suas mulheres nas sessões de treinamento sobre técnicas agrícolas. Mas realmente o tempo é um fator crítico no cotidiano dessas mulheres, por causa do peso das tarefas domésticas e de suas múltiplas funções. É longo o seu dia de trabalho – de 12 a 15 horas...

As mulheres têm pouco acesso e controle sobre os meios de produção como terra, água, crédito, equipamentos agrícolas, sementes de qualidade, adubos e pesticidas. Elas não têm controle sobre a propriedade da terra. Os lotes que cultivam são emprestados a elas por seus maridos, ou arrendados. A maior parte dessas terras tem uma área muito limitada e baixa fertilidade. Além disso, a falta de acesso aos adubos e a financiamento é um obstáculo para o desenvolvimento de atividades agrícolas mais significativas. Às mulheres também falta poder para tomarem decisões dentro de seus lares e em outros níveis de convivência comunitária. As mulheres não estão bem representadas nos fóruns que tomam decisões dentro de suas comunidades.

A produção e a comercialização do “bissap” (*Hibiscus sabdariffa*)

Keur Pathé Kane é uma vila localizada na zona de Niayes, a principal região de horticultura no Senegal. Situada a 150 km da capital, tem 944 habitantes (489 homens e 455 mulheres). Eles são muito ativos na horticultura comercial e os principais cultivos são tomate, bissap, berinjela e pimenta (“pement”) (?). O bissap é uma hortaliça folhosa cultivada exclusivamente por mulheres, nas terras de seus maridos ou perto delas. As mulheres cultivam áreas bem pequenas (de 180 a 750 m²), porém durante a estação chuvosa as mulheres tiram vantagem das terras não cultivadas por seus maridos e da maior disponibilidade de água para cultivar áreas maiores.

Dependendo da estação do ano e da frequência de colheitas das folhas, a produção normalmente varia entre 100 e 200 kg para cada 100 m². Por causa da escassez do produto na época seca do ano, os preços então se tornam mais interessantes, chegando a valer o dobro do seu preço durante a época chuvosa. Para vender a produção, não é necessário viajar grandes distâncias. As folhas colhidas na véspera são vendidas no mercado local de Mboro ou nos mercados das vilas vizinhas.

Para mercados mais longínquos, há comerciantes (chamados bana-banas) que visitam os produtores e lhes compram o produto.

A renda média anual percebida por cada mulher do cultivo de bissap é cerca de 340.000 CFA .F (cerca de 520 euros). Sua renda com a produção de bissap equivale a 42% da renda total com agricultura aferida pelas mulheres durante a época seca, e a 48% durante a época chuvosa. A importância do bissap na vida econômica da vila é evidente.

Esse cultivo, graças à renda que propicia, permite que as mulheres complementem a renda de seus maridos, chegando às vezes a superá-la. Por causa dos baixos custos de produção e da renda gerada em curto prazo, o bissap é considerado pelas mulheres um cultivo que pode ajudar na luta contra a pobreza. Ele permite a elas pagarem por outros artigos e serviços além de alimentos: roupas, taxas escolares, remédios, jóias etc. As mulheres participam também financeiramente nas diferentes atividades da vila. Mas apesar dessas vantagens, as mulheres ainda são confrontadas com limitações tais como o pouco acesso à terra e a insumos.

(texto baseado em Diouf e outros, 2002)

Perspectivas e conclusões

A inovação técnica é crucial para permitir às mulheres economizarem tempo, aumentarem seu potencial produtivo e melhorarem a qualidade de suas vidas e de suas famílias.

As mulheres deveriam ter acesso aos meios de produção, serviços e fertilizantes para poderem vencer a pobreza e participar do desenvolvimento sustentável. Elas devem ser treinadas, informadas e aconselhadas no mesmo nível que os homens.

A alfabetização funcional parece ser uma ferramenta muito útil para a difusão de novas técnicas de produção e processamento, usando-se uma linguagem acessível às agricultoras.

Medidas de apoio como a compra de equipamentos que podem aliviar a carga de trabalho doméstico das mulheres devem ser promovidas. Essas pequenas providências devem constar entre as pré-condições de sucesso dos programas agrícolas que incluam as mulheres.

O alívio no trabalho doméstico permitiria que elas tivessem mais tempo para participarem de sessões de treinamento e mobilização.

A compreensão do papel das mulheres na agricultura periurbana e o apoio para que elas se saiam melhor na atividade são requisitos para o sucesso de qualquer programa ou projeto de desenvolvimento.

A análise de gênero não deve ser considerada como um componente separado quando se elaboram esses programas. Ela deve ser levada em conta em todos os estágios, desde a concepção inicial do projeto e sua implementação, até a coleta, interpretação, análise, monitoramento e avaliação dos dados e impactos.

Existem ferramentas para ajudar na integração das mulheres, mas esse processo deve ser guiado por uma orientação que promova maior inclusão igualmente das preocupações de homens e mulheres.

Mais reflexão e discussão sobre abordagens, ferramentas e métodos de pesquisa e planejamento que relacionem gênero e agricultura urbana, como os iniciados pelo RUAF, nos permitirão preencher as lacunas de informação sobre a dimensão de gênero na agricultura urbana na África Central e Ocidental.

Referências

- Ba C.O., Ba Diao M., Dieng A., Fall A., Ndiaye A., 2002. Etude sur les risques liés au travail des enfants dans l'agriculture et l'élevage. Final report. Consultation ISRA/BEC, 95 p. + annexes.
- Ba C.O., Guèye A., 2000. Guide d'intégration du genre dans l'agriculture urbaine: quelques aspects pratiques. Cours méthodologique sur l'agriculture périurbaine en Afrique de l'Ouest et du Centre. ISRA/CRDI/CIRAD. Dakar, June. 18 p.

- Badiane A.N., Fall S.T., Ba Diao M., 2002. Genre et agriculture urbaine: théories, pratiques et politiques. In "Advances in crop-livestock integration in West African cities". Akinbamijo O.O., Fall S.T., Smith O.B., editors. ITC/ ISRA / CRDI: 159- 175.
- Bellot JM, Denis JP, 1989. Dakar dans les prés de Sangalkam. L'influence de Dakar sur la proche campagne: cas de la communauté rurale de Sangalkam. La péri-urbanisation dans les pays tropicaux. Espaces tropicaux, n°1. Talence: CEGET-CNRS; 76 p.
- Diouf M., Guèye M., Faye B., Diémé O., Gningue D., Ba Diao M., 2002. Les légumes feuilles au Sénégal: gestion du germplasma et études éco-géographiques. Rapport de recherches ISRA/IPGRI, 112 p.
- Kane R., 1998. Etude sur femmes et instances de décision: cas du Sénégal. PADLOS-CICLS: 82p.
- Mandiamy D., 2002. Productivité des poulets dans les conditions d'élevage familiales en zone périurbaine de Dakar (Sénégal). Mémoire de DEA Biologie animale, Faculté des ST, UCAD, Dakar, Sénégal, 92 p

O caso de Touba Peycouck

Mulheres na agricultura periurbana senegalesa

Nathan C. McClintock - n_mcclintock@yahoo.com

No Senegal, a agricultura urbana cresceu rapidamente em resposta à fragilidade da segurança alimentar nas cidades e para atender as necessidades de consumo de uma população crescente. O acesso inadequado à terra, a precariedade de sua posse, e a insuficiência de água e de estrume tornam a agricultura urbana cada vez mais difícil, particularmente para as mulheres cujo acesso à terra e ao capital é limitado por uma série de fatores socioeconômicos.

A agricultura dentro e ao redor de Thiès

A segunda maior cidade do Senegal, Thiès, localiza-se a 70 km a leste do centro de Dacar, mas a apenas 35 km de sua periferia. A região de Thiès é habitada por cerca de 1,3 milhão de pessoas, aproximadamente 14% da população do país, concentradas em apenas 4% de seu território (6.601 km²).

Em Thiès, a interface urbano-rural é muito mais pronunciada do que em Dacar. As vilas periurbanas permanecem ainda marcadamente agrárias, mas estão crescentemente dependentes da economia urbana. Entre 1985 e 1995, a produção anual alcançou entre 40.000 e 60.000 toneladas, que, juntamente com a produção da região de Dacar, significou 2/3 da produção nacional de hortaliças. Grande parte dessa produção é periurbana e a maior parte dela é cultivada para ser consumida em Dacar.



Produção de composto

Um dos maiores problemas enfrentados pela agricultura urbana e periurbana de Thiès é a reciclagem insuficiente dos materiais orgânicos. Com o crescimento das populações urbanas, aumenta o fluxo de alimentos para dentro das cidades, porém os nutrientes neles contidos são perdidos ao serem lançados em lixões e aterros sanitários, ou nas redes de esgoto, e raramente são retornados às zonas de produção agrícola, resultando em um déficit crônico e crescente de nutrientes. Mesmo estando os produtores conscientes da queda da fertilidade do solo que cultivam, a precariedade quanto à posse da terra nas periferias os desestimula de investir trabalho ou dinheiro para aplicarem mais estrume ou lixo compostado no solo. Essa agricultura apelidada de “explore e se mande”, na qual o produtor cultiva intensivamente um lote antes de perdê-lo para a expansão urbana, é muito comum na agricultura urbana senegalesa.

Essas limitações são freqüentemente sentidas de modo mais agudo pelas mulheres produtoras, cujo acesso à terra, água e estrume é ainda mais precário do que o dos homens. Nos sistemas rurais e periurbanos, onde a criação de pequenos animais é comum, as mulheres estão quase sempre envolvidas no manejo do estrume, juntando-o com outros resíduos orgânicos domésticos e formando um monte aonde esses materiais vão decompor e se tornar mais apropriados para aplicação no solo.

Entretanto, a distribuição do composto pronto depende mais das mãos do homem chefe-de-família, que tende a aplicá-lo mais em seus próprios plantios do que nas áreas cultivadas pelas mulheres da casa. Porém, se a mulher cuidar mais ativamente do monte de composto, ela pode aumentar sua capacidade de decidir onde o produto final será aplicado, desde que a família reconheça o trabalho que ela dedicou para produzi-lo. Hoje, mais e mais mulheres no Senegal estão se reunindo em grupos cooperativos para aumentar seu conhecimento de técnicas de compostagem e outras também capazes de melhorar o solo.

Durante as últimas décadas, a criação de grupos de interesse econômico (GIEs), de cooperativas de vizinhos, e de grupos de mulheres tem sido uma fonte vital de maior poder para as mulheres produtoras no Senegal, oferecendo-lhes acesso a recursos financeiros e treinamento técnico. Nos últimos anos, muitos grupos de mulheres, urbanos e rurais, oficiais ou informais, têm desenvolvido iniciativas produtivas agrícolas bem-sucedidas, oferecendo aos participantes renda, estabilidade e permanência em suas comunidades originais, reduzindo a migração para as cidades e sua expansão descontrolada.

O caso de Touba Peycouck

A dois quilômetros ao sul de Thiès localiza-se Touba Peycouck (1), uma pequena vila com 2.000 habitantes. As atividades do GIE Bokk Jom dessa vila oferecem um exemplo inspirador de desenvolvimento comunitário de base. No sistema integrado de criação de animais, silvicultura, horticultura e plantios de grãos, as mulheres desenvolvem um papel importante para a manutenção da fertilidade dos solos por meio de suas atividades de compostagem. Entretanto, o acesso limitado aos recursos continua impedindo uma participação igualitária das mulheres nas atividades agrícolas na periferia de Thiès.

Logo após a sua criação, em 1990, o GIE Bokk Jom abriu um pequeno armazém, apoiou a escola elementar da vila e depois abriu um posto telefônico público e uma pequena biblioteca. O grupo também inaugurou um forno à lenha para assar pão, aberto às mulheres do grupo. Em meados da década de 90, eles levantaram 500.000 F-CFA (2) (cerca de 770 euros) e receberam uma doação de 5,7 milhões F-CFA (cerca de 8.700 euros) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para iniciar um ambicioso projeto de desenvolvimento integrando criação de animais, silvicultura e horticultura. O Rodale Institute ajuda fornecendo treinamento em técnicas de horticultura, silvicultura e produção de composto. O grupo Bokk Jom também iniciou um viveiro de mudas de árvores, e lançou um programa de reflorestamento de grande escala. O grupo comprou quatro vacas leiteiras locais e providenciou sua inseminação artificial de modo a produzir uma nova geração de animais capazes de produzir mais leite. Seguiu-se a organização de uma cooperativa de criadores de galinha, um projeto produtivo que gerou mais de meio milhão de F CFA de lucro. Com treinamento técnico adicional trazido pelo Rodale Institute, o Bokk Jom construiu vários cercados para ajudar a produção de composto em maior escala, para transformar o esterco das vacas e das galinhas em adubo de alta qualidade. O composto pronto é usado nos cultivos das hortas, viveiros de mudas, e nos plantios de grãos.

Dos 72 membros do GIE Bokk Jom, 42 são mulheres. Vários cargos administrativos são preenchidos por mulheres, inclusive o de Secretário Executivo Adjunto e o de Tesoureiro. Um programa de microcrédito rotativo fornece às mulheres empréstimos de 25.000 F-CFA, com o prazo de 6 meses para pagar e juros de 7,5% ao ano, usados para dinamizar pequenos negócios e empreendimentos, sendo que até hoje nenhum crédito deixou de ser pago. As rendas dos membros são mais altas do que as produzidas pelos demais moradores da vila, e seu acesso a treinamento e sua situação na comunidade melhoraram.

Quando perguntados sobre quais as contribuições que as mulheres trazem ao GIE (3), vários membros homens disseram que o sucesso dos projetos de compostagem e silvicultura em andamento é devido ao alto nível de participação apresentado pelas mulheres.

Depois que as necessidades de adubação do viveiro de mudas foram atendidas, as mulheres têm o direito de usar o composto produzido nas instalações do grupo em seus lotes pessoais. Além desse composto produzido coletivamente, muitas mulheres já começaram a compostar, em seus próprios lotes, os materiais orgânicos disponíveis mais localmente, como sobras da cozinha, cinzas do fogão a lenha, e o estrume do gado. Muitas mulheres do grupo possuem seus próprios animais, em média 3 ou 4 cabras ou ovelhas cada uma delas. O uso de composto alastrou-se rapidamente em toda a vila e nas comunidades vizinhas. Noventa por cento do produto é vendido, geralmente para mulheres de outras vilas que compram em grandes quantidades e revendem no varejo dos mercados em Thiès e perto de Rufisque e Bambey. Dois terços dos restantes 10% são dados como ajuda a quem merece e precisa, e apenas um terço dos 10% é usado nos cultivos familiares. Mesmo que a renda produzida pela mulher, em suas atividades hortícolas, seja dela, uma boa parte é gasta nas compras de alimentos para a sua família.

Realmente, a contribuição das mulheres muitas vezes excede a trazida por seu marido. Mamadou Gueye, presidente do Bokk Jom, compreendeu a dificuldade para quantificar essa contribuição para a renda familiar: "A maior parte da renda delas vai diretamente para as panelas!"

Lições e recomendações políticas

A falta de terra em Touba Peycouck é uma limitação prioritária. O perímetro comunal considerado como "área de horticultura" da vila está dividido em lotes de 20x20 metros (400 m²). Baseando-se em critérios de seleção, que incluíam salário e mão-de-obra disponível, as autoridades da vila entregaram os lotes para os homens chefes de família. As mulheres têm acesso a lotes para hortas apenas por meio de seus maridos, ou alugando-os por 25.000 F-CFA para a estação hortícola (entre outubro e junho).

Atualmente, apenas um terço das mulheres do Bokk Jom mantém seus próprios lotes, enquanto que todos os homens do grupo continuam produzindo ativamente. As mulheres de um dos grupos focais queixaram-se de que elas tinham muito composto, mas não tinham onde usá-lo. Além disso, os horticultores devem pagar 4.000 F-CFA por mês pela água. Essas despesas, bem como os custos iniciais com sementes e equipamentos, desencorajam muitas mulheres de se envolverem com horticultura. Outras abandonam seus lotes em meio à estação hortícola caso se sintam incapazes de produzir um lucro, ou se viram para o pequeno comércio para ganhar bastante para cobrir as despesas para o ano seguinte.

Como em qualquer lugar na África Ocidental, o papel das mulheres como produtoras agrícolas urbanas é limitado por essas restrições, deixando a maior parte da produção nas mãos dos homens.

Apesar disso, cooperativas como a Bokk Jom melhoram o acesso das mulheres à terra e à infraestrutura ao lhes oferecerem crédito a taxas de juros razoáveis, bem como ao fornecerem oportunidades para congregarem seus esforços e recursos. Mais importante ainda, talvez, e mais difícil de ser quantificado, é o sentimento de fortalecimento e orgulho que a participação em um grupo produtivo provoca nas mulheres.

Embora o objetivo principal do Bokk Jom não seja melhorar o padrão de vida das mulheres de Touba Peycouck, seu sucesso beneficiou diretamente seus membros mulheres ao lhes proporcionar uma base organizacional sólida e um fórum onde elas podem desenvolver sua cooperação.

Mesmo assim, as tradições patriarcais que vigoram na comunidade em geral definem a extensão da participação das mulheres na agricultura urbana. Iniciativas específicas por gênero, visando ajudar grupos cooperativados como o de Touba Peycouck, podem se provar necessárias para se superar esses obstáculos.

Em uma sessão de “brainstorming”, os membros do GIE de Touba Peycouck listaram as seguintes recomendações para as políticas públicas:

- Garantir às mulheres o mesmo acesso às terras que têm os homens
- Oferecer incentivos para a produção agrícola sustentável
- Promover grupos de mulheres e facilitar seu acesso a financiamento e crédito
- Expandir as oportunidades de treinamento técnico para as mulheres
- Melhorar a consciência sobre saúde pública e a infraestrutura de serviços.

Uma lei recentemente promulgada aborda a primeira preocupação, buscando garantir maior equidade no acesso à terra. O verdadeiro desafio será fazê-la vigorar efetivamente.

Algumas das demais recomendações podem parecer impossíveis de serem implementadas no nível governamental devido aos cortes nos programas públicos e às normas do “mercado livre” que proíbem subsídios agrícolas. Entretanto, elas fornecem um quadro útil e relevante para as ONGs e agências de ajuda que trabalham com os formuladores de políticas ou atuam diretamente com as populações locais.

Grupos como Bokk Jom têm sido bem-sucedidos em responder às limitações reais que restringem os produtores urbanos e periurbanos - e particularmente as mulheres engajadas na agricultura nas cidades dos países em desenvolvimento ao redor do mundo.

Notas

1. Vários moradores, sentindo-se esgotados por seus compromissos financeiros, formaram um Grupo de Interesse Econômico - GIE, ou “Bokk Jom”, em 1990 em um esforço para melhorar suas oportunidades econômicas. No idioma wolof, “bokk jom” significa “unir por uma causa em comum”.
2. O franco CFA, ou “franco da África Ocidental”, vale 656 CFA por 1 euro
3. Cinco grupos focais formados, com quatro ou oito pessoas cada, que se reuniram entre setembro e outubro de 2003 em Touba Peycouck durante o estágio de três meses propiciado pelo Rodale Institute ao autor, em Thiès. Outros dados foram colhidos em Akakpo e Ki (2000, que pesquisaram 100 moradores para avaliar o impacto que o GIE teve em suas vidas.

Dimensão de gênero da agricultura urbana comercial em Lagos, Nigéria

Vide Anosike - vide3q@yahoo.com

Mayowa Fasona

Departamento de Geografia, Universidade de Lagos em Akoka

Lagos, Nigéria

Fotos: Vide Anosike

A alta taxa de pobreza entre os moradores urbanos e a crescente responsabilidade das mulheres para assegurar a sobrevivência de suas famílias têm tornado a agricultura urbana uma atividade crucial em Lagos. Porém o acesso inadequado à terra e à água é um obstáculo às práticas agrícolas mais eficientes e efetivas.

Consciência de gênero na agricultura urbana significa a compreensão das oportunidades e limitações que se colocam, especificamente, diante dos homens e das mulheres, fornecendo mais abrangência e riqueza para as soluções e evitando uma conceitualização unilateral das necessidades, interesses e experiências das pessoas (Hovorka, 1998). Esse estudo dá uma análise da situação do papel que o gênero desempenha no contexto da agricultura urbana na região metropolitana de Lagos. Ele analisa as implicações e também sugere possíveis soluções para as opções políticas.



As mulheres aceitam os terrenos menores e menos férteis para poderem plantar.

Cada vez compreendem-se melhor as diferenças na produção urbana de alimentos por homens e mulheres na Nigéria. Em Lagos, as mulheres têm pouco acesso aos recursos produtivos ainda que elas tenham a maior parte da responsabilidade em fornecer alimentos e bem estar para suas famílias. As mulheres dominam muitas atividades agrícolas urbanas, especialmente aquelas que têm margens de lucro menores: elas cultivam as safras menos valiosas nas terras menos valorizadas e de menor qualidade.

Lidar com esses desafios requer políticas mais apropriadas, que sejam sensíveis às questões de gênero e que favoreçam os pobres urbanos. O resultado irá não apenas criar mais postos de trabalho, mas também fortalecer as mulheres para melhor atenderem suas responsabilidades reprodutivas e produtivas, e viabilizar um processo sustentável de urbanização.

Até agora, os programas nacionais e estaduais de redução da pobreza e “empoderamento” das mulheres não foram capazes de alcançar esses resultados.

A agricultura urbana é um recurso importante para garantir a subsistência familiar, tanto para homens quanto para mulheres, que enriquece a situação nutricional da população urbana. Em um estudo desenvolvido em Ibadan, Gbadegesin (1991) demonstrou que a agricultura produz renda para muitas mulheres nas cidades a quem falta mais educação, treinamento e oportunidades de emprego formal.

A agricultura urbana desempenha um papel muitas vezes subestimado na segurança alimentar urbana e um potencial muito grande para reduzir as importações de alimentos para as cidades.

Características de gênero

Um estudo de campo realizado pelos autores em 2002 revelou que Lagos tem um número substancial de agricultores. A maioria dos produtores são homens (72%), mas homens e mulheres dominam em setores diferentes (ver tabela 1). A situação refuta a noção mais usual de que as mulheres dominam a agricultura urbana, como é o caso em cidades como Nairóbi, Kampala e outras. Apenas 5% das mulheres pesquisadas dedicam-se à atividade há mais de cinco anos.

A maior parte dos produtores é formada por homens casados (75%) com filhos, mas apenas poucos dos agricultores homens vivem com suas famílias. A maior parte deles é formada por migrantes sazonais que vêm a Lagos para cultivar durante certos períodos do ano. Muitas das mulheres, porém, residem em Lagos com seus dependentes (tendo entre três e nove filhos de diferentes relações) com pouco ou nenhum apoio de seus esposos.

Os homens gastam mais tempo (doze horas por dia ou mais) trabalhando na terra do que as mulheres. Isso pode ser atribuído ao fato de que muitos deles (os produtores migrantes) vivem em barracos nas áreas de plantio. Apenas muito poucos casais são proprietários de uma casa com terreno grande o bastante para plantios, ou podem viver perto de onde cultivam.

Também verificou-se que a maioria das mulheres agricultoras de tempo integral são viúvas ou divorciadas, e portanto chefes-de-família que não têm qualquer outra fonte de renda para sobreviver.

As mulheres cultivam safras como melão, “waterleaf”, espinafre, tomate, pimenta, milho e “okra”, enquanto que os homens cultivam mais freqüentemente alface, cenoura, abobrinha, babosa, pimentão, e espinafre indiano, que são mais valorizados na hora de vender, mas também mais exigentes em termos de adubação. Os produtores homens operam em todas estações colhendo alguns cultivos até oito ou doze vezes por ano. As mulheres são menos ativas durante as estações seca e chuvosa, e portanto mais vulneráveis.

Existem poucas diferenças nas tarefas realizadas por homens e mulheres, exceto quanto à irrigação. A capina manual, que no passado era feita só por mulheres, é agora realizada também por homens. E a comercialização dos produtos, que era tipicamente um trabalho de mulher, hoje está se tornando rapidamente uma atividade também exercida por homens

Tabela 1: Características de gênero dos produtores (porcentagens)

| Sexo | População | Dependentes | Produtores tempo-integral | Produtores tempo-parcial | Cultivo | Venda | Processamento |
|----------|-----------|-------------|---------------------------|--------------------------|---------|-------|---------------|
| Homens | 72 | 41 | 47 | 67 | 82 | 48 | 64 |
| Mulheres | 28 | 59 | 53 | 33 | 18 | 52 | 36 |

Fonte: pesquisa de campo, 2002

Freqüentemente a terra é arrendada. Um proprietário usualmente aluga cerca de dois terrenos a quatro a seis agricultores, especialmente entre os produtores migrantes, para um arrendamento de 300 a 1000 “Naira” (ou seja, de 2 a 7 dólares) por mês, dependendo do tamanho da área. Muitas mulheres não são capazes de assumir esses pagamentos devido a sua pobre produção e às poucas vendas, e não têm acesso a terras melhores.

Os produtores homens de Lagos trabalham juntos facilmente e protegem seus interesses em comum. Eles encorajam a construção de cisternas comunitárias para irrigação, e a compra em conjunto de sementes e outros insumos, como adubos e esterco de galinha.

Esses esforços comunitários também incluem a venda solidária de produtos e o encorajamento de formação de poupança, em base diária ou mensal (chamada localmente de ajo), que muitas vezes é reinvestida no sistema agrícola. Por exemplo, os produtores trabalham juntos para ajudar algum colega doente, ou vítima de acidente, a ter acesso a cuidados médicos e também para apoiar a construção e manutenção de suas casas.

Muitas mulheres reclamam que lhes são negadas oportunidades mesmo que elas contribuam para um grupo. Elas simplesmente não têm o que falar em tal processo de decisões.



Uma mulher cultiva sua parcela de terra no campus da Universidade

Implicações

Os cultivos urbanos, especialmente os conduzidos por mulheres, estão quase sempre localizados em áreas inseguras e de uso precário, na periferia das cidades, às quais faltam serviços básicos como água e eletricidade. Os produtores algumas vezes têm que transportar água por uma distância entre 100 e 300 metros, especialmente durante a estação seca.

A maioria das mulheres depende da ajuda de mão-de-obra paga, e de membros da família (inclusive crianças), tornando a produção mais cara e menos lucrativa e muitas vezes reduzindo o tempo que as crianças deveriam estar na escola.

O acesso limitado a recursos (terra, irrigação, maquinário e financiamento) ocasiona uma dificuldade extra para as mulheres agricultoras, que em combinação com a poluição direta e indireta, além dos roubos e da insegurança, torna a agricultura uma atividade tediosa e difícil para as mulheres se dedicarem a ela. Com poucas exceções, o volume da produção também é mais alto entre os homens do que entre as mulheres.

As disparidades entre os gêneros na agricultura urbana em Lagos são tais que cabe às mulheres trabalhar em terras relativamente pequenas e pouco férteis, e não ter acesso às práticas agrícolas mais eficientes. Isso tem levado à adoção de variados métodos agrícolas, muitos deles associados com impactos ambientais adversos e com colheitas insatisfatórias.

Recomendações

A agricultura urbana tornou-se um empreendimento lucrativo que contribui para o melhoramento da situação socioeconômica e para o bem-estar nutricional e de saúde da população de Lagos.

As mulheres e os homens desempenham um papel fundamental na prática e gerenciamento da agricultura urbana. A agricultura urbana é uma atividade intensiva em mão-de-obra, e a terra é o principal recurso.

Por que são tradicionalmente as mulheres as responsáveis pela provisão da comida na maioria das casas - além de serem responsáveis pelo bem-estar da família em geral - são necessárias políticas que reduzam a diferença entre os gêneros no acesso à terra e a outros recursos.

Campanhas de esclarecimento devem usar as várias mídias para educar e informar os moradores urbanos e proprietários sobre os potenciais da agricultura urbana mesmo para aqueles já engajados em ocupações formais.

Desse modo, os proprietários iriam se dispor mais a arrendar as suas terras não utilizadas ou subutilizadas para os produtores, que assim teriam mais segurança para trabalhar a longo prazo.

Referências

- Gbadegesin, A. (1991), Farming in the Urban Environment of a Developing Nation: A Case Study from Ibadan in Nigeria. *The Environmentalist*, Vol. 11, No. 2, pp 102-111.
- Hovorka, A. (1998), Gender Resources for Urban Agriculture Research: Methodology, Directory and Annotated Bibliography, *Cities Feeding People Report Series*, Nr. 26, online document of IDRC, <http://www.idrc.ca/cfp/gender.html>

A integração de gênero nas políticas municipais: agricultura urbana em Port Harcourt, Nigéria

Yomi Oruwari - yomioruwari@yahoo.com

Margaret Jev- mojev@hotmail.com

Universidade Rivers State de Ciência e Tecnologia
Port Harcourt, Nigéria

No interior e ao redor da cidade de Port Harcourt, muitas áreas antes destinadas ao cultivo de alimentos estão sendo destinadas a incorporações industriais ou urbanas, especialmente ligadas à extração de petróleo e à construção de moradias.

Nesse processo, a inabilidade do planejamento urbano em considerar as necessidades crescentes dos agricultores urbanos, especialmente das mulheres que produzem hortaliças e frutas perecíveis, é evidente e precisa ser enfrentada.



*Agricultora cultivando área livre em Port Harcourt
Foto: Margaret Jev*

O surgimento da agricultura urbana

A agricultura urbana começou a ser encorajada nas cidades da Nigéria com a introdução da "Operação Alimente a Nação", em 1979, quando as famílias foram encorajadas a cultivarem plantas alimentícias ao redor de suas casas (Olomola, 1998). Essa iniciativa abriu os olhos dos moradores urbanos pobres, especialmente das mulheres, para a possibilidade de se produzirem alimentos nas áreas urbanas, gerando alguma renda e ao mesmo tempo melhorando a nutrição de suas famílias.

Desde essa época em Port Harcourt, os espaços ao longo das estradas, ao redor das casas e nos fundos dos prédios, bem como as grandes áreas públicas (ou quase públicas, como as pertencentes à Universidade Federal), têm sido usados para o cultivo de grãos e de hortaliças. A maior parte desses produtores é formada por mulheres por que, tradicionalmente, cultivar alimentos é uma responsabilidade feminina, assim como também colhê-los e vendê-los. Os homens, por outro lado, são responsáveis pelo preparo do terreno, das leiras para o plantio de inhame etc. Usualmente, a colheita é feita por homens e mulheres.

Os floricultores urbanos são predominantemente homens. Eles também são muito encontrados ao longo das estradas e ruas principais e, às vezes, em lotes vazios de propriedade de investidores que reservam a terra para futuras incorporações. Isso é encorajado por que os agricultores impedem que a terra seja invadida, e ao mesmo tempo mantêm os terrenos limpos sem custo para os proprietários.

Embora a OAN tenha durado apenas um curto período, a idéia da agricultura urbana está novamente em evidência por causa do aumento do desemprego e do alto custo de vida.

Os planejadores urbanos da prefeitura de Port Harcourt são poucos em número e pouco eficientes (muitas vezes corrompíveis), e estão mais preocupados com o "desenvolvimento imobiliário" do que com o meio ambiente.

Em alguns casos, eles multam os produtores urbanos alegando incompatibilidade de sua atividade com o ambiente urbano. Isso tem preocupado quem vê a agricultura urbana como uma estratégia de sobrevivência importante para os pobres da cidade, principalmente as mulheres.

Dimensão de gênero e políticas municipais

Embora o gênero seja claramente um fator importante no uso urbano da terra, em Port Harcourt a diferenciação social entre homens e mulheres não é considerada nas decisões municipais relativas ao uso da terra, notavelmente com respeito à agricultura urbana, no momento oficialmente ignorada, juntamente com seus praticantes - sejam homens ou mulheres.

As mulheres predominam na agricultura urbana, especialmente com relação à produção de alimentos. Isso é uma habilidade que elas trouxeram de suas aldeias natais, e que agora usam para ganhar a vida e ao mesmo tempo prover sua subsistência.

Os homens estão principalmente envolvidos com a horticultura puramente comercial. A produção é insegura, porém, pois os agricultores não são proprietários das áreas onde trabalham, detendo apenas o direito de uso.

Outro aspecto relevante é que, enquanto os homens tradicionalmente vendem suas plantas ornamentais no local onde as produzem, as mulheres precisam vender parte de seus produtos em mercados distantes dos locais de produção.

Isso aumenta as tarefas enfrentadas pelas as mulheres, tornando-as quase insustentáveis.

Desafios

A agricultura urbana é um uso benéfico da terra e chegou para ficar em Port Harcourt. De fato, a área usada para cultivos está aumentando. As vizinhanças são embelezadas, alimentos são produzidos, e o lixo urbano pode ser utilizado como um recurso útil.

Muitas terras baldias tornaram-se produtivas, e, como resultado, as terras públicas ou quase-públicas estão sendo agora usadas (com permissão) para servir aos pobres até que sejam destinadas a algum outro fim.

Entretanto, o crescimento urbano em Port Harcourt tem superado a capacidade dos planejadores, incapazes de disciplinar a expansão descontrolada da cidade.

O crescimento urbano superou inapelavelmente o plano-diretor. Existe uma necessidade, portanto, de envolver a população das áreas urbanas na administração da cidade, e habilitar os planejadores a saberem onde as áreas livres estão, quais estão sendo usadas e para quê, e como as pessoas vão aceitar as políticas que estão sendo criadas para eles.

As mulheres irão se beneficiar com isso, já que são elas as principais protagonistas na produção de safras e provedoras da nutrição de suas famílias.

O bem-estar das pessoas na cidade deve ser visto como um valor que deve ser promovido por meio da inclusão da agricultura no planejamento da cidade.

Referências

- Olomola, Ade (1998) 'Urban Agriculture and the Implications for Urban Development in Nigeria'. In Adeniji, Kunle and Ogu, Vincent (eds) Sustainable Physical Development in Nigeria. Ibadan: Nigerian Institute for Social and Economic Research (NISER).

- Mundi, Ejifu (1999) 'Gender Issues Associated With Agricultural Production and Extension' In Oruwari, Yomi (ed.) Gender, Sustainable Development and The Urban Poor In Nigeria. (A book of Readings). Port Harcourt: Hisis Publishers Ltd.
- Olatubara, C. O. (2003) 'The Participation of Women in Residential Location Decision- making in Ibadan, Nigeria.' In The Journal of the Nigerian Institute of Planners. Vol XIV.
- Oruwari, Yomi and Jev, Margaret (2001) ' Urban Planning and Agriculture: Towards an Environmental Planning Framework in Nigeria.' In The Nigerian Journal of Environmenal Sciences. Vol 1, No. 1.

A criação urbana de animais e gênero em Adis Abeba, Etiópia

Azage Tegegne - a.tegegne@cgiar.org

International Livestock Research Institute (ILRI)

Adis Abeba, Etiópia

Fotos: Azage Tegegne

A infraestrutura urbana de Adis Abeba não se desenvolveu suficientemente para acompanhar a grande expansão horizontal da cidade nos últimos trinta anos. Com uma taxa de crescimento populacional bem acima de 5% ao ano, a demanda por grãos e produtos animais continuará crescendo significativamente, requerendo uma intervenção estratégica para garantir o fornecimento adequado desses produtos para os moradores daquela cidade.

A criação urbana de animais constitui um sub-setor importante do sistema produtivo agrícola da Etiópia. Existem cerca de 40.000 vacas de sangue puro ou mestiças nas áreas urbanas e periurbanas do país.

Em Adis Abeba apenas, existem cerca de 5.200 vacarias familiares que cuidam de mais de 58.000 cabeças (quase metade mestiças) (?). Considerando-se uma média de 6 pessoas por domicílio, cerca de 30.000 habitantes da cidade dependem do sub-setor leiteiro urbano.



Mulheres recebendo treinamento sobre manipulação do leite e derivados no centro de pesquisa de Debre Zeit

A produção total anual de leite é estimada em 44 milhões de litros, sendo 83% dela comercializada, e o restante consumido pelos produtores e famílias. Cerca de 79% dessa produção vem de produtores urbanos.

Do ponto de vista econômico, o gado bovino e as galinhas são os animais mais importantes para os produtores urbanos, embora as cabras, ovelhas e eqüinos também colaborem significativamente para a economia da cidade e para a alimentação dos moradores.

Assim, a produção urbana de animais desempenha um papel importante para reduzir a pobreza e contribui para a segurança alimentar na cidade. Mesmo assim, os criadores urbanos recebem pouca atenção em termos de políticas e de apoio institucional e técnico voltados especificamente para eles.

As contribuições da criação urbana de animais para o desenvolvimento geral da cidade incluem a geração de emprego e renda, a redução da pobreza e o melhoramento da nutrição e da saúde da população. A criação urbana de animais é um sistema complexo que envolve diversas atividades, como produção, processamento e comercialização, e muitas tecnologias em cada nível da cadeia produtiva que forma esse sistema.

A maior parte das pessoas envolvidas com a produção, processamento e comercialização de seus produtos é formada por mulheres.

A dimensão do gênero e a produção urbana de animais

Em Adis Abeba, cerca de 33% dos domicílios envolvidos com criação de animais são liderados por mulheres. A taxa de desemprego na cidade é de cerca de 47%, e as mulheres formam 58% das pessoas desempregadas. É alta a taxa de dependência, com 69% da população total dependendo dos 31% restantes. Um estudo realizado por Azage Tegegne e outros (2002) em Adis Abeba revelou que cerca de 45% dos proprietários de animais são mulheres.

Os ruminantes têm importante papel na economia doméstica de muitas famílias urbanas.



A idade média das mulheres e dos homens que possuem animais é de 55 e 57 anos respectivamente. O nível de instrução desses criadores vai desde o analfabetismo até o segundo grau completo (os homens um pouco mais educados do que as mulheres). A maior parte dos criadores de animais depende exclusivamente da atividade, enquanto que o restante é formado por aposentados e por pessoas com algum emprego no governo ou em empreendimentos privados.

Do ponto de vista econômico, o gado leiteiro, as ovelhas e as galinhas são as espécies mais importantes, embora cabras e – em menor extensão os eqüinos – também dêem uma importante contribuição para a economia urbana e a segurança alimentar das famílias. As mulheres possuem cerca de 43% do gado leiteiro, 81% das galinhas, 47% das ovelhas, e 33% das cabras. O número médio de gado possuído é de 7 cabeças por família. Depois do gado bovino e das galinhas, as espécies mais numerosas são as dos pequenos ruminantes, mantidos tanto por mulheres quanto por homens (Azage Tegegne e outros, 2002).

As mulheres são normalmente responsáveis por alimentar os animais maiores, limpar os estábulos, ordenhar as vacas, processar o leite e vender os produtos, mas recebem alguma ajuda dos homens, das crianças e de outros parentes.

As crianças menores, especialmente as meninas com idade entre 7 e 15 anos, são usualmente responsáveis pelo manejo dos bezerros, galinhas e pequenos ruminantes, enquanto que os homens e os meninos maiores são responsáveis por tratar dos animais doentes, construir abrigos, cortar capim e forragem para o gado e os pequenos ruminantes.

O papel das mulheres no manejo dos animais que ficam confinados durante a maior parte do ano é substancial, e elas estão particularmente envolvidas na remoção e manejo do estrume, que é freqüentemente transformado em “tortas” e usados ou vendidos como combustível.

Com relação a isso, as mulheres têm assim um importante papel para minimizar a poluição ambiental e os riscos para a saúde pública relacionados com a criação urbana de animais (Azage Tegegne e outros, 2002; Odenyo e outros, 2002).

Entre as limitações freqüentemente mencionadas tanto por homens quanto por mulheres pesquisados neste estudo estão os altos custos dos insumos (alimentos e remédios), a disponibilidade, o custo e a qualidade das rações concentradas e do feno, a ausência de um mercado para leite “in natura” e os baixos preços do leite e derivados especialmente durante a época da seca “fasting period” (?), o baixo desempenho reprodutivo das vacas leiteiras, a pouca disponibilidade de técnicos “AI” (?) e a falta de sêmen de alta qualidade.



Pequena vacaria urbana.

Problemas tais como a falta de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e de treinamento e a ausência de aconselhamento técnico sobre criação de animais foram mencionados mais freqüentemente por mulheres (30%) do que por homens (15%).

As doenças foram reportadas por 45% dos domicílios (44% das mulheres e 56% por homens) como o maior problema na criação de gado e de galinhas. A mastite no gado leiteiro e a doença de Newcastle nas galinhas são importantes ameaças à produção urbana de animais.

O acesso ao crédito para melhorar ou aumentar as atividades de criação urbana de animais foi considerado um obstáculo por 45% das famílias (33% das mulheres e 67% dos homens) (Azage Tegegne e outros, 2002).

Recomendações

Os aspectos de gênero devem ser devidamente considerados em todas as etapas dos ciclos de desenvolvimento da agricultura urbana, incluindo a concepção e o planejamento dos projetos, e a implementação, monitoramento e avaliação dos programas. A participação e o benefício das mulheres na produção urbana de animais podem ser considerados por meio da análise de gênero apropriada para cada situação real.

Os projetos de desenvolvimento devem envolver as mulheres na identificação dos problemas e no planejamento dos programas; identificar meios e modos para a participação das mulheres e de promover seu benefício; criar medidas para fortalecer sempre a participação das mulheres; assegurar que os benefícios alcancem as mulheres e os homens; e incluir estágios de acompanhamento e monitoramento para verificar que as intervenções estão atendendo as necessidades práticas e estratégicas das mulheres.

Para melhorar a situação das mulheres, aumentar sua produtividade na criação urbana de animais, e fortalecer seu poder nas tomadas de decisões que as afetem, o reconhecimento de seu papel e a implementação de políticas favoráveis são pré-condições essenciais.

A pesquisa também precisa evidenciar as questões de gênero e desenvolver tecnologias apropriadas - tais como uma pequena máquina para preparar manteiga - que sejam focadas nas necessidades das mulheres.

Também é fundamental treinar as mulheres no uso de tecnologias, dimensões de gênero, técnicas de liderança e inclusão, e em gerenciamento de pequenos negócios e de possibilidades de investimento que permitam rendas crescentes.

A experiência do Instituto Internacional de Pesquisas sobre Criação de Animais (International Livestock Research Institute - ILRI) no treinamento de mulheres em produção e manejo de leite e derivados, incluindo informações sobre higiene, processamento e comercialização, é um bom exemplo.

A extensão agrícola deve também desenvolver um conjunto de modelos de apoio técnico no qual os grupos de mulheres e homens possam escolher o que mais lhe interesse.

Além disso, é preciso apoiar a criação de organizações de mulheres ou mistas que melhorem suas condições de comercialização, obtenção de crédito, formação de poupança etc., e lhes assegurem uma orientação mais eficiente no manejo de seus sistemas de produção.

Referências

- Azage Tegegne, Million Tadesse and Zinash Sileshi. 2002. Scoping Study on Interactions Between Gender Relations and Livestock Keeping Practices in Addis Ababa, Ethiopia, Natural Resources International Ltd, Kent, UK.
- Bogalech Alemu. 1998. Women, Food Security and Agriculture. Proceedings of the Ethiopian Society of Animal Production (ESAP), pp.9-18.
- Odenyo, A., Azage Tegegne and Hanson, J. 2002. Alleviation of rural poverty and improved women's livelihoods through dairy development: The role of International Livestock Research Institute and its partners. Presented at the 3rd World Congress of Rural Women, Madrid, Spain, October 2-4, 2002.

Análise de gênero da agricultura urbana em Kampala, Uganda

Grace Nabulo - [gnabulo@sci.mak.ac.ug](mailto:g nabulo@sci.mak.ac.ug)

Department of Botany, Makerere University, Kampala, Uganda

George Nasinyama - nasinyama@vetmed.mak.ac.ug

Department of Veterinary Public Health and Preventive Medicine, Faculty of Veterinary, Makerere University,

Diana Lee-Smith - d-lee.smith@cgiar.org

CIP/Urban Harvest Sub-Saharan Africa Region

Co-ordinator, Nairobi, Quênia

Donald Cole - Donald.cole@utoronto.ca

Department of Public Health Sciences, University of Toronto, Canadá

A agricultura urbana em Kampala ocorre principalmente em áreas livres que incluem muitos terrenos institucionais e os “mailo” (propriedade privada), mas também ocorre em áreas de risco, como antigos lixões, alagadiços e ao longo de estradas.

Os antigos lixões são usados para a produção de alimentos e hortaliças, e alguns deles oferecem condições para que os produtores vivam neles em barracos improvisados. Além disso, as águas servidas, inclusive industriais, são canalizadas e despejadas nessas áreas baixas, e quem cultiva nessas áreas está portanto mais exposto a variados impactos na saúde. Por outro lado, o manejo inadequado dessas águas pode levar à contaminação dos alimentos lá produzidos, inclusive das hortaliças. Essa situação não conta com a aprovação da municipalidade, mas continua existindo.

Embora considerada como ilegal pelas autoridades municipais, a agricultura urbana continua sendo praticada tanto por homens quanto por mulheres. Entretanto a divisão das tarefas, nas famílias agricultoras urbanas, expõe os homens e as mulheres a diferentes riscos à saúde (Flynn, 1999). As mulheres são mais vulneráveis aos impactos à saúde por causa das variadas tarefas que devem realizar. Por exemplo, as mulheres e as crianças gastam longas horas vendendo os produtos pelas ruas, ficando assim mais expostas aos poluentes e metais pesados liberados pelo trânsito.

Os maiores riscos potenciais para a saúde associados à agricultura urbana têm sido classificados como físicos, químicos, biológicos e psicossociais (Cole e outros, 2003).

Vários fatores levam as mulheres a produzirem os cultivos menos lucrativos. Foto: Grace Nabulo



Os riscos físicos podem incluir ferimentos com objetos cortantes e perfurantes como garrafas quebradas e agulhas presentes nos antigos lixões. Os riscos químicos incluem a exposição por contato da pele com substâncias químicas, a inalação da poeira liberada por solos contaminados ou de emissões gasosas poluentes, e a ingestão de alimentos contaminados por lixo tóxico no solo e na água. Os riscos biológicos podem incluir a infecção por parasitas patogênicos, bactérias e outros vetores de doenças, como mosquitos propagadores da malária que podem se multiplicar entre as folhas de alguns cultivos e organismos que têm ciclos biológicos parte em seres humanos e parte em outros meios (vegetais e animais) presentes na agricultura urbana. Os riscos psicossociais incluem a insegurança ligada à provisoriedade na posse da terra, a perda da área de cultivo, os furtos, a violência, o estupro de agricultoras em locais mais ermos da periferia, e o esgotamento causado por longas horas de trabalho. Esse documento focaliza principalmente a produção de alimentos em áreas que recebem resíduos sólidos ou líquidos nas áreas urbanas e periurbanas da cidade de Kampala.

Métodos

Um estudo foi realizado na cidade de Kampala de 2001 a 2002, por meio de uma pesquisa formal que aplicou 250 questionários semi-estruturados a produtores envolvidos com o cultivo de alimentos nos antigos lixões de Lugogo, Kinawataka e Wakaliga, e nas áreas irrigadas com águas servidas em Namuwongo, ao longo do canal de Nakivubo.

Dos agricultores que produzem em áreas contaminadas em Kampala, 55% eram mulheres, e 41% deles tinham na agricultura a sua única fonte de renda (sendo que dessa parcela, 63% eram mulheres). Uma porcentagem maior de mulheres do que de homens (34% a 30%) consumia todos os alimentos produzidos com suas famílias, enquanto 53% das mulheres e 67% dos homens vendiam parte de sua produção no mercado. As mulheres mais pobres, que se viam obrigadas a produzir nas áreas mais contaminadas de Kampala, tinham também maior possibilidade de usarem seus produtos prioritariamente para alimentar as suas famílias.

Somente 9% de todos os produtores cultivavam alimentos exclusivamente para vender (14% das mulheres e 5% dos homens). Mas essas mulheres vendiam todos os alimentos que elas produziam nas áreas contaminadas para então usar o dinheiro para comprar outros, produzidos em áreas mais seguras, para alimentar suas famílias. A maior fonte nutritiva nas casas estudadas era a banana, enquanto que a *Colocasia esculenta* (cocoyam) e o milho (*Zea mays*) eram os cultivos mais freqüentes nessas áreas. Outros cultivos incluíam a mandioca (*Manihot esculenta*), a batata-doce (*Ipomoea batatas*), feijões e hortaliças.

Os homens e as mulheres estavam geralmente envolvidos em várias atividades agrícolas. Os homens pesquisados estavam envolvidos principalmente no cultivo de cana-de-açúcar e do “cocoyam” nas terras mais úmidas, enquanto que as mulheres cultivavam milho, batata-doce e hortaliças. Os homens dedicavam mais tempo aos plantios do que as mulheres.

As mulheres cultivavam os alimentos que requerem menos capital, tempo e trabalho e que alcançam menores preços. Isso acontece, em parte, por que 70% das mulheres eram casadas e tinham suas tarefas domésticas tradicionais a cumprir, como cozinhar para a família e cuidar das crianças. As mulheres, portanto, cultivavam, em pequena escala, produtos perecíveis que possam ser vendidos nas vizinhanças, ao longo das ruas, ou em algum pequeno mercado próximo, ou em uma barraquinha em frente de casa.

Além disso, os produtos cultivados principalmente pelos homens se conservam por mais tempo nas prateleiras onde são comercializados e podem ser transportados a maiores distâncias para serem vendidos em mercados mais interessantes.

O principal benefício da agricultura urbana - e a razão pela qual a maior parte dos produtores se dedicava aos plantios - era a obtenção de comida: 41% dos pesquisados informaram que se beneficiavam dos alimentos que produziam de graça; 21% aproveitavam a proximidade do mercado; e 9% buscavam um reforço econômico. Mais importante, 22% dos produtores sofreriam uma crise econômica se não pudessem mais praticar a agricultura urbana (42% das mulheres e 22% dos homens). Perguntados sobre o que fariam se impedidos de plantar em áreas contaminadas, 12% dos homens (e apenas 3% das mulheres) disseram que se mudariam para onde mais houvesse terras disponíveis; 14% dos homens (e apenas 1% das mulheres) disseram que não seriam afetados. As mulheres portanto se beneficiam mais da agricultura urbana como base de sua subsistência, segurança alimentar e renda familiar.

Acesso à terra e à água

Apenas 28% dos produtores estudados tinham total controle sobre as terras que cultivavam, 9% precisavam arrendá-las e 22% usavam terrenos disponíveis gratuitamente.

As mulheres cultivavam alimentos em áreas de alto risco, tornando-se assim mais vulneráveis a diversos impactos negativos. A maior parte dos produtores não tinha acesso a água limpa; 18% deles a obtinham sem custo de alguma fonte ou poço; e 77% pagavam para usar água encanada.

Mais da metade (55%) dos produtores (e mais as mulheres do que os homens) não usava qualquer tipo de roupa de proteção enquanto trabalham em áreas contaminadas (Tabela 1). Em Uganda, cozinhar os alimentos é responsabilidade das mulheres.

O estudo revelou que apenas 2% das famílias que cultivam em áreas contaminadas usavam eletricidade para cozinhar, enquanto que 22% usavam lenha (grátis) e 55% usavam carvão.

Tabela 1: Diferenças baseadas no gênero com relação aos benefícios, à distribuição dos recursos e aos riscos associados à agricultura urbana

| Atributos | | Todos os Produtores % | Mulheres % | Homens % |
|---|--|-----------------------|------------|----------|
| Casados | | 68 | 70 | 64 |
| Agricultura como principal ocupação | | 41 | 47 | 33 |
| Têm o controle da terra | | 28 | 25 | 32 |
| Produzem e vendem os produtos | | 54 | 60 | 52 |
| Possuem o que cultivam | | 93 | 93 | 82 |
| Gastam a renda em necessidades domésticas | | 40 | 39 | 32 |
| Usam roupas de proteção enquanto trabalham na terra | | 38 | 37 | 42 |

Percepção dos riscos

Mais de 80% dos produtores de Kampala estavam conscientes dos riscos para a saúde ao cultivarem alimentos em áreas contaminadas. Perguntados se eles aprovavam o cultivo de alimentos em antigos lixões, 89% dos homens e 84% das mulheres disseram que não, pois não consideravam saudável, mas que eles não tinham alternativa, já que a agricultura em tais áreas era a sua única possibilidade de gerarem renda e de se alimentarem melhor. Alguns dos agricultores só admitiam cultivar nas áreas contaminadas se fosse para vender os produtos, e não para consumo próprio. Lee-Smith (2003) observaram que homens e mulheres percebem os riscos de modo diferente, dependendo do quanto sabem e do que têm a ganhar ou a perder, que também depende do que eles valorizam mais e até de quem são eles.

Recomendações

O Conselho Municipal de Kampala deveria integrar a agricultura urbana em seus programas e planejamentos como uma medida para a redução da pobreza e aumento da qualidade dos alimentos consumidos pela população da cidade. O Conselho está atualmente revendo as posturas relacionadas com a agricultura urbana e deverá trocar informações com os variados interessados, como pesquisadores, ONGs, agências de desenvolvimento, instituições e proprietários de terras, para definir novas iniciativas e políticas públicas que promovam a agricultura em Kampala.

O Conselho deveria facilitar o desenvolvimento e o fortalecimento dos agricultores urbanos por meio da educação ambiental e da educação para a saúde relacionadas às suas práticas produtivas, bem como de medidas capazes de reduzir os potenciais impactos negativos, promovendo o uso de tecnologias de baixo custo para tratar as águas servidas, o uso de técnicas agrícolas apropriadas e a seleção criteriosa dos cultivos para minimizar a exposição dos alimentos produzidos à contaminação.

O Conselho deveria prestigiar o Departamento de Agricultura Urbana e sua equipe de extensão técnica, e articular-se com pesquisadores e com as organizações de mulheres e de jovens locais para assegurar a implementação dessas medidas preventivas.

Nota

1. Este estudo foi possível graças ao apoio financeiro do IDRC - Agropolis.

Referências

- Cole, D.C.; Diamond, M.; Bassil, K. and H. J-Otazo (2003). Health Risk and Benefit Assessment in UPA. SSA Workshop on Health Risks and Benefits of Urban and Peri-urban Agriculture. Nairobi, Kenya. 9-12 June 2003.
- Flynn, K. (1999). Urban Agriculture and Public Health: Risk Assessment and Prevention for Contamination and Zoonoses. Cities Feeding People Program Initiative. International Development Research Centre, Ottawa (draft).
- Lee-Smith (2003), Risk Perceptions, Communication and Mitigation; Community Participation and Gender perspectives. Health Risks and Benefits of Urban Agriculture and Livestock in Sub-Saharan Africa. IDRC Workshop, Nairobi.v
- 9 - 12 June 2003.

Gênero e acesso à terra para agricultura urbana em Kampala, Uganda

Juliet Kiguli - jkiguli2002@yahoo.com

Departamento de Sociologia Social

Universidade Makerere, Kampala, Uganda

Lillian . N. Kiguli - lilyki@go.com

Organisational Development Consulting Limited

Kampala, Uganda

Fotos: Juliet Kiguli

A agricultura urbana e periurbana vem crescendo de importância como fonte de renda e de alimentos para a população das cidades em Uganda. O acesso à terra é um bem fundamental que afeta o papel desempenhado pelas mulheres. As mulheres têm mais dificuldade de acesso à terra, assim como acontece com os jovens migrantes, com os pobres e os marginalizados. O ambiente legal e político não se ocupa de proteger os agricultores urbanos, e muito menos especialmente as mulheres. Apesar de algumas inibições culturais, Uganda adaptou algumas ações afirmativas para melhorar as relações de gênero. A promoção e a defesa dessa política de mais equidade, nos níveis organizacionais e individuais, estão resultando em iniciativas que se esforçam para melhorar as condições de acesso das mulheres à terra e a microcréditos.



As mulheres continuam encontrando na agricultura meios para sua sobrevivência.

Terra e gênero

A maioria das mulheres relaciona a terra com as necessidades de moradia e de agricultura, porém são os homens que detêm a maior parte das terras. As mulheres em Uganda perfazem 51% da população total de 24,7 milhões de pessoas (UBOS 2002), e contribuem produzindo mais de 80% dos alimentos e provendo 70% da mão-de-obra agrícola; 97% delas têm acesso à terra, mas apenas 7% delas possuem a terra onde trabalham (Kiguli, 1995). Os homens fornecem apenas 30 a 40% da mão-de-obra.

As mulheres, os homens e as crianças desempenham diferentes papéis dentro de seus lares e na agricultura urbana. Alguns papéis são definidos de acordo com o sexo, enquanto que outros são influenciados pela socialização.

Fatores como origem étnica, costumes e tabus determinam a divisão do trabalho entre os dois sexos. As crianças ajudam as mulheres a plantar e a capinar os cultivos, e a cuidar dos animais. Por que muitas das mulheres são muito pobres, elas não podem arcar com os custos de tecnologias mais avançadas. Os homens usualmente preferem criar animais, deixando a produção de hortaliças e outros cultivos para as mulheres.

Também existem diferenças entre as mulheres. Algumas delas têm renda mais elevada e moram em apartamentos ou em áreas residenciais planejadas, embora pratiquem também a agricultura urbana.

As mulheres na faixa média de renda costumam criar pequenos animais (galinhas, mais comumente) em seus quintais ou varandas, enquanto que as mulheres mais pobres (que ganham menos de US\$ 1 por dia) cultivam diversas variedades de hortaliças e grãos em terrenos localizados em áreas baixas e inundáveis.

O acesso à terra

A maioria das agricultoras pobres que dependem da terra para seu sustento é formada por mulheres sem-terra ou com direitos muito limitados e inseguros sobre a terra em que trabalham. Além disso, as terras a que elas têm mais acesso são as comunais (Focus Group, Ndeeba Division -Kampala, 2003, inédito), mas elas não têm poder suficiente e direitos nas tomadas de decisões que afetam o modo como podem utilizar essas terras. Os lotes de terra utilizados para a agricultura urbana variam de 0,1 ha, nas áreas mais centrais, a 1,5 ha nas áreas periurbanas. Foi observado que a maioria das mulheres tem acesso à terra através de um homem: pai, marido, irmão, filho. Algumas mulheres possuem a terra, mas quase sempre são áreas bem pequenas. O acesso à terra é uma questão fundamental que afeta a emancipação das mulheres.

As mulheres que ocupam e cultivam lotes nas áreas comunais têm direitos de usufruto para ali produzirem alimentos, porém podem ser retiradas a qualquer momento. Sem segurança quanto à posse da terra, elas ficam ainda menos preocupadas com aspectos ligados à sustentabilidade ambiental, como a degradação do solo ou o desenvolvimento da área urbanizada ao redor.

Como as mulheres produtoras urbanas enfatizaram em suas entrevistas: “As mulheres ocupam as áreas mais alagadas por que essas são as mais baratas e mais fáceis de ocupar. Eu penso que os pobres acessam as áreas mais marginais, as pessoas com renda média recorrem às áreas informais para praticar agricultura, mas essas terras também podem se converter em áreas residenciais a qualquer momento”. (mulher casada em Kigobe-Rubaga Division-Kampala, 2003)

A produção agrícola urbana tem se tornado cada vez mais “feminizada”, na medida que os homens se movem para outros setores da economia informal, como o trabalho de camelô ou outros biscates. É comum encontrarem-se lotes cultivados por mulheres onde trabalham alguns homens como mão-de-obra eventual, paga, espalhados pela cidade e de propriedade de mulheres. As mulheres podiam ter facilitado o seu acesso à terra mais facilmente do que os homens jovens devido a considerações culturais como a comiseração às vítimas da AIDS ou da guerra, a confiança dos proprietários de terra e a colaboração informal entre amigas. As mulheres tendem a concentrar suas atividades agrícolas perto de suas casas, ou procuram áreas baldias, antigos depósitos de lixo, para trabalharem próximas umas das outras. Elas acessam a terra por vários meios, como arrendamento, empréstimo e ocupação de áreas baldias na vizinhança que elas preparam para cultivo. Herança, compra e doação de parentes são outras formas de acesso das mulheres à terra.

Tipos de posse

Em Kampala, cerca de 60% da terra é possuída conforme o sistema de posse chamado “mailo” (ver o no. 11 desta Revista), enquanto que os 40% restantes são freehold (?) e terras comunais “customary”. Uma pessoa pode adquirir terra por meio de compra, mas isso requer grandes quantias. As mulheres pobres não possuem terras, mas muitas têm acesso a lotes nas terras “mailo” e nas públicas. A maior parte das mulheres acessa a terra para cultivos urbanos por meio de seus maridos, sendo que as mais velhas têm acesso por meio de arranjos de empréstimo, enquanto que as mais jovens alugam, ocupam ou compram os direitos de uso. Tudo de acordo com circunstâncias como casamento, idade, renda, relações sociais e distância da moradia.

O acesso é um fator chave para determinar a prática da agricultura urbana na cidade de Kampala. A maior parte das mulheres não possui terra, e maioria das entrevistadas que usam alguma terra na cidade, não tem controle sobre ela já que são ocupantes ou estão usando áreas emprestadas. Novamente, outras têm acesso à terra, mas não têm direitos nos processos de tomadas de decisões sobre como utilizá-la. As poucas mulheres que possuem alguma terra por herança não podem vendê-la, pois a terra pertence à família, e vendê-la exige autorizações por escrito. O estado civil determina fortemente a propriedade e o acesso à terra. O nível de renda e o valor das poupanças determinam o acesso à terra. Outra questão que afeta o acesso e a propriedade das mulheres é sua educação, quase sempre muito limitada.



Muitas mulheres vendem a sua mão-de-obra para outros produtores.

Uma mulher casada pode usar a terra em volta da casa para plantar, mas o marido é quem determina que espécies de alimento cultivar, e como empregar a renda produzida. Uma mulher disse: "Eu cultivo cana-de-açúcar e hortaliças para vender, mas meu marido agora me proibiu de plantar cana, além de banana, que ele já proibira" (entrevista com mulher casada de meia idade em Ggaba, Kampala).

A Lei da Terra de 1998 (na seção 28) protege melhor as mulheres com respeito à propriedade da terra, mas sua aplicação é difícil, já que ela é mal interpretada localmente, pois as mulheres comuns não compreendem as leis, que não foram traduzidas para as línguas locais, cuidado indispensável para facilitar às mulheres lutar por mudanças nas políticas e melhoramentos na lei.

Iniciativas das mulheres agricultoras

As mulheres continuam a atender suas necessidades de subsistência com a ajuda da agricultura. Organizações não-governamentais que lutam pelos direitos das mulheres à terra estão se multiplicando (como a Uganda Land Alliance e a UWONET). As mulheres têm formado associações para melhorar seu envolvimento com a agricultura urbana e as suas condições de vida em geral. Por exemplo, a Associação de Desenvolvimento das Mulheres de Ggaba é um grupo de mulheres orientado por uma líder do conselho local, que se reúne mensalmente e estabelece redes de apoio de vizinhança. Elas coletam taxas entre as participantes e conseguem financiamentos para poderem oferecer microempréstimos para a compra de insumos agrícolas, principalmente. Assim elas conseguem atender a muitas de suas necessidades domésticas. As mulheres urbanas criam redes sociais para minorar os efeitos da pobreza urbana e, desse modo, podem tornar-se agentes de transformação (Ssewakiryanga, 2002).

As mulheres podem tomar emprestadas as terras de outras pessoas, por exemplo, de alguma mulher mais rica e solteira (como aquelas da nobreza de Gana que herdaram terra de seus pais), e podem retornar parte da colheita para a proprietária. Outras mulheres trabalham como mão-de-obra assalariada e desse modo têm acesso a terrenos onde podem cultivar alguns alimentos para si e suas famílias.

Outra estratégia das mulheres é cultivar em terras mais encharcadas. Elas contratam mão-de-obra masculina para os trabalhos iniciais de limpeza da vegetação e plantam inhame e cana-de-açúcar.

Essas mulheres produtoras se fortaleceram economicamente e aumentaram seu poder de decisão dentro de suas famílias. Algumas conseguem economizar dinheiro e ganhar algum acesso à terra e à propriedade. Algumas são capazes de pagar as taxas escolares para seus filhos estudarem, embora isso costumasse ser um papel importante típico dos pais. As mulheres que participam de grupos de produtoras conseguem ter mais acesso às novas tecnologias agrícolas apropriadas, capazes de lhes assegurar mais segurança alimentar para suas famílias.

Limitações

Existem vários tipos de conflitos e tensões enfrentados pelos agricultores urbanos, desde as questões ligadas aos limites das terras que cultivam até as remoções exigidas por autoridades municipais, pelos proprietários de terras e por ONGs ambientalistas. Também há políticas inadequadas e leis que dificultam às mulheres o acesso à terra. Entretanto, hoje a propriedade compartilhada da terra pelo casal é uma prioridade no debate parlamentar. As mulheres não têm acesso às novas tecnologias e a informações ligadas à agricultura, incluindo, por exemplo, maquinário compatível, fertilizantes e sementes, e os extensionistas, quase sempre homens, enfrentam inibições culturais quando interagem com produtoras mulheres. Finalmente, os papéis reprodutivos e domésticos, como cuidar das crianças, interferem com o trabalho feminino e o tempo que elas podem dedicar à produção agrícola.

Recomendações

Novas pesquisas e diagnósticos participativos sobre agricultura devem ser conduzidos incluindo as mulheres produtoras, para identificar as necessidades de gênero e os problemas específicos que vivem em Kampala. Isso irá assegurar que os dados sobre gênero sejam gerados por meio da pesquisa e utilizados pelo governo e autoridades administrativas da cidade para promover planos de desenvolvimento que levem a dimensão de gênero em consideração. O planejamento visando um desenvolvimento que seja sensível às questões de gênero é um pré-requisito, pois ele identifica as desigualdades existentes entre homens e mulheres. As leis ligadas à terra e ao direito à propriedade precisam ser revistas em favor das mulheres que constituem a maioria dos agricultores urbanos. Já existe agora um programa financiado pela DANIDA, uma entidade doadora dinamarquesa, visando enfatizar a dimensão de gênero e melhorar o sistema judicial em Uganda.

As políticas agrícolas devem ser descentralizadas e precisam dar mais atenção às famílias chefiadas por mulheres produtoras, que se envolvem crescentemente com a economia agrícola comercial.

Fortalecer as mulheres produtoras, desenvolvendo as suas potencialidades de geração de renda por meio de treinamentos, fará aumentar o seu poder de decisão dentro de suas casas e em seus cultivos, desde que tenham acesso a seus próprios recursos.

As mulheres produtoras da cidade devem ser autorizadas e estimuladas a participarem de treinamentos e pesquisas nos institutos agrícolas e em seus próprios locais de plantio, de modo a poderem conhecer as novas tecnologias de cultivo que lhes sejam mais apropriadas.

As tecnologias produtivas devem levar a dimensão do gênero em consideração para serem mais fáceis de serem operadas por mulheres. Por exemplo, enxadas mais leves projetadas para o uso feminino, exigindo menos energia, diferentemente das mais pesadas, usadas pelos homens.

As mulheres precisam de acesso à terra, do mesmo modo que os jovens migrantes pobres e marginalizados que praticam agricultura urbana. Políticas mais adequadas são necessárias para promover a desejada redistribuição das terras.

Nota

1. A agricultura urbana começou em Kampala como um resultado das características culturais e socioeconômicas, conforme estudado por Dan Maxwell e Samuel Zziwa em 1992, e depois por Gertrude Atukunda, Juliet Kiguli e Augustus Nuwagaba, em 2001, que focaram nos pobres urbanos.

Dois tipos de pessoas praticam a agricultura: os proprietários tradicionais de áreas agriculturáveis e os migrantes que chegam à cidade em busca de emprego. Os plantios domésticos constituem quase 80% dos plantios urbanos, 2% correspondem às escolas e instituições, e 18% correspondem a outras variedades de operação agrícola.

2. Quase 50% da terra livre em Kampala está sendo cultivada. Os tipos de agricultura são: cultivos, gado, galinha, cabra, porco, coelho, produção de cogumelos e aqüicultura.

Referências

- Kiguli Juliet, 1995, Report on Strengthening capabilities of women for effective participation in national policy making for development management in Africa with emphasis on the agricultural sector, Uganda, UN/IDEP/Economic Commission for Africa, Dakar-Senegal
- Ssewakiryanga Richard, 2002, The Role of Women Social Support Networks in Coping with Urban Poverty: case study of Kisenyi and Kifumbira slums in Kampala city, Working Paper No.16, Kampala: NURRU publications.
- Uganda Bureau of Statistics (UBOS), 2002, Provisional Census Results, Kampala: UBOS.

Agricultura urbana e periurbana na Namíbia

S.J. Dima - sjdima@hotmail.com

A.A. Ogunmokun

Departamento de Economia Agrícola e Extensão

Universidade da Namíbia

Na Namíbia, a urbanização está alcançando taxas explosivas desde a independência, em 1990, como consequência da intensa migração da população rural para as áreas urbanas em busca de emprego. Sendo o país mais seco da África, a base agrícola da Namíbia é fraca, e a maior parte das hortaliças vendidas nos centros urbanos da Namíbia é importada da África do Sul. Apesar disso, atividades intensas de agricultura urbana estão ocorrendo, tanto em escala comercial quanto em plantios de fundo-de-quintal, nos espaços abertos disponíveis e ao longo do curso de rios.

Há muito pouca informação disponível sobre esse tipo de agricultura na Namíbia. Foi portanto realizado um estudo para coletar, sintetizar e analisar toda a informação disponível em duas municipalidades da Namíbia: Windhoek e Oshakati (1). O estudo relatado aqui consistiu de um estudo da literatura e dos dados já coletados e de pesquisas de campo (ver Dima e Ogunmokun, 2001; e Dima e outros, 2002) entre abril e maio de 2001. Foram entrevistadas 244 pessoas (101 em Windhoek e 143 em Oshakati). Em Windhoek, a amostra foi selecionada de sete assentamentos informais localizados ao norte e ao oeste, enquanto que em Oshakati, a amostra foi selecionada de seis áreas variadas da cidade. É preciso enfatizar que a pesquisa concentrou-se nas áreas de assentamentos informais em Windhoek, enquanto que em Oshakati espalhou-se por bairros com perfis mais diversificados.

A agricultura urbana na Namíbia

Lau e Reiner (1993) relataram que, aproveitando-se das boas estações chuvosas, a produção e a venda de alimentos, por pequenos agricultores, dentro e ao redor das áreas urbanas da Namíbia, já existiam muito antes da era colonial. Em 1931, a produção local de hortaliças atendia quase 42% do mercado anual de alimentos frescos. Entretanto, os governantes da África do Sul decidiram cortar o apoio técnico e de pesquisa que esse país prestava à Namíbia. Além disso, eventos relacionados com a incorporação planejada da Namíbia como a quinta província da República Sul Africana resultou em mudanças políticas, entre 1968 e 1970, que prejudicou severamente a produção de hortaliças nas áreas urbanas e periurbanas do país. Em 1973, o Diretor de Agricultura para a região sudoeste da África declarou que a "Namíbia era dependente, em aproximadamente 90%, da África do Sul com respeito a hortaliças" (Lau e Reiner, 1993).

Imediatamente depois da independência, o novo governo deu pouca prioridade à produção hortícola, preferindo concentrar esforços na criação de gado e na agricultura em áreas áridas. Porém, a taxa continuada de urbanização e a falta de oportunidades de geração de renda para os imigrantes recentes que chegavam às áreas urbanas resultaram em uma mudança no modo como o governo vê hoje a horticultura. Além disso, a Namíbia ainda depende pesadamente da África do Sul, que abastece cerca de 80 a 90% do seu consumo total de frutas e hortaliças (MAWRD, 1996).

Assim sendo, com o objetivo de melhorar os hábitos alimentares da população local e de reduzir as importações da África do Sul, o Ministério da Agricultura, Água e Desenvolvimento Rural (MAWRD), por meio da “Iniciativa de Desenvolvimento Hortícola da Namíbia” está apoiando vários projetos para melhorar a produção vegetal. Mesmo assim, ainda não existe nenhuma política consistente de apoio à agricultura urbana e periurbana.

Migração, propriedade da terra e seu controle

Os resultados da pesquisa mostraram que 2/3 dos pesquisados são pessoas jovens, com idade entre 21 e 40 anos (66,3%), e solteiros em sua maioria (58%), sendo ainda 23,4% deles casados oficialmente e 13,5% informalmente. Esses números confirmam os padrões migratórios no país. A maior parte dos pesquisados em Windhoek (82%) mudou-se recentemente para seus lotes atuais. Isso confirma a alta taxa de migração para Windhoek nos últimos seis anos. Considerando-se Windhoek e Oshakati em conjunto, 48% dos pesquisados possuíam suas casas, enquanto que 52% eram posseiros. Mais pessoas das pesquisadas em Windhoek (72%) possuíam suas casas do que em Oshakati (31%). Em Windhoek, 66% dos pesquisados obtiveram seus lotes da municipalidade, e os restantes 34% por outros meios, enquanto que, em Oshakati, 51% conseguiram seus lotes através de dos chefes tribais locais e 47% por meio da municipalidade.

Em Windhoek, os homens (63%) têm mais controle sobre a terra do que as mulheres (17%), enquanto que em Oshakati há mais equilíbrio entre homens e mulheres, refletindo talvez uma atitude mais liberal dos homens dessa cidade. Geralmente, há a propriedade em conjunto da terra (20% e 64%), das ferramentas (35% e 51%) e da produção (48% e 45%) em Windhoek e em Oshakati respectivamente. Entretanto, em Windhoek os homens estão mais no controle do dinheiro (39%) do que as mulheres (16%). Infelizmente, em Oshakati não foram colhidos dados comparáveis.

Envolvimento com agricultura urbana

Em Windhoek, as principais fontes de renda para os chefes-de-família são emprego em companhias privadas (48%), emprego no governo (18%) e auto-emprego (17%). A maioria (35%) das esposas dos pesquisados em Windhoek não está empregada. Verificou-se que 9% das esposas auferem renda com atividades agrícolas urbanas. Em Oshakati, 35% dos chefes-de-família estão empregados no governo, 19% em companhias privadas, 13% dedicam-se à agricultura urbana e periurbana, e 8% são autônomos. Entretanto, a fonte de renda mais importante para as mulheres em Oshakati é a agricultura (21%).

Em Windhoek, 79% de todos os entrevistados nos assentamentos informais estão envolvidos com agricultura urbana de algum modo: 72% apenas cultivam; 5% cultivam e criam animais; e 2% apenas criam animais. Em Oshakati 70% estão envolvidos com agricultura urbana: 50% apenas cultivam; 13% cultivam e criam animais; e 7% apenas criam animais.

As mulheres constituem a maioria entre os agricultores urbanos (54% em Windhoek e 58% em Oshakati). A proporção de homens agricultores é maior em Windhoek (31%) do que Oshakati (13%). Uma proporção mais alta dos demais membros das famílias envolvidos em atividades agrícolas é maior em Oshakati (29%) do que em Windhoek (15%). A maior parte dos outros agricultores em Oshakati (22%) são estudantes que aprenderam a plantar em suas escolas. Mais de 80% dos pesquisados começaram suas hortas de iniciativa própria, sem qualquer influência ou estímulo externo. Esses pesquisados também tinham experiências com horticultura adquirida nas áreas rurais onde viveram antes de se mudarem para Windhoek ou Oshakati.

A principal razão para a prática da agricultura urbana é fornecer alimentos para os membros da família (Tabela 1). A maioria dos pesquisados afirmou que eles produzem hortaliças apenas durante o verão, para aproveitarem as chuvas de verão (90% em Windhoek e 72% em Oshakati).

Tabela 1: Razões para cultivar hortaliças em Windhoek e em Oshakati

| | em Windhoek | | | em Oshakati | | |
|-------------|-------------|---------------|---------|-------------|---------------|---------|
| | % de homens | % de mulheres | % total | % de homens | % de mulheres | % total |
| Número = | 28 | 50 | 78 | 18 | 72 | 90 |
| Alimentação | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Renda extra | 11 | 14 | 13 | 6 | 19 | 17 |
| Emprego | 4 | 12 | 9 | 11 | 3 | 4 |
| Lazer | 18 | 4 | 9 | 44 | 31 | 33 |

Fonte: dados da pesquisa

Produção

Ficou demonstrado que a água é um sério fator limitante para a agricultura urbana. Muitos agricultores (91% em Windhoek e 57% em Oshakati) usam água encanada como principal fonte de água, provavelmente aproveitando a tarifa fixa para os usuários independentemente da quantidade de água consumida. Mas nos últimos dois anos, as duas municipalidades passaram a cobrar pelo volume de água consumido, o que vem reduzindo o número de produtores que usam água encanada para cultivar suas hortaliças. Em Windhoek, 77% dos entrevistados consideram o uso de águas servidas inapropriado para o cultivo, enquanto que em Oshakati essa proporção é de apenas 43%.

Mais pessoas em Oshakati usam fertilizantes do que em Windhoek (52% e 33%, respectivamente). Em Windhoek, a forma mais usual de fertilizar os plantios é a aplicação de lodo fecal digerido das estações de tratamento do Gammans Water Works. Seu uso é uma indicação de que as pessoas não têm nenhum problema de saúde ou cultural relacionado com o uso de fezes humanas como adubo. As outras fontes de adubação são o lixo doméstico, estrume animal e adubos químicos. Em Oshakati, 23% dos produtores usam estrume animal fresco, seguido por composto, lixo doméstico, adubo inorgânico e estrume curtido, nesta ordem. Não existe diferenciação de gênero no uso de fertilizantes nas duas cidades. Entretanto, verificou-se que mais mulheres do que homens usam composto para adubar os seus plantios.

Os produtores urbanos e periurbanos cultivam uma grande variedade de hortaliças e frutas. O cultivo mais comum em ambas as cidades é o milho verde (88% de todos os produtores urbanos em Windhoek e 70% em Oshakati). Isso é surpreendente considerando-se que o milho requer um mínimo de 500 mm de água, enquanto que a precipitação pluvial anual média em Windhoek é de apenas 280mm e cerca de 400mm em Oshakati. Apesar disso, a maior parte dos produtores urbanos prefere cultivar milho e usar irrigação para complementar a chuva. Outros cultivos comuns em ambas as cidades são: feijão (42%), tomate (41%), abóbora (26%), melancia (24%), batata-doce (23%) e pimenta (17%). A principal razão para a produção de hortaliças é o consumo próprio, para aumentar a segurança alimentar familiar e melhorar a situação nutricional. Os produtos excedentes são dados de presente ou vendidos para gerar alguma renda. Depois do milho, os produtos mais comercializados são o tomate e a pimenta, em Windhoek, e as frutas e cana-de-açúcar em Oshakati.

A maior parte dos agricultores que vendem produtos o faz para ganhar uma renda extra. Nenhum dos pesquisados em Oshakati depende da agricultura urbana como seu principal emprego, mas em Windhoek esse é o caso de 6% dos homens e 2% das mulheres.

Poucos agricultores urbanos estão envolvidos com a criação de animais (6% em Windhoek, 24% em Oshakati). Os tipos de animais mais freqüentemente criados são galinhas, cabras e perus. Alguns porcos e vacas também foram encontrados em Oshakati, mas ninguém se apresentava como proprietários desses animais - talvez por que os seus donos estão conscientes das leis que proíbem esses animais nas áreas urbanas.

Obstáculos à agricultura urbana e periurbana

Os agricultores urbanos e periurbanos enfrentam vários problemas, que incluem a escassez de água, as pragas agrícolas e o roubo de produtos. Outro problema importante enfrentado pelos produtores é a falta de informações com respeito à produção de hortaliças em geral, e mais especificamente orientação sobre como usar melhor a água, como reconhecer pestes e doenças (e como combatê-las), e como melhorar os métodos de comercialização dos produtos. Isso se deve principalmente à ausência de serviços de extensão agrícola para os produtores urbanos. A expectativa dos produtores de Windhoek (67%) e de Oshakati (41%) é ampliar suas áreas de cultivo com hortaliças. A ausência de uma política nacional de agricultura urbana e periurbana continua sendo um obstáculo muito importante.

Recomendações

A agricultura urbana e periurbana é praticada por cerca de 70% dos moradores de Windhoek e de Oshakati. Muitos governos na África Meridional e Oriental, incluindo Etiópia, Malawi, Quênia, Tanzânia, Uganda, Nigéria, Zaire e Zimbábue estão criando agências para gerenciar a agricultura urbana. A ausência de uma política apropriada relacionada à agricultura urbana e periurbana na Namíbia é uma séria limitação para sua intensificação e desenvolvimento.

É portanto recomendável que o Ministério da Agricultura, Água e Desenvolvimento Rural, em parceria com as prefeituras e com os ministérios do Meio Ambiente, do Turismo e da Habitação, e com outros interessados, produza uma política pública voltada para a agricultura urbana e periurbana. Além disso, é recomendável que os pequenos produtores sejam estimulados e apoiados para se organizarem em cooperativas de produtores de modo a poderem operar nos grandes mercados urbanos.

Notas

- 1) O relatório completo deste estudo está disponível em www.ruaf.org

Referências

- Dima S. J. and Ogunmokun A. A. 2001. An overview of socio-economic and gender aspects of urban and periurban agriculture in the city of Windhoek. In Baudoin W. and Vink, N. (editors): Proceedings, Department of Agricultural Economics, University of Stellenbosch and Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome.
- Dima S. J., Ogunmokun A. A. and Nantanga. 2002. The status of urban and periurban agriculture, Windhoek and Oshakati, Namibia. ftp://ftp.fao.org/sd/sdww/nam_periurban_02.pdf
- Lau and Reiner 1993: 100 years of Agriculture in Namibia.
- MAWRD. 1996: Overview of Horticultural Production and Marketing in Namibia. April 1996.

A perspectiva de gênero na agricultura periurbana no Nepal

Kanhaiya Sapkota - kanu_geog@wlink.com.np

Departamento de Geografia

Universidade de Tribhuvan, Kathmandu, Nepal

Enquanto que a agricultura rural no Nepal é orientada predominantemente para a subsistência, a agricultura praticada dentro e ao redor das cidades é mais orientada para o comércio. E embora a agricultura periurbana seja praticada há muito tempo nesse país, lá ainda não existem políticas governamentais visando regulamentá-la.

Manahara, a área mais baixa do distrito de Bhaktapur, que se localiza no vale do rio Kathmandu, é um caso típico. A terra é cultivada intensamente e durante todo o ano, produzindo principalmente hortaliças. Por estar localizada perto dos centros mais importantes, é a principal origem das hortaliças perecíveis consumidas pela população da cidade de Kathmandu, e os produtores têm fácil acesso aos insumos de que precisam.

Acesso à terra

A maior parte das terras está sendo cultivada. Cerca de 70% delas são classificadas como “khet” (terreno fértil e irrigado), seguido por 11% classificadas como “bari” (terrenos irrigados pela chuva); e 8% classificadas como “parti” (terrenos áridos e difíceis de cultivar).

Tradicionalmente, havia dois sistemas de posse da terra no Nepal: o raikar e o kiptat. Sob o sistema raikar, a terra é considerada propriedade do estado, mas ela podia ser concedida a um indivíduo mediante o pagamento de uma quantia anualmente. Com o documento de posse na mão, o arrendatário poderia facilmente passá-la adiante. Originalmente, a posse da terra implicava em uma relação direta entre o estado e o agricultor, porém acabou resultando em uma variedade de formas secundárias de posse (Regmi, 1977). Sob o sistema kiptat, a terra era alocada a uma comunidade ou a grupo especial (e não podia ser concedida a ninguém de fora da comunidade). Um proprietário de terra sob o sistema Kiptat obtinha a terra em virtude de pertencer a um grupo étnico particular. Depois da revolução e subsequente reforma agrária em 1950, esse sistema de terra de propriedade comunitária foi se fundindo com o sistema de terra de propriedade estatal. Os sistemas atualmente mais comuns são o raikar e o guthi; mas o governo já iniciou um processo de converter todas as terras submetidas ao sistema guthi ao sistema raikar (exceto aquelas de certos tipos de guthi, como as raj guthi).

A transferência de propriedade de uma geração para outra resultou na fragmentação crescente das terras. Por causa dessa natureza pulverizada das parcelas agrícolas, e a inviabilidade econômica dos lotes menores, os produtores são estimulados a adotarem tecnologias que aumentem a sua produtividade.

A fragmentação dos terrenos tem suas raízes na lei tradicional hindu de sucessão, que estipula que todos os filhos homens têm direito a parte das propriedades do pai, inclusive das terras. Esse direito de uso deveria passar normalmente de pais para filhos, e somente as filhas solteiras com mais de 35 anos teriam o mesmo direito. Uma nova emenda à Lei das Terras (em 2002) garantiu às noras e às filhas solteiras com menos de 35 anos esse mesmo direito.

Tomada de decisões

Na área estudada, quase toda a terra é controlada por homens, mesmo embora muitas mulheres estejam envolvidas significativamente em quase todos os aspectos da produção agrícola. Sua participação nas tomadas de decisões não é proporcional à quantidade e tipos de trabalho agrícola que elas realizam. Os homens geralmente controlam as tomadas de decisões. As decisões relacionadas com o tipo de cultivo e os equipamentos que serão usados, a compra de insumos, e quando semear, adubar, irrigar, capinar e colher são tomadas principalmente pelos homens. As mulheres decidem sobre os afazeres domésticos, e portanto elas têm, até certo ponto, sua importância nas decisões familiares. Basicamente, elas estão envolvidas na preparação da comida, limpeza da casa, cuidados com as crianças, e em outras atividades domésticas.

As atividades agrícolas nas áreas rurais são bastante definidas pela dimensão do gênero: aração, semeadura, aplicação de adubos e comercialização dos produtos (se houver) são atividades masculinas; enquanto que o domínio das mulheres inclui o transplântio e o armazenamento de grãos, a capina, a colheita, o transporte de cargas pesadas (sobre a cabeça) e a catação e limpeza dos grãos colhidos. Na agricultura periurbana, a situação é um pouco diferente. Embora as mesmas tarefas sejam realizadas predominantemente por homens ou mulheres, não há tabus de gênero ou restrições quanto a qualquer tipo de trabalho. Os homens e as mulheres, e às vezes até as crianças, estão igualmente livres para participar de qualquer atividade relacionada com esse tipo de agricultura.

Os homens têm o controle sobre os assuntos financeiros, como a comercialização, a destinação da renda gerada e as transações ligadas à compra, venda e arrendamento de terras. Mas eles sempre compartilham suas idéias com as mulheres e acabam decidindo em conjunto. A escolha dos cultivos depende de várias condições ambientais e econômicas, nem todas sob o controle do agricultor, mas a quantidade e o tipo de mão-de-obra familiar também influenciam nessa escolha.

Atividades agrícolas

Na área estudada, foi verificada uma nítida diferenciação de responsabilidades nas atividades agrícolas periurbanas de acordo com o gênero, situação que está começando a ser modificada com o processo de urbanização. A preparação da terra, realizada manualmente com ajuda de enxadas, é trabalho muito pesado, e 95% das pessoas envolvidas são homens. Essa também é a atividade que envolve mais mão-de-obra paga. Mas durante a colheita, mais de 60% do trabalho é realizado por mulheres. O transporte de fertilizantes (estrume e composto principalmente) é feito geralmente por mulheres, mas não há restrição para a colaboração masculina. Isso varia de acordo com o tipo de cultivo e a disponibilidade de mão-de-obra. Basicamente, não há restrições de gênero relacionadas com a preparação do terreno para o cultivo de hortaliças. Mesmo assim, por que a agricultura periurbana no Nepal não é ainda muito comercial, as relações de gênero não mudaram significativamente.

A capina das plantas invasoras é uma tarefa muito intensiva em mão-de-obra, e é comum ver famílias inteiras – homens, mulheres e crianças – capinando junto. A mão-de-obra assalariada quase nunca é usada para essa atividade. Na prática, existe um conhecimento, baseado no gênero, das sementes e do seu manejo, mas verbalmente tanto os homens quanto as mulheres expressam seu conhecimento de métodos de armazenamento, conservação e seleção de sementes.

As mulheres têm a responsabilidade adicional das atividades domésticas, mas elas, mesmo assim, contribuem com seu tempo livre para ajudar seus parceiros homens nos trabalhos de campo. Elas estão envolvidas em todos os aspectos das atividades agrícolas.

Tabela 1: Distribuição por gênero das tarefas na agricultura periurbana

| Tarefa | Distribuição | |
|--|--------------|--------|
| | Homem | Mulher |
| Coleta de materiais orgânicos para compostagem | X | X |
| Preparação do composto / esterco | X | X |
| Transporte até o campo do composto / esterco | | X |
| Aplicação de adubos químicos | X | |
| Aplicação de composto / esterco | X | X |
| Aração do terreno | X | |
| Preparo final do terreno | | X |
| Semeadura | X | X |
| Capina | X | X |
| Irrigação | X | X |
| Aplicação de pesticidas | X | |
| Colheita | X | X |
| Limpeza e processamento das hortaliças | X | X |
| Pesagem das hortaliças para venda | X | |
| Transporte dos produtos até o mercado | X | |
| Venda dos produtos no mercado | X | |
| Gerenciamento do dinheiro ligado à agricultura | X | |

Fonte: Field Survey, 2002.

Mão-de-obra

A maioria das famílias está envolvida em atividades agrícolas, que são a sua principal fonte de renda. Algumas pessoas começaram a combinar a agricultura com outros trabalhos. A mudança de ser apenas um agricultor para tornar-se uma pessoa que combina o trabalho agrícola com outros serviços urbanos torna-se cada vez mais corriqueira. No passado, as mulheres limitavam-se a dividir seu tempo entre as atividades agrícolas e as domésticas. Embora ainda não seja primordialmente comercial, a agricultura periurbana vai progressivamente se orientando para o mercado e, como resultado, vai modificando o status econômico e social das mulheres envolvidas.

As mulheres produtoras gastam suas manhãs trabalhando dentro de casa e de tarde elas realizam as tarefas agrícolas junto com os homens. A maior parte dos produtores caminha até seus campos de cultivo, o que não leva mais de 30 minutos. Muitas parcelas de terras agrícolas são próximas às residências de quem as cultiva, o que permite aos produtores vigiarem constantemente seus plantios. Eles gastam a maior parte de seu tempo nos com seus cultivos, incluindo a preparação da terra, a colheita e o processamento dos produtos. Eles também contam com a ajuda de suas crianças para ajudar com alguns tipos de trabalho, como trazer o almoço de casa até o campo, espalhar composto ou esterco nos plantios etc.

A maior parte dos produtores locais pertence à classe média. O sistema de trocar trabalho, como praticado nas áreas rurais do Nepal, está gradualmente desaparecendo. As relações de trabalho também estão mudando devido à urbanização e há poucos pagamentos feitos em produtos, já que na área estudada os cultivos de hortaliças, perecíveis, predominam sobre os grãos, mais duráveis. Por outro lado, a área estudada é pequena e não totalmente orientada para a comercialização dos produtos, apresentando baixa concentração da terra.



A maior parte das famílias está envolvida com atividades agrícolas. Foto: Kanhaiya Sapkota

Sendo assim, a maioria dos produtores tem apenas uma pequena parcela de terra e raramente precisam contratar trabalhadores para as tarefas agrícolas, exceto na época de preparar o terreno.

Existem oportunidades de trabalho durante todo o ano, na área estudada. Mulheres trabalhadoras sazonais vêm de várias partes do país. Algumas delas carregam areia desde o rio mais próximo, ou se envolvem com o preparo do solo ou com o manejo da produção. Os homens frequentemente estão envolvidos em transportar o estrume das galinhas para o campo. De acordo com os produtores locais, contratar sazonalmente trabalhadores é mais barato do que contratar trabalhadores assalariados locais, e mais produtivo, já que aqueles trabalham com mais afinco – de acordo com os produtores locais e com os próprios trabalhadores, eles compartilham seus conhecimentos locais das práticas agrícolas. Não existe praticamente divisão de trabalho, embora usualmente os homens façam os trabalhos mais pesados (transportando adubos e esterco de galinha etc.) e as mulheres realizam tarefas que requerem mais destreza (capina, colheita, processamento etc.). E as mulheres ainda devem cuidar também das tarefas domésticas.

Recomendações

Não existe divisão de tarefas muito definida na agricultura periurbana no Nepal. Os homens e as mulheres participam igualmente dessas atividades. Por outro lado, há um melhoramento crescente do status econômico dos produtores por causa dos mercados urbanos próximos, e o papel da economia monetizada. A agricultura periurbana no Nepal ainda não é totalmente orientada para o comércio, motivo pelo qual as relações de gênero ainda não mudaram muito. Mas as mulheres já começaram a trabalhar fora dos plantios, e espera-se que, com o aumento da comercialização, as mulheres sejam progressivamente substituídas por mão-de-obra masculina assalariada, ao menos nas tarefas mais pesadas..

Referências

- Regmi, M.C. 1977. Land Ownership in Nepal. Adroid Publishers, Delhi.
- Sapkota, K. 2003. Continuity and Change: Knowledge and Practice of Peri/Urban Agriculture. A case of Manahara Low/Lying Area, Madhyapur Thimi Municipality, Bhaktapur District, Nepal. MPhil Thesis. Department of Geography, University of Bergen, Norway.

Mulheres piscicultoras na periferia de Kolkata

Madhumita Mukherjee - madmita@cal.vsnl.net.in

Rajarshi Banerjee, Arindam Datta, Soma Sen e

Basundhara Chatterjee

Centro de Gerenciamento de Recursos Aquáticos e Saúde,
Departamento de Piscicultura, Bengala Ocidental

Os alagados a leste de Kolkata já foram reconhecidos como um ecossistema altamente produtivo e gerador de renda e emprego. A área age como um agente catalisador para transformar os resíduos urbanos em peixes ricos em proteína e também em hortaliças, grãos e frutas.

As mulheres da região de Bengala participam ativamente em um grande número de atividades geradoras de renda para suas famílias. O projeto descrito aqui foi desenvolvido para aumentar a compreensão de tendências na piscicultura, suas implicações na comunidade de piscicultores de Kolkata, e o papel das mulheres. O estudo foi realizado em três sistemas periurbanos diferentes: Sardarpara, uma aldeia tribal; em Parganas; Udayrampore, uma cidade cosmopolita; e em Mudiali, que é uma cooperativa controlada pelo governo.

A pesquisa foi realizada conjuntamente com a ajuda de ONGs. As piscicultoras, mulheres e jovens, foram entrevistadas, e foram organizados grupos de discussão que esclareceram muitos tópicos como sua ocupação profissional, atividades criativas, atividades compulsórias, segurança financeira, cuidados médicos, educação, moradia, cuidados com as crianças, transporte etc.

Verificações

As pessoas desses lugarejos periurbanos vivem a uma curta distância da área metropolitana, mas são desprovidas de serviços básicos e de lazer. O tamanho médio das famílias é de 6 a 7 membros, incluindo 3 a 4 crianças por família. A cada duas famílias, há uma mulher com mais de 45 anos de idade, mas as pessoas mais velhas da família não estão sendo tratadas devidamente.

As taxas de mortalidade e de nascimento são altas. A maior parte das mulheres sofre de várias doenças e precisa de tratamento médico básico, dietas mais nutritivas etc. Muitos homens são alcoólatras e precisam de apoio.

Na vila de Sardarpara vivem 35 famílias de piscicultores que pertencem a um grupo tribal. As famílias nessa vila são muito unidas, e há pouca participação de mulheres em atividades geradoras de renda. Isso é atribuído à alta taxa de analfabetismo entre as mulheres, à carga de trabalho diário e sazonal, e aos tabus culturais e sociais. As mulheres não deixam os homens fazerem trabalhos domésticos, pois isso não faz parte de suas tradições.

As mulheres desempenham atividades típicas como horticultura, coleta de lenha (que exige longas caminhadas), e criação e pastoreio de gado, porcos e galinhas.

Apesar de sua grande carga de trabalho, as mulheres piscicultoras obtêm uma renda mínima e algum reconhecimento. Uma porcentagem baixa de meninas consegue uma chance de ir à escola.

As mulheres piscicultoras recebem pouco encorajamento ou orientação das autoridades governamentais.

Na vila de Udayrampur, as mulheres não apenas desempenham as mesmas atividades descritas acima, em seus papéis de esposas e mulheres que as absorvem da alvorada ao crepúsculo, mas também adotam atividades geradoras de renda que incluem a limpeza de tanques, a criação de peixes e coelhos, o preparo de ração para eles etc.

As razões para isso são que essas mulheres têm as vantagens da vila aldeã combinadas às da vida urbana; têm uma taxa mais alta de escolaridade, são mais independentes economicamente, e são menos sujeitas aos tabus sociais. Tanto os homens quanto as mulheres enfatizaram que as práticas de piscicultura poderiam ser mais aperfeiçoadas (com respeito a doenças de peixes, a falta de conhecimentos tradicionais, e a falta de investimento), mas que sua situação familiar melhorou consideravelmente (o acesso à comida rica em proteínas, melhoramentos nas casas, possibilidade para suas crianças irem à escola) por meio do aumento de renda com a venda de peixes ornamentais e com o estabelecimento de uma sociedade cooperativa que também inclui as mulheres como membros.

No Parque Natural de Mudiali, os habitantes cultivam peixes comestíveis e estão envolvidos com o ecoturismo no centro mesmo da cidade. Isso melhorou a economia das pessoas locais. As mulheres participam da economia local trabalhando de diaristas (como costureiras ou empregadas) e criando animais. Os problemas de saúde, como dores nas costas, problemas de vista e poluição são diferentes dos verificados nas aldeias descritas mais acima.

Comparação

A situação socioeconômica, incluindo o nível educacional das mulheres de Mudiali e Sardarpara, está abaixo do das mulheres de Udayrampur. Em Mudiali e Udayrampur, a quantidade de tempo gasto nas atividades domésticas é menor (como na coleta de lenha) e os ganhos das mulheres são mais altos do que em Sardarpara. Nessas vilas, as pessoas também têm mais acesso a médicos, ao mercado e à informação. A ingestão de alimentos é mais pobre em Sardarpara (arroz e "dal", e mais raramente peixe), enquanto que em Udayrampur o peixe está presente na dieta diária. As mulheres são as responsáveis pela manutenção básica das casas, em todas as três localidades. Um problema em comum, compartilhado pelas mulheres das três vilas, é o alto índice de alcoolismo entre seus maridos. Outros problemas comuns são a falta de energia elétrica durante todo o dia, casas inadequadas e baixa renda.

Uma conclusão importante desse estudo é que as áreas periurbanas de Kolkata precisam ser melhor atendidas pelo governo, especialmente com respeito à educação e aos cuidados com a saúde. Existem diferenças entre as mulheres piscicultoras urbanas e periurbanas em renda, nível de educação, saúde e transporte. Mais perto da cidade, as mulheres são favorecidas, mas também enfrentam outros problemas. Atividades de conscientização são necessárias nas seguintes áreas: abuso de drogas e álcool, serviços de saúde, direitos legais para as classes mais desfavorecidas e para as mulheres, auto-emprego.

O governo de Bengala Ocidental apoiou as cooperativas de mulheres, os grupos de piscicultoras e os programas de treinamento em processamento de peixe (produção de peixe em conserva etc.). O treinamento em desenvolvimento de microempresas é outra prioridade importante.

Agricultura urbana, organização familiar e autonomia feminina ao sul da Cidade do México

Fernando Neira Orjuela - Fneira3@hotmail.com

Professor-pesquisador do

Centro de Pesquisas e Estudos Avançados em População

Universidade Autônoma do Estado do México (UAEM)

San Luis Tlaxialtemalco é uma pequena cidade no região de Xochimilco, ao sul da área metropolitana da Cidade do México, onde vivem 12.553 pessoas. Várias microempresas agrícolas têm sido implantadas em San Luis, dedicadas a produzir alimentos em estufas. Este estudo (1) verificou que a criação de tais empresas revelou-se uma estratégia válida para as famílias de produtores gerarem renda, mas também capaz de aumentar a capacidade de tomar decisões e a liberdade das mulheres da cidade.

A agricultura tem um papel significativo na vida das pessoas em San Luis. Desde o final dos anos 1970s, a produção agrícola vem acontecendo principalmente dentro de estufas, que fazem uso de antigas práticas agrícolas e de posse da terra. A produção de plantas ornamentais e de flores em estufas ainda é uma atividade tipicamente familiar, embora trabalhadores diaristas sejam contratados quando membros da família estão muito envolvidos com atividades não agrícolas, assalariadas ou não.



Agricultora em Quito, Equador. Foto: Alejandro Chiriboga

Divisão do trabalho

Em média, 67% dos lares envolvidos nessa atividade empregam três membros da família no trabalho agrícola. A divisão do trabalho por gênero incumbe os homens das atividades produtivas, especialmente das que envolvem o trabalho físico. As mulheres dominam a área comercial. Algumas atividades são realizadas em conjunto. Além dessas tarefas, pelas quais as mulheres não recebem remuneração, elas também continuam encarregadas de todas as tarefas domésticas, dobrando assim suas responsabilidades. A produção em estufas é uma atividade lucrativa para as famílias, como fonte efetiva de renda e de subsistência.

Fontes de renda e participação das mulheres

Das 15 famílias entrevistadas, 45% vêm a produção em estufas como sua principal fonte de renda, seguida por trabalhos pagos (35%) e atividades não assalariadas (20%) outras que não agrícolas (?). Apesar do nível mais alto de renda e de educação existente nos lares que têm alguma fonte de rendimentos fora da agricultura, a produção em estufas ocupa uma proporção significativa da população ativa da cidade, em parte por causa da ocupação que dá à mão-de-obra familiar.

A produção das plantas em estufa (como acontece em outros pequenos negócios e comércios informais) depende muito da participação das pessoas da família.

Tanto as famílias que trabalham nas estufas quanto as que trabalham no setor informal podem ser caracterizadas como predominantemente estendidas (incluindo muitos parentes além do "pai, mãe e filhos"), enquanto que a família nuclear predomina entre aquelas cujos chefes estão empregados no setor não agrícola formal.

Os arranjos de sobrevivência típicos das famílias estendidas favorecem a formação de microempresas agrícolas e não agrícolas, e que aproveitam as mulheres das famílias, particularmente as mais velhas e menos escolarizadas.

As unidades produtivas e pontos de venda costumam ficar perto de suas casas, tornando mais fácil para essas mulheres conciliarem essas atividades com as tarefas domésticas. Mas como as mulheres que trabalham nas estufas não recebem um pagamento, seu trabalho contribui para a geração da renda familiar, mas não lhes proporciona rendimentos pessoais.

Atividades econômicas e domésticas

Enquanto a maior parte das mulheres é vista em atividades informais, inclusive na agricultura, os homens dominam as atividades assalariadas. As maiores disparidades de renda são verificadas entre os maridos e as esposas das famílias cultivadoras em estufa: praticamente nenhuma mulher recebe qualquer renda com seu trabalho, mas um terço dos homens chega a ganhar seis ou mais vezes o salário mínimo, e praticamente metade dos homens ganha entre quatro a seis salários mínimos. A produção em estufas portanto, embora lucrativa para as famílias, não permite às mulheres terem acesso à renda. O pouco que elas ganham é investido completamente nos lares, e não em si mesmas.

Independentemente de qualquer atividade econômica e produtiva, praticamente todas as mulheres investem mais de 60 horas por semana em suas várias atividades domésticas. No caso dos homens chefes-de-família, no geral eles não investem muito tempo em tarefas domésticas, embora, entre os homens que se dediquem à geração de renda em atividades informais, 25% deles dedicam entre 35 a 59 horas semanais a trabalhos domésticos.

Nas famílias de San Luis, há sempre muito trabalho independentemente do tipo de atividade com que os seus membros estejam envolvidos. As mulheres têm jornada dupla ou até tripla. Cerca de metade das mulheres da cidade está engajada em alguma atividade econômica, mesmo assim não estão dispensadas das longas horas de trabalho doméstico e, no caso daquelas que trabalham em estufas, isso não significa geralmente que elas vão gerar renda para si mesmas.

As microempresas agrícolas são portanto uma opção econômica viável para a família, mas não contribuem para a equidade do gênero, já que elas aumentam a carga de trabalho das mulheres mas não seu status econômico pessoal.

Autonomia das mulheres

Duas dimensões da autonomia das mulheres produtoras foram estudadas em San Luis: o seu poder de tomar decisões e a sua liberdade de movimentos (especialmente das esposas).

Embora seja verdade que as mulheres produtoras em estufas trabalhem mais, porém recebendo menos renda do que as mulheres assalariadas, o que é mais interessante é que elas desfrutam de mais poder de decisão e de liberdade de movimentos do que as assalariadas, e muito mais se comparadas com as mulheres não ativas economicamente.

Isso é verdade apesar do fato de seu nível educacional ser um pouco mais baixo do que o das mulheres assalariadas. Nesse sentido, as microempresas agrícolas têm a capacidade de empregar as mulheres mais velhas e pouco escolarizadas, que têm um efeito positivo na autonomia das mulheres, embora sua carga de trabalho aumente e sua renda não.

*Agricultora em Governador Valadares, Brasil.
Foto: Ailton Catão*



Esse efeito positivo que a atividade econômica tem, na autonomia feminina, está em marcante contraste com o menor acesso à renda que as mulheres produtoras em estufa têm, se comparadas com as mulheres assalariadas. Além disso, isso mostra que um nível mais alto de educação não é necessariamente um fator determinante para aumentar o poder de tomar decisões e de liberdade de movimento para as mulheres.

No contexto da agricultura urbana, especialmente na produção de hortaliças em estufas, a participação na atividade econômica e o avanço da idade são fatores correlacionados diretamente com indicadores da autonomia feminina, como o poder de tomar decisões e o direito de se mover mais livremente. Entre aquelas que trabalham fora de casa, esses indicadores são um pouco mais elevados entre as trabalhadoras não assalariadas e não agrícolas e entre as produtoras que usam estufas. As mulheres das famílias que trabalham em estufas, as que não trabalham com agricultura, e as mulheres não assalariadas são, em média, mais velhas do que as assalariadas, e, com a idade, geralmente vêm uma maior capacidade de tomar decisões e de se movimentar.

Um elemento importante que pode contribuir bastante para a maior mobilidade das mulheres que trabalham em estufas ou em atividades informais não agrícolas, além da idade e da escolaridade, é o caráter de família estendida. Considerando-se que nesses tipos de lares existem outras mulheres para ajudar com as crianças, há mais possibilidade para as esposas deixarem a casa e menos necessidade de elas terem que negociar ou pedir permissão para essa mobilidade.

A maior mobilidade desses dois grupos também pode estar relacionada com o tipo de atividade comercial que as mulheres desenvolvem.

Mesmo quando elas não recebem renda, elas manejam o dinheiro, saem de casa, compram e vendem produtos, e estão em constante contato com pessoas fora de suas casas. Mesmo assim, pode ser que essa situação não lhes traga a autonomia que elas desejam, por que em alguns casos o sistema de família estendida pode reduzir sua capacidade de decidir, por causa da presença de mulheres mais velhas e de outros parentes do sexo masculino.

Outros fatores determinantes que parecem afetar a autonomia feminina em San Luis são a dimensão sociocultural (dada a predominância econômica dos homens sobre as mulheres nas atividades agrícolas e noutras), e a estrutura e formas de organização familiar.

Nesse sentido, as normas sociais e os valores que enfatizam a subordinação parecem tornar difícil para as mulheres produtoras se manterem economicamente por meio dos recursos que geram, contrabalançando os efeitos de seu maior poder de tomar decisões.

Comentários finais

Este estudo buscou abordar a questão de como as microempresas agrícolas podem gerar alternativas ao trabalho assalariado e podem impactar a participação econômica e a autonomia nessas unidades produtivas familiares, no contexto da agricultura urbana.

As microempresas agrícolas representam uma alternativa de sobrevivência diante da escassez de empregos urbanos bem pagos e propiciam o trabalho das mulheres; entretanto as mulheres que trabalham em estufas não recebem pagamento para tal.

Apesar dessa falta de renda própria, essas mulheres, muitas vezes mais velhas e pouco escolarizadas, parecem desfrutar de maior autonomia do que as mulheres assalariadas e principalmente do que as mulheres que não trabalham fora, possivelmente por causa de suas responsabilidades e tarefas comerciais.

Nota

1. Este artigo é uma síntese das conclusões de uma tese de doutorado em Estudos de População no Colégio do México.

Publicações de interesse sobre agricultura urbana

MIND THE GAP, MAINSTREAMING GENDER AND PARTICIPATION IN DEVELOPMENT

Analisando as diferenças, priorizando o gênero e a participação no desenvolvimento

Nazneen Kanji. 2003. IIED, IDS. UK. ISBN 1 84369 466 2

Esta publicação, a quarta de uma série sobre como institucionalizar a participação, destaca lições aprendidas com os trabalhos para priorizar a dimensão de gênero. Depois de analisar a discussão sobre os modelos conceituais (e sua evolução no tempo), estratégias, e a sugestão de que houve uma mudança da tônica na “participação” para a “governança” (junto com a mudança da idéia de “mulheres em desenvolvimento” para “gênero em desenvolvimento”), também aborda as tensões entre a priorização do gênero e o desenvolvimento participativo. Por fim, são feitas algumas sugestões para se superar essa tensão.

QUESTIONS OF DIFFERENCE: PRA, GENDER AND ENVIRONMENT, A TRAINING VIDEO.

Questões de diferença: “PRA”, gênero e ambiente – vídeo de treinamento

Irene Guijt. IIED. ISBN: em inglês: 1 904035 83 3 (também em português e francês).

Este vídeo de duas horas com imagens instigantes pode ser usado para estimular a discussão e levar a exercícios com os integrantes das turmas em treinamento. Ele apresenta um resumo dos elementos mais importantes para se usar a metodologia PRA (?) no desenvolvimento da compreensão das questões que relacionam o gênero e o meio ambiente. O vídeo é estruturado em sessões temáticas de 2 a 14 minutos cada uma. Desse modo, os usuários podem selecionar aquelas de maior interesse para treinamentos específicos. Os três estudos de caso exemplificam didaticamente oficinas onde os participantes usam os métodos PRA para explorar as ligações entre gênero e ambiente.

WORLD URBANIZATION PROSPECTS: THE 2003 REVISION

Projeções sobre a urbanização do mundo: revisão em 2003

UN, Department of Economic and Social Affairs' Population Division. Março de 2004. Disponível em arquivo .pdf em: www.un.org/esa/population/publications/wup2003/2003WUPHighlights.pdf

Essa nova revisão apresenta as estimativas e projeções das populações totais, urbana e rural, do mundo (21 regiões, 5 áreas mais concentradas e 228 países). Ela também oferece estimativas e projeções da população das cidades que tinham mais de 750.000 habitantes em 2000. Um fato interessante é que quase todo o crescimento populacional esperado para o mundo nos próximos 30 anos estará concentrado nas áreas urbanas. As cidades menores, com menos de 500.000 residentes, ou menos desenvolvidas, irão absorver a maior parte desse crescimento. Sendo assim, espera-se que a maioria dos novos moradores urbanos irá viver em cidades menores.

THE IMPORTANCE OF WOMEN'S STATUS FOR CHILD NUTRITION IN DEVELOPING COUNTRIES

A importância da situação das mulheres para a nutrição das crianças nos países em desenvolvimento

Lisa C. Smith, Usha Ramakrishnan, Aida Ndiaye, Lawrence Haddad, and Reynaldo Martorell. IFPRI, Relatório de Pesquisa 131 pp.

Até recentemente, o papel da situação social das mulheres na determinação da saúde nutricional de seus filhos era pouco percebido. Esse relatório usa dados de 36 países em três regiões do mundo para estabelecer empiricamente que a situação das mulheres, definida como o poder das mulheres com relação ao dos homens, é um determinante importante para a situação nutricional de suas crianças. Ele verificou que os caminhos pelos quais o status influencia a nutrição e a força dessa influência diferem

consideravelmente de uma região para outra. Essa pesquisa prova, inequivocamente, que onde o status das mulheres é baixo, as políticas para erradicar as discriminações de gênero beneficiam não apenas as mulheres mas também seus filhos. www.ifpri.org/pubs/abstract/abstr131.htm

WASTEWATER USE IN IRRIGATED AGRICULTURE, CONFRONTING THE LIVELIHOOD AND ENVIRONMENTAL REALITIES

O uso de águas servidas na agricultura irrigada: confrontando as realidades sociais e ambientais

Editado por Christopher A. Scott, Naser I. Faruqui, e Liqa Raschid-Sally. CABI/IWMI/IDRC 2004. ISBN 0 85199 823 2. 240 pp. CABI Publishing [www.cabi-publishing.org]

O uso de águas servidas na agricultura é uma prática muitas vezes secular que tem recebido uma atenção renovada diante da escassez crescente de recursos hídricos frescos nas muitas regiões áridas e semi-áridas do mundo. Conduzido pela rápida urbanização e pelos volumes crescentes de águas servidas, essas águas são amplamente usadas como uma alternativa de baixo custo para os sistemas convencionais de irrigação: ela viabiliza a sobrevivência de milhões de famílias e gera valores a partir dos resíduos, por meio da agricultura urbana e periurbana - a despeito dos riscos à saúde e ambientais. Embora onipresente, essa prática quase nunca está regulamentada nos países de baixa renda, e seus custos e benefícios são muito pouco compreendidos. Este livro analisa criticamente a experiência mundial no uso de águas servidas na agricultura por meio de uma série de documentos revistos por especialistas, definindo e elaborando as principais questões envolvidas no uso de águas servidas na agricultura. Visando uma melhor compreensão do uso global das águas servidas na agricultura, uma metodologia foi desenvolvida e aplicada para países selecionados para quantificar a magnitude do uso das águas servidas na agricultura. Os editores concluem com um prognóstico dos futuros desafios e realidades do uso agrícola das águas servidas.

WOMEN & ENVIRONMENTS (WE) MAGAZINE

Revista internacional Mulheres & Ambientes

Desde a sua fundação, na primeira conferência Habitat, da ONU, em 1976, a Women & Environments International Magazine cresceu e tornou-se uma revista bem estabelecida com mais de 2 mil leitores ao redor do mundo. Ela é uma das mais antigas revistas feministas no Canadá. Os seus autores, leitores e editores (e autoras, leitoras e editoras...) são pessoas que inspiram e criam ambientes mais adequados às necessidades femininas por meio de ações, educação e pesquisas. A edição 44/45 abordou a questão da agricultura urbana, enquanto que o número de maio de 2004 focalizou o tema “cidades para mulheres”.

Publicações sobre o projeto SUSPER

A biblioteca do RUAf recebeu relatórios das atividades do projeto “Desenvolvimento sustentável da agricultura periurbana no sudeste asiático”, do CIRAD e AVRDC. Os tópicos desses relatórios são:

- A produção de tomate fora da época e de hortaliças durante o ano todo em abrigos em Hanói.
- A produção de hortaliças protegida e por todo o ano
- Os sistemas de aquicultura em Ho Chi Min
- As estratégias dos vários envolvidos na cadeia de abastecimento no Mercado de Hanói
- A organização especial e organizacional dos mercados de hortaliças em Hanói
- As ferramentas de negociação na cadeia de abastecimento de hortaliças em Vientiane

Os tópicos desse relatório podem ser lidos completos nos sítios do RUAf - www.ruaf.org- ou do SUSPER - <http://www.avrdc.org/?q=suster>

Sítios de interesse sobre agricultura urbana

www.thefoodproject.org/BLAST_brochure.pdf

BLAST é uma rede de jovens e adultos trabalhando em conjunto para construir sistemas sustentáveis de alimentação. BLAST (Building Local Agricultural Systems Today – Construindo Sistemas Agrícolas Locais Hoje) é a iniciativa nacional do “Food Project” (Projeto Comida) para treinar a próxima geração de modo a melhorar suas chances de se alimentarem bem no futuro. O “Food Project” está baseado em Boston, EUA. Mais informações: www.thefoodproject.org/

www.lpp.uk.com

O Programa de Produção de Animais do DFID (Livestock Production Programme - LPP) anunciou o lançamento de seu novo sítio na internet. Ele ficou ainda mais amigável e acessível, e a ênfase agora é fornecer, aos usuários, informações sobre os resultados do Programa. O sítio, além de trazer uma visão geral do Programa, oferece um “Fórum em rede” e uma “biblioteca virtual”, que lista todos os resultados das gerados pelas pesquisas e projetos financiados pelo LPP, em várias mídias.

www.greenscom.com

Os parceiros que formam a rede “Greenscom” analisam criticamente o controle do governo para manter o equilíbrio entre as áreas abertas urbanas e as áreas construídas. Esse equilíbrio deve contribuir para a qualidade da vida nas cidades e permitir a presença da natureza nas cidades. Esse sítio pretende ajudar para melhorar a comunicação e a participação nos processos de tomada de decisões. Ele oferece ainda o acesso a um “equipamento para o verde urbano”, que contém, entre outras coisas, uma introdução e um guia com informações teóricas e práticas, lições aprendidas, ferramentas de planejamento etc.

www.generoyambiente.org

Este sítio, em espanhol, sobre questões de gênero e meio ambiente, pretende melhorar o acesso a experiências e pesquisas e facilitar a troca de experiências para promover a incorporação da dimensão do gênero e a busca de maior equidade no manejo ambiental.

www.fao.org/gender

O sítio sobre Gênero e Segurança Alimentar, mantido pela FAO, contém artigos sobre temas como agricultura, divisão do trabalho, silvicultura, nutrição, população, piscicultura, economia rural, educação, extensão técnica e comunicação. Além disso, nele está disponível um rico conjunto de estatísticas e outras informações sobre vários projetos e programas.

www.un-instraw.org/en/research/gaemsd/index.html

Este sítio também trata de aspectos de gênero no gerenciamento ambiental e no desenvolvimento sustentável. Ele foi construído por ocasião da Cúpula em Johannesburg, em 2002, como parte da rede INSTRAW. Suas páginas apresentam recursos valiosos, inclusive um fórum aberto sobre o tema “aspectos de gênero no gerenciamento ambiental e desenvolvimento sustentável – questões emergentes e desafios”, uma base pesquisável de fontes importantes de informação, com resumos e vínculos para publicações eletrônicas e para outros sítios e organizações relevantes.

www.aviva.org

A Aviva é uma publicação eletrônica disponível na internet, gratuita, editada por um grupo internacional de feministas baseado em Londres, Reino Unido. O sítio oferece serviços para mulheres em todo o mundo que queiram entrar em contato, hospeda páginas de grupos e serviços femininos de qualquer país, e é financiado por anúncios e patrocínios.

www.utoronto.ca/iwsgs/we.mag

O WE (Women & Environments – Mulheres e Ambientes) International Magazine é uma publicação canadense que examina as múltiplas relações das mulheres com seu meio ambiente - natural, físico e social – a partir de perspectivas femininas. Desde 1976 ela fornece um fórum para pesquisas acadêmicas e teóricas, práticas profissionais e experiência comunitária. A publicação é associada ao Instituto para Estudos da Mulher e do Gênero, da Universidade de Toronto. A comissão editorial considera a edição e produção coletivas da publicação como uma contribuição às mudanças sociais empreendidas pelas mulheres. Os artigos também estão disponíveis no sítio, e o último número focalizou as mulheres nas cidades.

www.HydroponicTech

O Instituto de Hidroponia SIMplicada (Institute for Simplified Hydroponics) é uma organização não governamental sem fins lucrativos fundada em 1995 para apoiar, entre outros objetivos, os esforços para introduzir práticas simplificadas de hidroponia para reduzir a fome e a pobreza. O instituto apóia esforços comunitários e ajuda instituições de pesquisa a criarem hortas bem-sucedidas em 14 países (quase sempre com apoio da ONU). Há inúmeras referências a livros e a outros projetos na área.

www.reddehuertas.com.ar

A “Rede de Hortas” da Argentina produz um boletim eletrônico, o “INFOHUERTAS”, com o objetivo de ligar o desenvolvimento comunitário e a horticultura urbana. É um local de encontro virtual de muitos horticultores, técnicos e pesquisadores, e é vinculado ao programa nacional “ProHuerta”.

www.eat-the-view.org.uk

O projeto “Eat the View” (Coma a Paisagem) objetiva ajudar os consumidores a compreenderem as conexões entre a comida que eles compram e consomem e as paisagens naturais que eles apreciam, e também a trabalharem com outros cidadãos para desenvolverem projetos que preservem a natureza e melhorem o mercado para os alimentos produzidos localmente e de modo orgânico. Ele contribui para esses objetivos através de ações próprias ou em parceria com muitas outras organizações. O projeto “Local Food” (Comida Local) é uma parceria entre a “Soil Association” (Associação do Solo – uma ONG ambiental pioneira e importante na Inglaterra) e a Agência do Interior do governo inglês. O objetivo é ajudar o desenvolvimento de redes locais e regionais de alimentação.

www.nwp.nl

Este é o sítio da Rede de Informações sobre a Água (Water Information Network - WIN), que fornece informações sobre assuntos ligados à água, incluindo conhecimentos de vários outros centros de pesquisa. Apresenta um grande banco de dados com novos fatos, descrições de projetos, informações sobre eventos e endereços para contato.

Eventos de interesse sobre agricultura urbana

Curso internacional: “Projeto, análise e gerenciamento da agricultura urbana para comunidades sustentáveis”

Wageningen, Holanda – 6 a 17 de dezembro de 2004

O programa ETC-RUAF e o Centro Internacional de Agricultura (International Agricultural Centre – IAC) estão organizando esse curso internacional de duas semanas dedicado a pessoas envolvidas com formulação de políticas e planos de ação ligados à agricultura urbana em países do norte e do sul. O curso focalizará as promessas e os problemas da agricultura urbana, e discutirá experiências práticas, desafios e avanços conforme relatados pelos participantes. Durante o curso, os participantes compartilharão suas experiências e esboçarão um plano de ação para solucionar algum problema real ligado à agricultura urbana em sua cidade. Mais informações:

www.iac.wur.nl/iac/index2.htm?courses/urbag_courses.htm

Seminário internacional: “Desenvolvendo cidades sustentáveis”

Cidade do México, México – 25 a 27 de novembro de 2004

Paralelamente a esse evento, também estará sendo realizado o 4o encontro da assembléia da Rede Latino-americana de Agricultura Urbana. Mais informações: Gabriela Arias - gabaher@prodigy.net.mx

Água, saneamento e higiene para todos – Construindo coalizões para desenvolver as metas do milênio

Dacar, Senegal – 22 a 26 de novembro de 2004

O Conselho Colaborativo de Fornecimento de Água e Saneamento (Water Supply and Sanitation Collaborative Council - WSSCC) está organizando o “Global WASH Forum 2004” em cooperação com o Ministério do Ambiente e Saneamento da República do Senegal. O objetivo é aprender mais sobre o modo como os programas bem-sucedidos de abastecimento de água, saneamento e higiene, as reformas no setor e o desenvolvimento de parcerias têm ajudado a erradicar a pobreza. O fórum também objetiva fortalecer as iniciativas de parcerias regionais e nacionais relacionadas com as metas da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável. Mais informações: www.wsscc.org/dakar ou Darren Saywell:

wsscc@who.int Tel: + 41 22 917 8657, Fax: + 41 22 917 8084

Simpósio Agro-ambiental 2004: “O papel multifuncional da Agricultura na sustentação do ambiente mundial”

Udine, Itália – 20 a 24 de outubro de 2004

O primeiro Simpósio Agro-ambiental foi organizado em Faisalabad, Paquistão, em 1998. Esse é o quarto de uma série de encontros que objetiva ser uma plataforma para a troca de idéias e o trabalho em rede entre as organizações envolvidas com questões agroecológicas. No tema do próximo simpósio, a agricultura urbana tem, sem dúvida, o seu lugar. Mais informações: www.dpvta.uniud.it/~agroenv

Instituto de Mudanças Ambientais Globais sobre globalização e sistemas alimentares 2004

Nicoya, Costa Rica – 24 de outubro a 6 de novembro de 2004

Esse fórum sobre ciências políticas combinado a oficinas está sendo organizado pelo Programa Internacional de Dimensões Humanas (International Human Dimensions Programme – IHDP) sobre Mudanças Ambientais Globais, e pelo Instituto Interamericano (Inter-American Institute – IAI) para pesquisas de mudanças globais, no Instituto Mesoamericano, da Universidade da Costa Rica em Nicoya. Mais informações: www.ihdp.org

Conferência internacional: “O sistema rural, um desafio para o planejamento: proteção, sustentabilidade e gerenciamento das mudanças”

Milão, Itália - 13 a 14 de outubro de 2004

Essa conferência, com um foco na multifuncionalidade da agricultura, também irá abordar as questões relacionadas com as áreas periurbanas. Três sessões irão cobrir as funções ambientais, as questões de mercado e o planejamento. O evento é promovido pelo Departamento de Agricultura da Região da Lombardia, e pela Politécnica de Milão. Mais informações: www.cedat.polimo.it/convegno

Conferência internacional: “Agricultura urbana, agroturismo e desenvolvimento das regiões urbanas”

Beijing, China – 8 a 12 de Outubro de 2004

Esta conferência objetiva apresentar e discutir as experiências chinesas com agricultura urbana e mobilizar apoio técnico das instituições internacionais, e assim apoiar os governos locais a fazerem políticas de desenvolvimento e promoverem pesquisas criativas sobre agricultura urbana. Os assuntos serão abordados de modo teórico e prático, incluindo o agroturismo suburbano e rural e as relações urbano-rurais. O evento está sendo organizado pelo Departamento de Desenvolvimento Urbano e Rural, Instituto de Agricultura Urbana, Faculdade de Agricultura de Beijing, e Associação Geográfica de Beijing, e tem o apoio do RUAf. Mais informações: Dr. Cai Jianming - caijianmingiog@263.net

Conferência da Associação Americana de Horticultura Comunitária

Toronto, Canadá – 1 a 3 de outubro de 2004.

A Associação Americana de Horticultura Comunitária (American Community Gardening Association - ACGA) é uma organização sem fins lucrativos de profissionais e voluntários que buscam promover a horticultura comunitária e o enverdecimento urbano como formas de melhorar a qualidade de vida. O tema da conferência deste ano, “Hortas da diversidade – cultivando através das culturas” é especialmente significativo para a Toronto, conhecida como a “cidade-horta”. O evento está sendo organizado pela ONG FoodShare Toronto em parceria com a Rede Toronto de Hortas Comunitárias e a prefeitura da cidade. Na ocasião, também estará sendo festejado o vigésimo quinto aniversário da ACGA. Mais informações: www.communitygarden.org/conf/index.html ou www.foodshare.net/upcoming04.htm

Curso internacional: “Gerenciamento do solo e regularização de assentamentos informais”

Rotterdam, Holanda – outubro de 2004

Este curso objetiva discutir o problema global das favelas e da expansão urbana informal e descontrolada, e está sendo organizado em conjunto pelo Instituto de Estudos sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano (Institute for Housing and Urban Development Studies-IHS), da Holanda, e pelo Instituto Lincoln de Políticas Fundiárias (Lincoln Institute of Land Policy), de Cambridge, EUA. O curso, com duração de 4 semanas, é dirigido para profissionais, pesquisadores e dirigentes de agências governamentais e de ONGs diretamente envolvidos com habitação e políticas fundiárias. Prazo final para inscrições: 31 de julho de 2004 (o formulário de inscrição pode ser acessado em www.ihs.nl, na opção “education/application forms”). Um número limitado de bolsas será oferecido aos solicitantes, que serão selecionados de acordo com suas experiências profissionais, afinidade com o tema e relevância do curso para o seu trabalho atual. Mais informações sobre o curso: Claudio Acioly (c.acioly@ihs.nl) ou Martim Smolka (msmolka@lincolninst.edu). Inscrição: admission@ihs.nl.

“Painel internacional: “Crédito e investimento para a agricultura urbana” – parte do “II Fórum Mundial sobre Cidades” - ONU-HABITAT

Barcelona, Espanha – 13 a 17 de setembro de 2004

Um painel internacional está sendo organizado pelo IDRC, IPES/PGU – Programa de Gestão Urbana (UMPLAC/UN-Habitat) e o RUAf, e será realizado durante o II Fórum Mundial sobre Cidades (II World Urban Forum), em Barcelona. O objetivo é compartilhar e disseminar informações e experiências

relacionadas a formas inovadoras de financiar a agricultura urbana. Apresentações-chave irão combinar os pontos-de-vista das agências internacionais (como o IDRC, o UMP, bancos internacionais etc.) com as percepções e experiências dos atores locais (representantes de governos locais e nacionais, de cooperativas de crédito etc.). O tema principal do painel do II Fórum é o papel dos diferentes atores que podem ajudar os produtores urbanos e periurbanos a se tornarem mais autônomos e sustentáveis. O objetivo é ir além dos modelos atuais de promoção do desenvolvimento e de apoio aos pobres, e transformar a agricultura urbana de uma atividade pesadamente subsidiada pelo poder público em um setor produtivo, promovendo a criação primeiro de associações e cooperativas e, no final, de empresas auto-sustentáveis. Mais informações sobre o Fórum Mundial: www.unhabitat.org.

Sessão especial sobre o uso de águas servidas na agricultura irrigada: “A abordagem da cadeia hídrica”

Moscou, Rússia – 9 a 10 de setembro de 2004

Na 55a. Reunião da Comissão Internacional de Irrigação e Drenagem (International Commission on Irrigation and Drainage - ICID), uma sessão especial será organizada sobre a questão do uso de águas servidas na agricultura. A sessão irá abordar os seguintes temas: o uso de águas servidas domésticas na agricultura; as vantagens e desvantagens da irrigação com águas servidas; tecnologias de tratamento; manejo dos nutrientes; manejo da água e do solo agrícola; aspectos econômicos e o preço da água; e abordagens para o desenvolvimento de projetos. A sessão especial está sendo co-organizada pela Universidade de Wageningen, IWMI, FAO, IWA, OMS e o ICID. No dia seguinte haverá uma oficina organizada pelo ICID intitulada Gerenciamento de água de Baixa Qualidade: Aspectos institucionais, de Saúde e Ambientais. Contribuições para a oficina serão bem-vindas. Mais informações: www.icid.org, ou www.dow.wau.nl/iwe/-ICID%20Moscow/040206-ICID-Special%20Session.pdf / Informações sobre a sessão especial: Dr Frans Huibers - frans.huibers@wur.nl, e para informações sobre a oficina do ICID: Dr R. Ragab - Rag@ceh.ac.uk

Encontro de especialistas em gênero e agricultura urbana

Local a ser determinado – setembro de 2004

Esse encontro, “Mulheres alimentando as cidades” será organizado pelos parceiros do RUAF em colaboração com o CGIAR-Urban Harvest (Colheita Urbana) e com apoio financeiro do CTA. O objetivo é fazer avançar a discussão que já vem ocorrendo há alguns anos sobre gênero e agricultura urbana. O foco será a formulação de diretrizes, o desenvolvimento metodológico, o desenvolvimento de treinamento em gênero, e o desenvolvimento de parcerias com organizações ativas em questões de gênero e com redes de organizações de mulheres. Mais informações: www.ruaf.org

Oficina de disseminação regional: “Acesso à terra para a agricultura urbana”, apresentado pelo Projeto de Pesquisa sobre os Pobres Urbanos (Urban Poor Research Project)

Harare, Zimbábue – 26 a 27 de julho de 2004

Essa oficina regional de disseminação será conduzida para compartilhar resultados dos três estudos de caso (Dar es Salaam, Kampala e Harare). A oficina vai resumir as semelhanças e diferenças entre as cidades estudadas e identificar as maiores dificuldades, para as iniciativas regionais, em termos de políticas, práticas e monitoramento. Espera-se que muitos formuladores de políticas e autoridades municipais participem da oficina. Mais informações: Regional Director, MDPTel. 263-4-774385 - gmatovu@mdpafrica.org.zw

Congresso Agroflorestal

Orlando, EUA – 27 de junho a 2 de julho de 2004

Profissionais ligados a atividades agroflorestais no mundo todo, de instituições acadêmicas e de organizações governamentais, do setor privado e de grupos voluntários, irão se reunir para esse 1º. Congresso Mundial Agroflorestal, em Orlando, Flórida, EUA. O principal objetivo é compartilhar

conhecimentos e desenvolver estratégias para a pesquisa, educação e treinamento agroflorestais. Mais informações: conference.ifas.ufl.edu/wca

Conferência: URBANAG-2004

Brisbane, Austrália – 24 a 25 de junho de 2004

Essa é uma conferência para profissionais de agricultura urbana e de planejamento de políticas governamentais, que irá focar as oportunidades oferecidas por essa atividade produtiva na região subtropical de Brisbane, Austrália. O evento, com a duração de dois dias, deverá ser o primeiro de uma série de conferências sobre agricultura urbana organizadas a cada dois anos, que deverão se alternar entre Brisbane e Singapura. Mais informações: Geoff@networx.info

Questões emergentes na relação urbano-rural: unindo a ciência à sociedade

Atlanta, EUA – 13 a 16 de março de 2005

O Centro para a Sustentabilidade Florestal da Universidade de Auburn, o Centro de Políticas Florestais, e o Instituto Ambiental solicitam o envio de estudos e resumos para serem apreciados nessa próxima conferência. O evento busca discutir as questões emergentes da interface urbano-rural. O apoio da Fundação Nacional das Ciências dos EUA torna possível a oferta de bolsas para a participação de estudantes de graduação e pós-graduação. A data final para envio de resumos é 15 de novembro de 2004. Mais informações: www.sfw.s.auburn.edu/urbanruralinterfaces.

Congresso do IUAES sobre “Mega-urbanização, sociedade multiétnica, direitos humanos e desenvolvimento”

Calcutá, Índia – 12 a 15 de dezembro de 2004.

Soheila Shahshahani, membro da Comissão para Povos Nômades e do Comitê Executivo da União Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences - IUAES), está organizando um painel sobre “nômades pastores nas áreas urbanas”. Ela está buscando resumos de estudos de quem queira participar deste painel no Congresso do IUAES. Esses resumos, com não mais de 200 a 250 palavras, devem ser enviados até 15 de junho de 2004 para Soheila Shahshahani, Shahid Beheshti University, Executive Secretary of the Commission on Urban Anthropology, BP 19585-193, Tehran, Iran. Tel. & fax: 0098 254 746; Mais informações sobre o painel: Soheila@Kanoon.net ou www.anthro-iran.com/. Mais informações sobre o Congresso: www.iaesintercongresscalcutta-2004.com/

Semana Mundial da Água e Simpósio

Estocolmo, Suécia – 16 a 20 de agosto de 2004

A Semana Mundial da Água em Estocolmo é conhecida internacionalmente como uma plataforma global para a discussão permanente sobre as graves questões ligadas à água no mundo. Estão previstos diversos seminários, eventos paralelos e cerimônias, incluindo o 14o. Simpósio sobre Água realizado em Estocolmo, neste ano intitulado “Segurança nas bacias de drenagem – abordagens regionais para a segurança alimentar e urbana”. Mais informações: Katarina Andrzejewska - sympos@siwi.org ou www.siwi.org